

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO,
LINGUAGEM E TECNOLOGIA

ROUSSEAU E A FORMAÇÃO DO HOMEM AUTÔNOMO
GERALDO MÁRCIO DA SILVA

Anápolis-GO

2020

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CAMPUS ANÁPOLIS DE CIÊNCIAS SÓCIO-ECONÔMICAS E HUMANAS
MESTRADO INTERDISCIPLINAR EM EDUCAÇÃO,
LINGUAGEM E TECNOLOGIA

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO:
METODOLOGIA DE PESQUISA

ROUSSEAU E A FORMAÇÃO DO HOMEM AUTÔNOMO
GERALDO MÁRCIO DA SILVA

Anápolis-GO
2020

GERALDO MÁRCIO DA SILVA

ROUSSEAU E A FORMAÇÃO DO HOMEM AUTÔNOMO

Trabalho apresentado ao Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias.

Área de concentração: Processos Educativos, Linguagem e Tecnologias.

Linha de pesquisa: Educação, Escola e Tecnologias.

Orientador: Prof. Dr. Ged Guimarães

Anápolis-GO

2020

SILVA, Geraldo Márcio.

Rousseau e a formação do homem autônomo.

103 n° de folhas

Orientador: Ged Guimarães

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Goiás, Campus Anápolis de Ciências Sócio- Econômicas e Humanas – Anápolis, 2020.

1. Formação. 2. Emílio. 3. Homem autônomo. I. Guimarães, Ged.

ROUSSEAU E A FORMAÇÃO DO HOMEM AUTÔNOMO

Esta dissertação foi considerada aprovada para a obtenção do título de Mestre em Educação, Linguagem e Tecnologias pelo Programa de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias da Universidade Estadual de Goiás – UEG, em 28 de Setembro de 2020.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ged Guimarães (IELT – UEG)

Orientador/ Presidente

Prof^ª. Dr^ª. Veralúcia Pinheiro (IELT – UEG)

Membro interno

Prof^ª. Dr^ª. Simone de Magalhães Vieira Barcelos (UnU Inhumas – UEG)

Membro externo

Prof. Dr. Evandson Paiva Ferreira (PPGEEB CEPAE – UFG)

Membro externo

Anápolis-GO., 28 de Setembro de 2020.

À memória de Jean-Jacques Rousseau,
por tudo o que aprendi com os seus
escritos.

À memória do meu bisavô José Teixeira
Rocha

À memória do meu avô João Pereira da
Silva

Ao meu filho Geraldo Augusto.

Aos meus sobrinhos Davi, Filipe, Clara e
Caio.

Aos meus pais, Glória e Geraldo. Às
minhas irmãs Mércia, Mírcea e Mariane.

Aos meus alunos com o desejo de que
este trabalho me faça um professor mais
consciente.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Ged Guimarães, pelo cuidado ao ler os textos de Rousseau comigo, interpretando cada palavra, me ensinando a ler o que está em questão na discussão filosófica. Pela paciência que conduziu as orientações mostrando-me cada detalhe, pensando os problemas e caminhando junto comigo. Por abrir as portas de sua casa, pela amizade estabelecida e por sua confiança em mim depositada para que eu pudesse fazer este trabalho. Por suas explicações detalhadas dos conceitos-chave, montando o quebra-cabeça do pensamento, o que me ajudou a sair de um mundo particular para ver além daquilo a que os meus olhos estavam presos. Sinto-me muito honrado em ser orientado de um professor esclarecido que usa o ensino para mudar a vida das pessoas. Obrigado imensamente por me fazer enxergar aquilo que sozinho eu seria incapaz de ver.

Agradeço ao Professor Ildeu Moreira Coelho, que me faz transcender a um mundo lógico possível, e que me ensinou que não basta apenas estar aí, é necessário sentir. A me conduzir a mundos que não estão nesta esfera terrena. Obrigado por abrir as portas para que eu pudesse participar do grupo de estudo do qual é o coordenador no GEFE- UFG, é sempre um momento de muito aprendizado, contribuiu diretamente na minha pesquisa, ver a forma como faz ajudou-me a entender qual o papel do filósofo na vida dos homens e no processo de formação.

Agradeço imensamente aos meus amigos irmãos: Gabriel José da Silva Neto e Ana Carolina Silva Araújo Britto de Fleury. Ele, que além de dividir comigo o nosso orientador, dividiu nesses anos os pensamentos, o banco do lado, as angústias, os anseios, a vida. Representa o irmão, aquele que está pronto para todos os momentos e todas as horas, inclusive quando o carro quebra, ou quando tem uma companhia para almoçar junto. Ela minha deusa, amiga, mulher que admiro e compartilho a minha vida, os nossos momentos em família, viagem, as festas, os pensamentos, os sonhos. Amigos construídos no mestrado e que perdurarão por toda a vida.

Agradeço a todos os professores com quem estudei nos primeiros anos da educação e que foram fundamentais na minha formação. Em especial aos professores do Colégio Estadual Polivalente Professor Goianny Prates, onde cursei a primeira fase do Ensino Fundamental e em especial aos do Lyceu de Goiânia, onde cursei a segunda fase

do Ensino Fundamental, Ensino Médio e que muito me incentivaram para prosseguir meus estudos da filosofia.

Agradeço ao Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia da UEG,(IELT-UEG), lugar onde fiz muitos amigos e que me trouxe crescimento intelectual e possibilidades novas para pensar.

Agradeço aos professores que tive na UFG-FAFIL, EMAC-UFG, FE-UFG, no IFITEG-PUC e FHC-UEM, que foram fundamentais para a minha formação.

Agradeço aos meus colegas de profissão do Estado de Goiás, do mestrado do IELT, da CRE - Aparecida de Goiânia, aos meus alunos que direta e indiretamente me incentivaram.

À Professora Ms. Maria Lúcia Roriz, que esteve comigo também durante essa jornada, por ter dividido um minicurso no SELT-UEG e por tantos outros trabalhos que desenvolvemos desde 2002.

À Professora Luiza Pereira Monteiro, por ter participado da minha banca de qualificação e ter contribuído muito com as observações proferidas.

À Professora Veralúcia Pinheiro, pela amizade, por ter participado diretamente da minha formação durante o mestrado, como banca no Seminário I do IELT-UEG, na publicação do artigo para revista de Musicologia EMAC-UFG – *O Processo Cultural do Coro da FOSGO; de outubro de 1999 a novembro de 2002*, por ter participado da minha banca de qualificação e ter contribuído muito com as observações proferidas.

À Professora Simone de Magalhães Vieira Barcelos, por todos os diálogos filosóficos na busca do conhecimento teórico, no incentivo ao estudo, no auxílio das questões sobre Rousseau, nas orientações quanto ao tempo para pensar e escrever, no pensamento sobre a formação humana.

RESUMO

Este trabalho é uma pesquisa de cunho teórico, que investiga a formação do Emílio em Jean-Jacques Rousseau e os motivos que o levaram a formá-lo fora da sociedade. Para tal, no primeiro capítulo, abordar-se-á os motivos de sua recusa em formar o homem na sociedade instituída, a sua constituição no estado de natureza, o que o fez sair dessa condição, a aquisição de uma nova forma de vida, a criação do estado civil e a recusa em formá-lo na sociedade. No segundo capítulo far-se-á um estudo do preparo da criança para ser educada contra a educação positiva. Para isso, investigar-se-á a educação da sociedade, o homem social, a impossibilidade em formar o homem na sociedade, qual formação propõe, o que recusa, para então entender o projeto educacional rousseauiano. No terceiro capítulo abordar-se-á a educação negativa, as fases da educação negativa e a formação do Emílio. A obra *Emílio ou Da educação* é referência principal, as obras de apoio são: *Ensaio sobre a Origem das Línguas*, *Discurso sobre as Ciências e as Artes* (Primeiro Discurso), o *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os homens* (Segundo Discurso), o *Contrato Social* e *A Nova Heloísa*. Rousseau prepara a criança para ser educada contra a educação positiva, aquela que antecipa os saberes e desrespeitam as fases da formação. Com isso, aquilo que ela reproduz não está internalizado porque não possui maturidade intelectual para compreender. Assim, os malefícios que esses ensinamentos causam no seu desenvolvimento intelectual não passam de futilidades. Esta educação é incapaz de formar o homem autônomo, por isso Rousseau pensa a educação negativa, aquela que conserva a natureza humana e respeita as fases da formação, permitindo-lhe que aprenda a suprir as próprias necessidades. Assim, o corpo gradativamente adquire a força necessária para superar os obstáculos naturais, a natureza humana é conservada distante dos hábitos e costumes. Eis a formação do homem autônomo, aquele que possui o equilíbrio entre força e necessidade e é pleno em qualquer momento da vida.

SILVA, Geraldo Márcio. Rousseau e a formação do homem autônomo. 103 páginas. Dissertação de Mestrado em Educação, Linguagem e Tecnologia, Universidade Estadual de Goiás – UEG, Anápolis – GO., 2020.

Orientador: Prof. Dr. Ged Guimarães.

Defesa: 28 de Setembro de 2020.

O presente trabalho é o relato de pesquisa desenvolvida no Programa de Pós Graduação de Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologia da Universidade Estadual de Goiás (UEM), de março de 2018 a setembro de 2020.

Palavras-chave: Emílio. Formação. Rousseau. Homem autônomo.

ABSTRACT

This work is a theoretical research, investigates the formation of Emile in Jean-Jacques Rousseau and the reasons that led him to form him outside society. To this end, in the first chapter we will address the reasons for the refusal to form man in the instituted society, the constitution of man in the state of nature, which made him leave the state of nature, the acquisition of a new way of life, the creation of the marital status and Emile and the refusal of society. In the second chapter there will be a study of the child's preparation to be educated against positive education. For that, we investigate the education of society, the social man, the impossibility of training man in society, what formation he proposes, what he refuses, to understand the educational project proposed by him. In the third chapter we will deal with negative education, the negative education phases and the formation of the Emile. The work *Emile, or on education* is the main reference, supporting works: *Essay on the Origin of Languages*, *Discourse on the Arts and Science* (First Discourse), *Discourse on the Origin and Basis of Inequality Among Men* (Second Discourse), *The Social Contract* and *Julie, or the New Heloise*. Rousseau prepares the child to be educated against positive education, one that anticipates knowledge and disrespects the stages of formation. Thus, what it reproduces is not internalized because it does not have the intellectual maturity to understand. Thus, the harm these teachings cause to her intellectual development is nothing but futility. This education is incapable of autonomous man, so he thinks of negative education, one that conserves human nature and respects the phases of the child's formation, allowing him to learn to meet his own needs. In this way, the body gradually acquires the strength necessary to overcome natural obstacles. Thus, human nature is kept away from social habits and customs. This is the formation of the autonomous man, one who has the balance between strength and need and is complete at any time in life.

SILVA, Geraldo Márcio. *Rousseau and the formation of the autonomous man*. 102 pages. Master's Dissertation in Education, Language and Technology, Goiás State University - UEG, Anápolis - GO., 2020.

Teacher advisor: Prof. Dr. Ged Guimarães.

Defense: September 28, 2020.

This work reports a research which conducted developed in the Graduate Program of Interdisciplinary Master in Education, Language and Technology of the State University of Goiás (UEM), from March 2018 to September 2020.

Keywords: Emile. Formation. Rousseau. Autonomous man.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - A RECUSA DE JEAN-JACQUES ROUSSEAU EM FORMAR O HOMEM CONFORME A SOCIEDADE INSTITUÍDA.....	15
1.1 O Homem natural	15
1.2 Emílio e a recusa da sociedade.....	29
CAPÍTULO 2 - JEAN- JACQUES ROUSSEAU PREPARA A CRIANÇA PARA SER EDUCADA CONTRA A EDUCAÇÃO POSITIVA.....	43
2.1 A educação da sociedade.....	43
2.2 Rousseau prepara a criança para ser educada.....	61
CAPÍTULO 3 - A EDUCAÇÃO NEGATIVA: FORMAÇÃO DO HOMEM AUTÔNOMO EM JEAN-JACQUES ROUSSEAU	69
3.1 A educação negativa.....	69
3.2 As fases da educação negativa.....	73
3.3 O homem autônomo	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101

Introdução

Já desde os primeiros anos, uma educação insensata orna nosso espírito e corrompe nosso julgamento. Vejo em todos os lugares estabelecimentos imensos onde a alto preço se educa a juventude para aprender todas as coisas, exceto seus deveres. Vossos filhos ignoram a própria língua, mas falarão outras que em lugar algum se usam; saberão compor versos que dificilmente compreenderão; sem saber distinguir o erro da verdade, possuirão a arte e torná-los ambos irreconhecíveis aos outros, graças a argumentos especiosos; mas não saberão o que são as palavras magnanimidade, equidade, temperança, humanidade e coragem; nunca lhes atingirá o ouvido a doce palavra pátria.

Jean-Jacques Rousseau, em *Discurso Sobre as Ciências e as Artes*.

Este trabalho investiga a formação do homem autônomo em Jean Jacques Rousseau, a obra base deste estudo foi *Emílio* publicado em 1762 que levanta a polêmica tanto nos dógmas protestantes e católicos quanto nos pensamentos dos ateus sobre a religião natural não revelada, imposta por um sentimento interior provindo de Deus, por uma voz da consciência que atinge diretamente o coração do homem, sem a necessidade dos ritos, dos hábitos e costumes da sociedade. Também em 1762 ele publica o *Contrato Social* que pensa questões políticas referentes a um governo republicano e sobre a vontade geral do povo que é soberano, assim deixa tanto a monarquia francesa quanto a aristocracia de Genebra enfurecidas. Em 9 de junho *Emílio* é condenado pelo Parlamento de Paris, dois dias depois a obra é queimada em praça pública, posteriormente *Emílio* e o *Contrato Social* são queimados em Genebra.

No primeiro capítulo da dissertação trata-se de refletir sobre a recusa de Rousseau em formar o homem conforme a sociedade instituída por meio do discurso ilegítimo que prioriza a vontade particular em detrimento da coletiva, o que ocorre com o nascimento da propriedade, no último estágio do estado de natureza. Primeiramente define-se o homem no estado de natureza, o caminho que perpassou, compreendendo os motivos que o fizeram sair do estado natural e pensando nas mudanças que sofreu para transformar-se em homem social. Posteriormente investiga-se a recusa de Rousseau em

formar Emílio na sociedade, já que essa forma em conformidade com os interesses particulares, nela o homem vive por aparências e degenera a natureza humana.

No segundo capítulo define-se o conceito rousseauiano de educação positiva, aquela que educa a criança como se fosse um adulto em miniatura, ensina lições que desrespeitam a fase da infância porque quer formá-la antes da hora, antecipando-lhe saberes que é incapaz de compreender. Assim, não considera o desenvolvimento físico da criança e concebe-a como um pequeno sábio. Rousseau pensa que, na educação positiva, aquilo que a criança reproduz não está internalizado porque não possui maturidade intelectual para entender, logo, forma o homem degenerado. Na contramão da educação positiva ele prepara a criança para ser educada, isso só é possível se existir condições para que ela aprenda gradativamente suprir as necessidades em equilíbrio com a força que possui.

No terceiro capítulo discute-se a educação negativa, aquela que nega a sociedade. Todo o seu esforço será para conservar a natureza humana, respeitar as fases da formação da criança, permitindo-lhe que aprenda a possuir o equilíbrio entre a necessidade e a força e, assim, o corpo superar gradativamente os obstáculos naturais conforme a idade. Assim, além de conservar a natureza humana ela distancia Emílio dos hábitos e costumes sociais. Aborda-se o agir autônomo; qual é a justa medida entre a necessidade e a força; como Emílio se reconhece e reafirma a humanidade em si mesmo, o que a formação faz para que torne o homem agente de si mesmo, uma unidade indivisível, que tenha coerência no que diz e faz; e ainda, o que é consciência no ser humano que sente e vive em conformidade com a natureza humana. Assim, Rousseau nos permite pensar o plano das possibilidades para formar Emílio, revendo os preconceitos, as posturas pedagógicas e a formação humana que respeita as fases do desenvolvimento da criança a conduz para preservar o que constitui a humanidade, a fim de evitar os preconceitos que deformam a consciência e afastam o homem da autonomia. Assim procedendo, forma-se o homem autônomo, que se faz pleno em qualquer momento da vida, que não está sujeito à opinião alheia a si mesmo, sabe suportar os obstáculos, aprende a respeitar o tempo e a condição humana. Sempre com o olhar voltado para si, o homem autônomo age em conformidade com a sua reflexão para si mesmo, refletindo o sentido da existência, da consciência do ser bom e justo. A autonomia é a justa medida do pensamento quando a ação é condizente com o desejo e a necessidade, sendo assim, o homem autônomo não prejudica outrem e não deseja aos

outros aquilo que rejeita para si mesmo, não se cala diante de injustiças, está sempre disposto a fazer o possível para o crescimento dos outros.

Nas considerações finais aborda-se o que o pensamento de Rousseau nos provocou a pensar, o que a educação negativa e Emílio contribui para a reflexão das questões do nosso tempo e sobretudo na educação prevalente em nossa sociedade.

Capítulo 1

A recusa de Jean-Jacques Rousseau em formar o homem conforme a sociedade instituída

O homem é bom por sua natureza.
Jean-Jacques Rousseau, em *Carta a Christophe de Beumont e outros escritos sobre a religião e a moral*.²

1.1 O HOMEM NATURAL

Em 1753, a academia de Dijon propõe a seguinte questão: “qual é a origem da desigualdade entre os homens e se é ela autorizada pela lei natural” (ROUSSEAU, 1983b, p. 215). Jean-Jacques Rousseau concorre ao prêmio e apresenta o seu pensamento sobre essa questão na obra *Segundo Discurso*,¹ no entanto ele não vence. Responde a questão proposta, porém o seu foco não é o nascimento da desigualdade natural, uma vez que a desigualdade não advém da natureza, pensar a resposta da questão enunciada na definição torna-se um equívoco de formulação dos pensamentos. Rousseau ignora o título proposto e investiga a origem da desigualdade moral ou política entre os homens na sociedade, excluindo assim a possibilidade de encontrá-la na natureza. O filósofo elabora uma hipotética condição: um estado em que os homens

¹O *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade entre os homens* foi intitulado como *Segundo Discurso* porque Rousseau já havia escrito o *Discurso sobre as Ciências e as Artes*, *Discurso*, vencedor do prêmio da Academia de Dijon em 1750.

viviam isolados e solitários, no qual o homem natural supria somente as necessidades prescritas pela natureza.²

Nessa perspectiva, a desigualdade natural constitui-se pelo antagonismo entre força e fraqueza, astúcia e lentidão que, no estado de natureza, o homem é incapaz de distinguir por inúmeras mudanças que lhe foram acometidas, como: a escassez de alimentos, as intempéries, os animais perigosos. Com o desenvolvimento da *perfectibilidade*, o homem aprende a defender-se, a construir instrumentos tanto para o auxílio da caça quanto da pesca. Segundo Robert Derathé:

A noção de “perfectibilidade” ou de “faculdade virtual” lhe permite permanecer de acordo consigo mesmo. A sociabilidade, segundo Rousseau, é um sentimento inato, assim como a razão é uma faculdade inata. Mas uma e outra só existem “em potência” no homem natural, pois seu desenvolvimento está ligado a condições que só se encontram reunidas no meio social. É preciso que o homem tenha conhecimentos para “se tornar” sociável, e ele só pode adquiri-los por um comércio constante com seus semelhantes. “As afeições sociais só se desenvolvem em nós com nossas luzes”, escreve Rousseau no *Ensaio sobre a origem das línguas*. A sociabilidade será, então, praticamente nula em um ser que, por razão de seu próprio isolamento, está “privado de qualquer espécie de luz”. (DERATHÉ, 2009, p. 225, grifo do autor).

Na primeira parte do *Segundo Discurso*, Rousseau pensa em dois tipos de desigualdade entre os homens tanto a natural quanto a moral. A desigualdade natural ou física, em que, o homem físico, pensado no primeiro estágio do estado de natureza,³ é aquele que não sai de si mesmo,⁴ vive do instante presente e possui seus sentidos limitados. Enquanto a natureza dá a todos os animais um instinto que os caracteriza, já o homem, “não tendo talvez nenhum que lhe pertença exclusivamente, apropria-se de todos, igualmente se nutre da maioria dos vários alimentos que os outros animais dividem entre si” (ROUSSEAU, 1983b, p. 238). A desigualdade física é estabelecida pela natureza, caracteriza-se pela diferença dos homens em suas idades, força corpórea, da saúde, estatura, sexo, cor de pele, cor dos olhos, “das qualidades do espírito e da

² Segundo Jean Starobinski (2011, p. 371, grifo do autor): “Rousseau aí descreve o *estado* primitivo do homem, sua solidão ociosa e feliz, seus desejos em harmonia com suas necessidades, seus apetites imediatamente satisfeitos pela natureza; está aí o equilíbrio primeiro, anterior a todo devir; é a interminável *moderação por nada* que precede o começo; o tempo não transcorre ainda, não há história, as águas estão imóveis”.

³ De acordo com Starobinski (2011, p. 393), “O físico do homem da natureza se define pela saúde”.

⁴ No estado de natureza, o homem sempre em si mesmo faz parte da natureza. Segundo Rousseau (2004, p. 11), “o homem natural é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante”.

alma” (ROUSSEAU, 1983b, p. 235).⁵ Prescrito pela natureza, vive independente, não possui nenhuma relação moral e, ocasionalmente, se encontra com seus semelhantes. Desprovido de consciência, vive:

errando pelas florestas, sem indústria, sem palavra, sem domicílio, sem guerra e sem ligação, sem qualquer necessidade de seu semelhante, bem como sem qualquer desejo de prejudicá-los, talvez sem sequer reconhecer alguns deles individualmente, o homem selvagem, sujeito a poucas paixões e bastando-se a si mesmo, não possuía se não os sentimentos e as luzes próprias desse estado, no qual só sentia suas verdadeiras necessidades, só olhava aquilo que acreditava ter interesse de ver, não fazendo sua inteligência maiores progressos do que a vaidade. (ROUSSEAU, 1983b, p.257).

Uma forma “simples, uniforme e solitária de viver prescrita pela natureza” (ROUSSEAU, 1983b, p. 241) garante ao homem a plena igualdade entre os seus semelhantes e a possibilidade de estar “só, desocupado e sempre próximo do perigo” (ROUSSEAU, 1983b, p. 242). Ele vive “tão-só se aproveitando dos dons que a natureza lhe oferecia” (ROUSSEAU, 1983b, p. 260), fartura de alimentos, repouso, liberdade, força para alcançar o que necessita e, assim, suprimidas todas as suas necessidades, vive desprovido de preocupações para além das necessidades imediatas de conservação e subsistência. A solidão e a independência são condições nesse estado e, sem a necessidade do uso da linguagem, possui a faculdade da razão em potência.⁶

Constituindo a própria conservação quase sua única preocupação, as faculdades mais exercitadas deverão ser aquelas cujo objetivo principal seja o ataque e a defesa, quer para subjugar a presa, quer para defender-se de tornar-se a de um outro animal; os órgãos que só se aperfeiçoam pela lassidão e pela sensualidade devem, ao contrário, permanecer num estado de grosseria que deles excluirá qualquer delicadeza, ficando seus sentidos, nessa direção, divididos, terá o tato e o gosto de uma rudez extrema, e a vista, a audição e o olfato de uma enorme sutileza.(ROUSSEAU, 1983b, p. 242).

⁵ Quando Rousseau afirma que fazem parte da desigualdade natural as “qualidades do espírito e da alma”, entendemos que faz alusão ao *De Anima*, de Aristóteles, em que afirma que o espírito funda-se à massa corpórea dotada de animosidade. O corpo animado compreende o espírito e dá vida aos animais, portanto, possuem a alma sensitiva. Aristóteles (2010, p. 76) afirma que “o sensível, existe em potência, quer em atividade. Esclareçamos primeiro que, de facto, <<ser afectado>>,<<mover-se>> e <<passar à atividade>> são a mesma coisa”.

⁶ Segundo Robert Derathé (2009, p. 246): “o homem é racional por natureza, ele não possui naturalmente a razão senão “em potência”, e não pode adquirir efetivamente seu uso antes de se tornar sociável. Se assim é, é porque por uma disposição sábia de nossa natureza, nossas faculdades só podem desenvolver-se com as ocasiões de exercê-las, isto é, no momento em que elas se tornam necessárias para vivermos. Toda faculdade inata continua sendo uma “faculdade virtual” enquanto é “supérflua”. É o caso da razão no estado de natureza. O homem selvagem não faz nenhum uso de sua razão, pois não tem necessidade de outro guia além do instinto.

O homem no estado de natureza utiliza os seus sentidos para adquirir ideias e as executa “como agente livre” (ROUSSEAU, 1983b, p. 242-243). Assim, possui a liberdade no sentido de concordar ou resistir ao que se lhe apresenta, além do mais, adquire a consciência desse atributo inerente à sua natureza, quer dizer, aprende a saber o que quer. A escolha consiste num tipo de poder sobre si e sobre o que lhe é exterior:

A natureza manda em todos os animais, e a besta obedece. O homem sofre a mesma influência, mas considera-se livre para concordar ou resistir, e é sobretudo na consciência dessa liberdade que se mostra a espiritualidade de sua alma, pois a física de certo modo explica o mecanismo dos sentidos e a formação das ideias, mas no poder de querer, ou antes, de escolher e no sentimento desse poder só se encontram atos puramente espirituais que de modo algum serão explicados pelas leis mecânicas. (ROUSSEAU, 1983b, p. 242).

Segundo Rousseau (2004), o homem natural é provido de dois sentimentos: o amor-de-si e a piedade: o “amor de si é sempre bom e sempre conforme à ordem. Estando cada qual encarregado de sua própria conservação, o primeiro e mais importante de seus cuidados é e deve ser zelar por ela continuamente” (ROUSSEAU, 2004, p. 288). Para o filósofo, a piedade é um sentimento moderador, caracterizado pela capacidade de conservação recíproca da espécie, uma aversão instintiva diante do sofrimento alheio, algo que até os outros animais podem sentir. Assim, a piedade impulsiona a natureza tanto dos animais quanto dos homens à máxima: “*Alcança teu bem com o menor mal possível para outrem*” (ROUSSEAU, 1983b, p. 254). Ela é “uma repugnância natural por ver perecer ou sofrer qualquer ser sensível e principalmente nossos semelhantes” (ROUSSEAU, 1983b, p. 230-231).⁷ Esses dois sentimentos são a garantia da vida livre.

Os homens no estado de natureza devem “sentir menos frequentes e menos vivamente os ardores do temperamento e, em consequência, disputar com menos frequência e crueldade” (ROUSSEAU, 1983b, p. 255-256). Não existe nesse estado a imaginação, assim, “cada um recebe calmamente o impulso da natureza, entrega-se a ele sem escolha, com mais prazer do que furor, e, uma vez satisfeita a necessidade, extingue-se todo o desejo” (ROUSSEAU, 1983b, p. 256). Na *Carta a Beaumont*, Rousseau afirma:

⁷ De acordo com Gatti (2015, p. 142), “na piedade se fundamenta o ‘direito natural’ apropriado a essa fase do desenvolvimento da humanidade, um direito que não tem necessidade da razão para ser descoberto e que é imediatamente eficaz”.

Expliquei ainda o que entendi por essa bondade originária, que não parece se deduzir da indiferença quanto ao bem e ao mal, própria do amor de si. O homem não é um ser simples; ele se compõe de duas substâncias. Se nem todos concordam com isso, nós concordamos, e eu procurei demonstrá-lo a outros. Uma vez isso provado, o amor de si não é mais uma paixão simples, mas tem dois princípios, a saber, o ser inteligente e o ser sensível, cujo bem estar não é o mesmo. O apetite dos sentidos conduz ao bem-estar do corpo, e o amor pela ordem, ao da alma. Este último amor, desenvolvido e tornado ativo, recebe o nome de consciência; mas a consciência só se desenvolve e age em conjunto com as luzes do homem. E só graças a essas luzes que ele atinge um conhecimento da ordem, e é só quando a conhece que sua consciência o leva a amá-la. A consciência, portanto, não existe no homem que ainda nada comparou e que não percebe suas relações. Nesse estágio, ele conhece apenas a si mesmo; não vê seu bem-estar em oposição ou em conformidade ao de mais ninguém. Não odeia nem ama nada; limitado unicamente ao instinto físico, ele é nulo, estúpido. (ROUSSEAU, 2005, p. 48-49).

Na segunda parte ele pensa o homem “metafísico e moral”, aquele que possui três desejos e dois temores: “a alimentação, uma fêmea e o repouso; os únicos males que teme, a dor e a fome” (ROUSSEAU, 1983b, p. 244).⁸ É o amor-de-si que permitirá com que ele sinta e busque suprir os desejos e proteger-se dos temores para sua conservação. O amor-de-si é inseparável da liberdade, isso porque ela se funda na natureza. Um dos componentes vitais da liberdade é a força, garantia que possibilitar-lhe-á suprir as necessidades. Portanto, os elementos mobilizadores do *devoir* do homem são: o amor-de-si, a piedade, a liberdade e a força. Robert Derathé afirma:

Se seguirmos o conselho de Barbeyrac e nos remetermos à obra de Locke, com efeito, encontraremos o seguinte texto: “Essa *Liberdade*, pela qual não se está sujeito a um poder arbitrário e absoluto, é tão necessária e está tão estreitamente unida à *Conservação do Homem* que ela só pode ser desta separada por aquilo que destrói, ao mesmo tempo, sua *conservação e sua vida*. Ora, um Homem, não tem um poder sobre sua própria vida, não pode, por nenhum Tratado nem por seu próprio consentimento, tornar-se Escravo de quem quer que seja, nem submeter-se ao poder absoluto e arbitrário de um outro que lhe subtrai a vida quando lhe apraz. *Ninguém pode dar mais poder*

⁸ De acordo com Starobinski (2011, p. 393-394, grifo do autor), “o moral do homem da natureza é a ‘vida imediata’, o impulso espontâneo da simpatia e do amor de si. No estado de dispersão em que Rousseau imagina a humanidade primitiva, nada une o indivíduo ao seu semelhante, mas nada igualmente o escraviza. Não experimentando nenhum desejo de comunicação, ele não se sente separado; nenhuma distância metafísica o afasta ainda do objeto exterior. Sua relação com o mundo circundante se estabelece no equilíbrio perfeito: o indivíduo faz parte do mundo, e o mundo faz parte do indivíduo. Há correlação, acordo harmonizado entre a necessidade, o desejo e o mundo. O desejo, circunscrito no limite estreito do instante, jamais ultrapassa a estrita medida da necessidade, e esta, inspirada apenas pela natureza, é muito rapidamente satisfeita para que surja a consciência de uma falta; a floresta original provê a tudo. Isso compõe a figura de uma felicidade. Só, ocioso, próximo do sono, desejando pouco, facilmente cumulado, o homem primitivo tem por reino a grande *moderação por nada* em que a história ainda não tem curso. Evocando esse paraíso à instigação de sua própria nostalgia, Rousseau redescobre os temas de uma fantasia milenar: por toda parte, em todas as épocas, sabendo que o tempo os condena à morte, os homens imaginaram um paraíso situado ante do tempo, e que foi ele próprio morto pelo tempo”.

do que ele mesmo tem; e aquele que não pode subtrair sua própria vida, sem dúvida, não pode tampouco comunicar a um outro qualquer direito sobre ela". (DERATHÉ, 2009, p. 298, grifo do autor).

Derathé (2009) afirma que Rousseau compreende a liberdade como uma condição inviolável do ser humano, além disso, ela não pode ser doada ou emprestada a ninguém já que não pertence àquele que a conserva. A liberdade pertence à natureza, cabe ao homem mantê-la conforme a condição natural. Enquanto houver vida no corpo, ela garantirá a conservação conforme a condição humana. Isso implica em alguns cuidados naturais, já que a não conservação de si mesmo incorre em um crime contra e prescrito pela própria natureza. Portanto, aquele que não conserva a liberdade inerente a si mesmo está morto, tanto fisicamente quanto moralmente. A ausência da liberdade é a destruição da natureza humana, da condição prescrita por ela.

Esse texto é extremamente importante, pois nele vemos claramente como a liberdade tem seu fundamento na natureza, e porque não é permitido ao homem dela despojar-se. A liberdade do homem é inseparável do instinto de conservação, ela é seu prolongamento, sua forma jurídica ou, mais exatamente, o direito que lhe corresponde. Se a natureza dotou os homens de liberdade, é para que eles mesmos cuidem de sua conservação. Além disso, não se tem o direito de renunciar à sua liberdade mais do que se teria, segundo a lei natural, o direito de subtrair a própria vida. O caráter inalienável da liberdade decorre de sua estreita união com a conservação do homem. O mesmo ocorre em Rousseau. "Essa liberdade comum, diz ele, é uma consequência da natureza do homem. Sua primeira lei é a de cuidar de sua própria conservação, seus primeiros cuidados são aqueles que ele deve a si mesmo; e tão logo atinja a idade da razão, sendo o único juiz dos meios apropriados para se conservar, ele torna-se assim seu próprio senhor". Portanto, para Rousseau, o homem é livre porque ele é "o único juiz natural do que convém à sua conservação". Alienar sua liberdade equivale a renunciar ao direito de dispor de sua vida e de seu ser. Tal renúncia, quaisquer que sejam seus motivos, é incompatível com a lei natural que confia a cada um o cuidado de sua própria conservação. (DERATHÉ, 2009, p. 298-299).

Segundo Rousseau (1983b), o homem natural é um agente livre, isso lhe permite estar atento e disposto tanto para se conservar quanto para escolher o caminho a ser seguido. Assim, ele vivia limitado às suas sensações de existência, mas surgiram "dificuldades e impôs-se aprender a vencê-las" (ROUSSEAU, 1983b, p. 260); a *perfectibilidade* possibilitou-lhe superar os obstáculos naturais. Para existir, o homem precisa ser livre, no entanto, a realização da liberdade ocorre por meio da formação. Isso implica que todos os homens têm a oportunidade de confirmar sua humanidade. A escassez de alimentos obrigou o homem natural a aprender a plantar, a separar as sementes, a prover diante de uma fome futura.

A força física do homem constitui um dos principais meios para a sua sobrevivência, os exercícios corporais fazem parte da constituição do seu ser, portanto, são vitais. O corpo é o instrumento que possibilita sentir a existência, permite a interação entre a própria natureza e os elementos que a circundam. O homem natural não possui a capacidade de se separar da natureza; também lhe falta capacidade de distinguir outros elementos e as coisas que o cercam. Assim, foram as necessidades que lhe permitiram observar de maneira diferente o que antes via como unidade, o “todo perfeito” que anteriormente estava em conformidade com a natureza e vivia desprovido de desenvolver as suas capacidades. O homem natural necessitou aprender a subir nas árvores mais altas, a correr em alta velocidade para defender sua vida dos animais ferozes, a construir ferramentas para combater os ameaçadores (ROUSSEAU, 1983b, p. 260).

O homem utiliza a *perfectibilidade*, a agilidade, a força e o vigor para reforçar a disputa contra o mais forte e contra os obstáculos naturais. Necessitou construir e aprimorar as ferramentas feitas dos galhos das árvores e das pedras, e aprender a carregá-las. Quanto maior a necessidade, maior o trabalho e assim ele adquire uma nova forma de agir na vida. Unindo-se aos seus semelhantes, percebe lentamente que poderia alcançar uma presa maior. A caçada em conjunto era descompromissada, não existia uma preocupação coletiva. Mesmo em bando, se surgisse uma presa pequena e fácil de ser capturada, instintivamente ele deixava o bando, perseguia a presa menor e supria a sua fome. Conforme Rousseau (1983b, p. 260-261), o processo de socialização fortalecia em alguns momentos o mais fraco, o que une raramente ou rarissimamente os homens neste estado é o interesse comum e a concorrência.

O gênero humano lentamente se adapta e supera as dificuldades climáticas das diferentes regiões, aprende a utilizar as peles dos animais para proteger-se do frio e do calor, a cultivar os diferentes tipos de terra. Foi-lhe necessário construir uma habitação para proteger-se das intempéries. As necessidades de sobrevivência fizeram com que inventasse a linha, o anzol, os arcos, as flechas, tudo aquilo que possibilitasse ter o domínio sobre a natureza. Assim, uns tornaram-se caçadores e guerreiros, outros pescadores. O homem encontrou uma maneira de conservar e reproduzir o fogo para modificar o preparo das carnes que anteriormente devorava cruas. Adquire a capacidade de perceber uma diferença entre os animais e, com isso, aprende a montar armadilhas para enganá-los e capturá-los. Na luta pela sobrevivência encontra animais fortes e

velozes, aprende a domesticá-los e utilizá-los para sua subsistência (ROUSSEAU, 1983b, p. 260).

Ele passa a observar seus semelhantes e dessa percepção primitiva nasce o orgulho. O convívio possibilitou perceber que todos os outros homens comportavam-se como ele em circunstâncias semelhantes. A ação comum não ocorre no plano individual; a capacidade de reconhecer o outro como semelhante possibilita compreender, por exemplo, que pensam e sentem de modos parecidos, sendo assim, a partir desse reconhecimento, podem construir juntos uma realidade em torno das necessidades quanto dos interesses que os unem. Aprende que o amor e o bem-estar são as motivações das ações humanas por excelência. As experiências de aproximação, as tentativas de produção da vida em comunidade e as ações dos grupos fazem nascer disputas e concorrência. Resulta disso uma desconfiança entre os semelhantes já que os indivíduos buscavam vantagens uns em relação aos outros pela força, habilidade, ou até mesmo pela astúcia (ROUSSEAU, 1983b, p. 260).

Segundo Rousseau (1983b), o princípio originário de associação não compreende um acordo entre as partes, ou compromisso firmado entre os acordantes. É uma situação primitiva de origem natural cuja vantagem estabelecida era o cumprimento ou o interesse sensível de exigência natural. Prever de quase nada valia, pois esses homens, reunidos fortuitamente, pouco preocupavam-se com o futuro, pensavam fundamentalmente no presente, com a conservação e a subsistência. A comunicação acontecia por meio dos gestos, que lhes auxiliavam na captura das presas. Os gritos inarticulados e ruídos imitativos da natureza também garantiam avisar aos outros os possíveis ataques dos predadores. Com o convívio, esses sons foram articulados produzindo “línguas particulares”.

O homem passa a construir, com instrumentos, as choupanas feitas de ramagens e madeira, cortadas com os machados de pedras, revestidos por argila e lama. Ele adquire uma nova forma de abrigar-se: anteriormente dormia nas árvores ou em cavernas, após suas construções pôde abrigar-se nas cabanas. Essas ações, quase imperceptivelmente, significaram a alteração do modo de viver decorrente de sua *perfectibilidade*. Segundo Rousseau (1983b, p. 262), “essa época se prende uma primeira revolução que determinou o estabelecimento e a distinção das famílias e que introduziu uma espécie de propriedade da qual nasceram talvez brigas e combates”. Eis a passagem do primeiro para o segundo estágio do estado de natureza.

Mesmo que o homem ainda estivesse no estado de natureza, já não permanecia primitivo, pois mudanças aconteceram: ele percebeu que venceria as dificuldades não somente por meio da força física, mas aprendeu que imitar também contribuía com a nova condição adquirida para conservar-se. Assim, o fraco passa a imitar o forte, e não é uma imitação interessada e sim um meio de sobrevivência. O mais forte fez moradia para se proteger, tanto para se defender dos perigos quanto das intempéries. O mais fraco, por conseguinte mais simples, sem a possibilidade de desalojar o forte de sua cabana, movido por uma ideia primitiva de sensatez e prudência, construiu sua cabana por imitação. O fraco não tentou apoderar-se da cabana de seu vizinho forte, “menos por não lhe pertencer do que por ser-lhe inútil” (ROUSSEAU, 1983b, p. 262).

Uma nova situação passou a vigorar nesse homem, seus primeiros progressos foram os do coração. Nasce uma habitação em comum formada por homens, mulheres e sua prole, daí se potencializa tanto o amor entre os pares quanto o paterno (ROUSSEAU, 1983b, p. 262). Nesse período, a família compunha uma pequena sociedade, mulheres e homens passam a ser distintos por suas atividades, “a mais antiga de todas as sociedades, e a única natural, é a família” (ROUSSEAU, 1983d, p. 23). Conforme Rousseau (1983b, p. 262), as tarefas entre os sexos sofreram mudanças: enquanto as mulheres cuidam dos filhos e da cabana, os homens buscam a subsistência para todos:

Nesse novo estado, numa vida simples e solitária, com necessidades muito limitadas e os instrumentos que tinham inventado para satisfazê-las, os homens, gozando de um lazer bem maior, empregaram-no na obtenção de inúmeras espécies de comodidades desconhecidas por seus antepassados; foi o primeiro jugo que, impensadamente, impuseram a si mesmos e a primeira fonte de males que prepararam para seus descendentes, pois, além de assim continuarem a enfraquecer o corpo e o espírito, essas comodidades, perdendo pelo hábito quase todo o seu deleite e degenerando ao mesmo tempo em verdadeiras necessidades, a privação se tornou muito mais cruel do que doce fora sua posse, e os homens sentiam-se infelizes por perdê-las, sem ter sido felizes por possuí-las. (ROUSSEAU, 1983b, p. 262).

Pouco a pouco, ao redor de uma cabana, o homem amplia as ferramentas e o contato com os semelhantes. Aproximados, eles modificam a comunicação entre si, tanto no olhar quanto no gesto. O hábito do convívio permite olhar e ser olhado pelo outro constantemente, o que possibilita o desequilíbrio entre a força e a real necessidade, porque nasce daí os sentimentos de preferência e as ideias de beleza e mérito (ROUSSEAU, 1983b, p. 263). Aquele que “cantava melhor, o mais belo, o mais forte, o mais astuto ou o mais eloquente, passou a ser o mais considerado”

(ROUSSEAU, 1983b, p. 263). Com isso, ampliou-se a desigualdade, a necessidade de aparecer como o mais forte, o melhor ou o mais robusto, gerando assim o total desequilíbrio entre potência e desejos:

Os homens habituaram-se a reunir-se diante das cabanas ou em torno de uma árvore grande; o canto e a dança, verdadeiros filhos do amor e do lazer, tornaram-se a distração, ou melhor, a ocupação dos homens e das mulheres ociosos e agrupados. Cada um começou a olhar os outros, passando a desejar ser ele próprio olhado, passando assim a estima pública a ter um preço. (ROUSSEAU, 1983b, p. 263).

A apreciação mútua entre os homens faz com que construam no “espírito a ideia de consideração” (ROUSSEAU, 1983b, p.263), e, na medida em que o homem está em contato com outros homens, o amor-de-si degenera e adquire um novo formato: lentamente surge o amor-próprio. Percebe-se que ao conviver com seus semelhantes, os desejos e os temores são iguais para ambos e, com isso, embrionariamente, passam a estabelecer um tipo de norma, algumas regras de conduta comum que atendam o bem de todos. Assim, entende-se a composição que constitui a genealogia do ser moral (ROUSSEAU, 1983b, p. 263).

Gradativamente, as relações humanas, que ocorriam fortuitamente e de maneira descompromissada, adquirem, com o passar do tempo, certa afetividade, a necessidade de estar próximo aumenta, criando assim laços de convívio e novos sentimentos benéficos à vida do homem, já que a associação não estava corrompida pela propriedade e os homens desfrutavam somente das vantagens do convívio natural. Na *Carta a Beaumont*, Rousseau afirma:

Quando, por um desenvolvimento cujo progresso descrevi, os homens começam a lançar os olhos sobre seus semelhantes, passam também a perceber suas relações entre as coisas, a apreender as ideias de adequação, de justiça e de ordem. A beleza moral começa a tornar-se sensível para eles, e a consciência age. Eles adquirem, então, virtudes, e se adquirem também vícios é porque seus interesses conflitam e sua ambição desperta à medida que suas luzes se ampliam. Mas, desde que haja menos oposição de interesses que convergência de luzes, os homens permanecem essencialmente bons. Esse é o segundo estágio. (ROUSSEAU, 2005, p. 49).

No segundo estágio do estado de natureza, a moralidade adentra as ações humanas, ainda não existe o estabelecimento de leis que pudessem garantir o direito mútuo, as punições contra os crimes, o controle das ofensas, a ordem igualitária e comum a todos. Segundo Rousseau (1983b, p. 263), “toda afronta voluntária tornou-se

um ultraje”, isso porque o injuriado se sentia desprezado e concebia a ofensa inadmissível, mais grave do que o mal recebido. Cada qual julgava e vingava-se particularmente, daí “as vinganças tornaram-se tremendas e os homens sanguinários e cruéis” (ROUSSEAU, 1983b, p. 263).

Assim, embora os homens se tornassem menos tolerantes e a piedade natural já sofresse certa alteração, esse período de desenvolvimento das faculdades humanas, ocupando uma posição média exata entre a indolência do estado primitivo e a atividade petulante de nosso amor-próprio, deve ter sido a época mais feliz e a mais duradoura. (ROUSSEAU, 1983b, p. 264).

Nesse segundo estágio de estado de natureza, os homens devem ter sentido a felicidade de viverem unidos e desfrutarem de uma liberdade natural. Os desejos e temores eram supridos conforme as necessidades, a solidão deixa aos poucos de ser uma condição e cede lugar à linguagem. As faculdades humanas, por meio da *perfectibilidade*, vão se aprimorando conforme as necessidades do convívio entre os homens, aliás, foram elas que contribuíram para que os homens se unissem:

As associações de homens são, em grande parte, a obra dos acidentes da natureza – os dilúvios particulares, os mares extravasados, as erupções dos vulcões, os grandes terremotos, os incêndios despertados pelo raio e que destroem as florestas, tudo que atemorizou e dispersou os selvagens de uma região, depois reuniu-os para reparar em conjunto as perdas comuns. As tradições das desgraças da terra, tão frequentes nos tempos antigos, mostram de quais instrumentos se serviu a Providência para forçar os seres humanos a se unirem. (ROUSSEAU, 1983c, p.180).⁹

Essa união é necessária para conservarem-se; ela estabelece a junção das forças individuais para enfrentarem todos os tipos de adversidades, porém, torna-se devastadora a partir do momento em que o ser é violado pelo parecer.¹⁰ Se comparar as ações individuais dadas pelas necessidades com a vida social que deteriora todo o

⁹Segundo Rousseau (1983b, p. 263), “Grandes inundações ou tremores de terra cercaram com água ou com precipícios regiões habitadas; revoluções do globo separaram e cortaram em ilhas porções do continente. Concebe-se que, entre homens aproximados desse modo e forçados a viver juntos, teve de formar-se um idioma comum, mais facilmente do que entre aqueles que erravam livremente nas florestas da terra firme”.

¹⁰ Segundo Prado Jr (2018, p. 38): “Chegou-se a ver na experiência do divórcio entre o ser e o parecer a mola mestra de toda reflexão em Rousseau e a matriz que se reproduz em todos os momentos de seu pensamento. A cada etapa da obra podemos, de fato, constatar o trabalho de uma dialética da separação e da ruptura: na teoria psicológica que ele propõe, na gênese das faculdades da alma a partir da unidade originária da sensação onde cada progresso é, ao mesmo tempo, declínio; em sua teoria da sociedade e da História que se constitui como uma descrição da progressão da mentira e da violência a partir da transparência e da unidade da festa e da sociedade nascente; e enfim, nessa espécie de fenomenologia da existência que ele propõe, que vai buscar o seu segredo no movimento que arranca da unidade da Ordem e da Natureza, que a opõe a si mesma e que inscreve em sua intimidade uma fissura inapagável”.

sentido de existir, vê-se que a sociedade não está em conformidade com a natureza humana além de modificá-la radicalmente. Pois, se de um lado existe a desigualdade física que é distinta em cada ser, do outro se vê a desigualdade social que deforma a qualidade natural tornando-se mera aparência. Segundo Rousseau (1983b), a desigualdade moral ou política é estabelecida por uma convenção:

Desde o instante em que um homem sentiu necessidade do socorro de outro, desde que se percebeu ser útil a um só contar com provisões para dois, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário e as vastas florestas transformaram-se em campos aprazíveis que se impôs regar com o suor dos homens e nos quais logo se viu a escravidão e a miséria germinarem e crescerem com as colheitas. (ROUSSEAU, 1983b, p. 265).

Rousseau (1983b) afirma que o homem natural limitado às sensações chega a um ponto que não consegue mais viver conforme as necessidades naturais. Sujeito às influências externas, ele teve que se adaptar ou deixaria de existir. A *perfectibilidade* possibilitou-lhe desenvolver, de um lado, fortuitamente, as capacidades inatas adormecidas, e de outro, degenerar os sentimentos naturais, ampliando os vícios. Assim, novas necessidades são criadas. O convívio e a comunicação fizeram a vaidade, a estima e a opinião se fortalecerem. A solidão é trocada pelo convívio, não existe a possibilidade de voltar ao passado, ao estado natural. Este “é o terceiro e último estágio, após o qual nada resta fazer; e é assim que mesmo o homem sendo bom, os homens acabaram por tornar-se maus” (ROUSSEAU, 2005, p. 49). A dependência entre os homens não advém da natureza, mas nasce das necessidades que eles inventaram, é uma construção humana, uma produção cultural.

Para se chegar ao termo empregado no discurso do demagogo, “isto é meu”, foi necessário um longo progresso,¹¹ já que a propriedade surge por meio da apropriação do terreno, no último estágio do estado de natureza, inaugurando a sociedade civil e o discurso que a legitimou:

O verdadeiro fundador da sociedade civil foi o primeiro que, tendo cercado um terreno, lembrou-se de dizer *isto é meu* e encontrou pessoas suficientemente simples para acreditá-lo. Quantos crimes, guerras, assassinios, misérias e horrores não poupou ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou enchendo o fosso, tivesse gritado a seus semelhantes: “Defendei-vos de ouvir esse impostor; estareis perdidos se

¹¹ Rousseau (1983b, p. 259-260) afirma que “foi preciso fazer-se muitos progressos, adquirir-se muita indústria e luzes, transmiti-las e aumentá-las de geração para geração, antes de chegar a esse último termo do estado de natureza”.

esquecerdes que os frutos são de todos e que a terra não pertence a ninguém!”. (ROUSSEAU, 1983b, p. 259, grifo do autor).

Essa descrição sumária visa destacar o nascimento da sociedade civil, aquela que resulta das atividades humanas, sendo assim, toda a sua finalidade pertence ao homem. Ele pode fazer o contrário, pois é livre para modificar o caminho, tanto modificar a si mesmo quanto a sociedade. Porém, ele é incapaz de modificar aquilo que resultou dela, todas as circunstâncias foram contrárias as da natureza, sendo assim, a vida social degenerou a condição humana. Contrariando a bondade original, a sociedade o faz adquirir a maldade, pois é uma aquisição social. Rousseau pensa uma possibilidade contrária: supor o homem despido das aquisições sociais e refeito da essência original.

Se, por um lado, Rousseau é pessimista diante de uma sociedade e do que ela forma, de outro, é otimista por afirmar que existe no ser humano a possibilidade de se refazer, de estabelecer uma relação entre o que ele é e as leis como devem ser, possibilitando tanto uma concepção de formação quanto de homem com vistas à sociedade legítima.

A questão filosófica posta por Rousseau (1983b) é identificar e compreender o motivo que levou o homem natural a sair de um estado de conformação com a natureza para chegar ao estado social. O filósofo busca compreender, por meio de uma formulação hipotética, quais foram as escolhas ruins que levaram uns a escravizarem outros, a sujeitarem-se aos domínios dos semelhantes, a irem de fato contra a natureza humana no que diz respeito ao atributo da liberdade. Alienar a liberdade pela escravidão, como Rousseau (2005) mostra, foi um longo e lento processo de degeneração da condição humana que se constituiu, sobretudo, por meio da aceitação dos fatos, das imposições, do comodismo. A natureza humana foi desconsiderada, quer dizer, deu-se como “natural” fatos construídos lentamente por meio de falso consenso. Na *Carta a Beaumont*, Rousseau argumenta:

Quando todos os agitados interesses particulares finalmente se chocam, quando o amor de si posto em fermentação se transforma em amor-próprio, quando a opinião, tornando o universo inteiro necessário para cada homem, torna-os todos inimigos natos uns dos outros e faz com que nenhum consiga encontrar seu bem a não ser no mal de outrem, então a consciência, mais débil que as paixões exaltadas, é sufocada por elas, e não persiste na boca dos homens exceto como palavra feita para se enganarem mutuamente. Cada qual finge então querer sacrificar seus interesses aos do público. A não ser quando ele concorda com o seu; assim esse acordo constitui o objetivo do genuíno político, que busca fazer os povos felizes e bons. (ROUSSEAU, 2005, p. 49).

Rousseau (1983b) pensa que a desigualdade no estado de natureza se desenvolve por meio das faculdades e dos progressos do espírito humano, torna-se estável e legítima devido ao estabelecimento tanto da propriedade quanto das leis. Ele recusa formar o homem na sociedade porque ela o corrompe, torna-o irreconhecível, “aviltado e desolado” (ROUSSEAU, 1983b, p. 268). Segundo o filósofo, a sociedade é constituída na mentira,¹² o discurso que a legitima é falso, sendo assim, o público e o privado são constituídos de forma diferente: com a privatização do que é público, todos se tornam escravos, dependentes da vontade particular, ou de um grupo específico. Nela, a criança é educada para reforçar a desigualdade moral:

a desigualdade moral, autorizada unicamente pelo direito positivo, é contrária ao direito natural sempre que não ocorre, juntamente e na mesma proporção, com a desigualdade física – distinção que determina suficientemente o que se deve pensar, a esse respeito, sobre a espécie de desigualdade que reina entre todos os povos policiados, pois é manifestamente contra a lei da natureza, seja qual for a maneira por que a definamos, uma criança mandar num velho, um imbecil conduzir um sábio, ou um punhado de pessoas regurgitar superfluidades enquanto à multidão faminta falta o necessário. (ROUSSEAU, 1983b, p. 268).

Com a recusa de uma formação para o homem na sociedade, Rousseau pensa uma personagem filosófica,¹³ portanto, uma hipótese para explicitar um projeto de formação para o homem oposto ao que refuta.

¹² Segundo Bento Prado Júnior (2018, p. 109): “Se a continuidade da superfície terrestre é, desta maneira, recortada por muros, se a heterogeneidade do mundo privado se desenha sobre a homogeneidade do espaço público, não é sob o efeito da violência, mas por meio da mentira. O senhor nascente, na gênese ideal que traça Rousseau, não tem nada da fera loira, do belo predador que está, segundo Nietzsche, na origem do Poder e do Estado. Na origem da sociedade civil, nenhuma força, sem as miragens que a linguagem pode produzir, poderia instituir sua dominação; é preciso atravessar toda a espessura da História, todo o espaço que separa uma origem ideal do presente real, para que a mentira se torne supérflua e para que a linguagem se mostre, finalmente, sua verdade. A dominação do mais forte, o império da violência é o último termo da História, momento em que a máscara cai e a astúcia não é mais necessária. As palavras se apagam e revelam sua verdade sempre dissimulada: a pura vontade de poder, o exercício já sempre presente da força contra seu primeiro movimento, o uso da Natureza contra a Ordem que a comanda e, na linguagem, em sua mais profunda intimidade, a vontade de se anular como linguagem. A força bruta não é a verdade de uma humanidade nascente que poderia superar-se, em direção à universalidade, pelo uso racional da linguagem; ela é a verdade, no sentido hegeliano, da linguagem, resultado final que revela e realiza o que era apenas, no início, virtual. Reviravolta total que nos conduz de uma fraqueza, que se impõe pela mediação das palavras, à pureza de uma violência que, para impor-se, não tem mais necessidade de qualquer camuflagem e que substitui a idealidade do discurso pela realidade dos cartazes, dos soldados, do ruído e da fúria das armas de fogo”.

¹³ Denomina-se “uma personagem” porque na decodificação da representação cênica “a personagem” refere-se ao ser imaginado pelo autor, uma ficção, enquanto “o personagem” é quando o ator veste-se da “personagem” para personificar a “pessoa” fictícia. Sendo assim, Emílio é “uma personagem” filosófica, existente somente na ideia.

1.2 EMÍLIO E A RECUSA DA SOCIEDADE

No *Emílio*, Rousseau (2004, p. 13) afirma que a “instituição pública já não existe, e já não pode existir, já que onde não há mais pátria não pode haver cidadãos. Estas duas palavras, pátria e cidadão, devem ser canceladas das línguas modernas”. O autor afirma que o sentido desses termos perde o significado e a essência, uma vez que não se vê, em nenhum lugar, os membros da pátria. Grécia e Roma não mais existem e com elas todos os seus princípios, a forma de vida, a legislação, a essência, a ordem e a ação na cidade ou na *polis*.

Os soldados romanos juramentavam seu *amor* à pátria, é dela o primeiro lugar na vida de cada cidadão. O alistamento dos defensores romanos era uma atividade voluntária, estava direcionado contra e, nominalmente, a certo inimigo. Exigia-se o comprometimento com a pátria. Raramente via-se um romano transgredir as leis, desrespeitando-as e agindo contra sua tutela. A individualidade estava suprimida em favor da coletividade, todos em comum possuíam os deveres, cuja conservação do bem coletivo estava em primeiro plano, cada qual deveria cumprir com aquilo que lhe fora deferido em obrigação à cidade:

O lacedemônio Pedareta apresenta-se para ser admitido no conselho dos trezentos, é rejeitado e volta muito feliz por haver em Esparta trezentos homens que valem mais do que ele. Suponho que era uma demonstração sincera, e cabe acreditar que o fosse: eis o cidadão. Uma mulher de Esparta tinha cinco filhos no exército e esperava notícias da batalha. Chega um hilota; ela lhe pede as notícias, tremendo. “Vossos cinco filhos foram mortos. – Vil escravo, terei perguntado isso? – Nós ganhamos a batalha!” A mãe corre até o templo e dá graças aos deuses. Eis a cidadã. Aquele que, na ordem civil quer conservar o primado dos sentimentos da natureza não sabe o que quer. Sempre em contradição consigo mesmo, sempre passando das inclinações para os deveres, jamais será nem homem, nem cidadão; não será bom nem para si mesmo, nem para os outros. Será um desses homens de hoje, um francês, um inglês, um burguês; não será nada. (ROUSSEAU, 2004, p.12).

Segundo Rousseau (2004), o cidadão é aquele que está preocupado com a cidade ao ponto de suprimir as suas particularidades em prol do bem coletivo, exemplo retirado da Antiguidade Clássica, nas relações dos cidadãos uns com os outros, participando ativamente da vida comunitária em vista da preservação do bem público. Assim, o filósofo pensa os motivos que levaram a sociedade moderna a diferenciar-se dessa realidade.

De um lado, na sociedade moderna, o conflito não é aparente, cada qual agindo conforme seu próprio benefício ignora o entendimento coletivo em favor da ordem civil. As paixões desenfreadas promovem o caos generalizado, contudo, elas fortificam os “homens de duas faces, que sempre parecem atribuir tudo aos outros, e nunca atribuem nada senão a si mesmos” (ROUSSEAU, 2004, p. 13). Nessa sociedade utilizam-se os termos “cidadão” e “cidadania” para representar aquilo que, além de deixar de existir, perdeu o sentido originário. Com isso, desconhece e modifica os princípios originários dos valores morais, como: a virtude, a honra e o amor à pátria. Tal desfiguração acorrenta e mascara o homem nas representações.

De outro lado, a educação natural, o homem educado para si mesmo não teria nenhum sentido para a vida em sociedade. Rousseau (2004) pensa educar Emílio a fim que ele tenha condições de viver na sociedade, participar dela, inclusive na dimensão política, mas sem se corromper à semelhança dos demais homens. Esse é o contexto em que ele pensa um aluno imaginário, que será educado conforme a natureza, portanto, fora da sociedade degenerada. A formação do Emílio se realizará com a participação de um preceptor que acompanhará suas inclinações e progressos, com vistas a superar as contradições do homem moderno.

Rousseau (2004, p. 8), ao pensar a formação de Emílio, faz uma analogia entre o cultivo de um jardim e a educação do homem argumentando que “moldam-se as plantas pela cultura, e os homens pela educação”. Para essa possibilidade, faz-se necessário um trabalho árduo, longo, que exige disciplina e acompanhamento direto do preceptor, até que a potência humana seja confirmada.

A sociedade corrompida não garante uma educação que visa à formação do homem moral, aquele que exerce o bem e a legalidade.¹⁴Ela forma o homem corrupto,¹⁵ artificial e mentiroso, pois nega a natureza humana. Por isso a recusa da sociedade como

¹⁴Segundo Guimarães (2017, p. 314-315, grifo do autor): “Se há um ponto fixo para aquele que se põe o ofício da formação, ele não pode ser esse que temos diante de nós, uma vez que só forma ‘um francês, um inglês, um burguês’ (Rousseau, 1992, p. 13). Ele será *um soldado, um magistrado, um padre*, mas ficará devendo ao homem e à sua correspondente vida pública. Esse ponto fixo, o *métron*, nos diz como agir na particularidade, tendo a certeza de que ele só existe e só pode existir em nosso discurso (Cf. Platão, 2003, 592b, mas, sem ele, perdemos de vista a dimensão política da nossa existência, *zôionpolitikón*, e nos tornamos indivíduos preocupados, tão somente, em satisfazer as nossas vontades particulares e buscamos o objeto que supostamente propiciaria essa satisfação: o dinheiro, *tachrémata*, ironicamente qualificado por Aristófanes de Deus (Cf. Aristófanes, 2007). Perde-se, neste caso, a amizade, *philia*, bem como a igualdade, *isóti*, a boa convivência com todos na cidade, *polis*, e passamos a lidar com indivíduos e não com seres políticos (Cf. Platão, 2206, 521 a)”.

¹⁵ Segundo Rousseau (2005, p. 58), “aquele que for educado como eu desejo não será dominado pelas paixões”.

ela é, eis a “negação da negação”, ou seja, a sociedade nega a natureza e Rousseau nega a sociedade. Segundo Jean Starobinski:

A crítica de Rousseau esboça, portanto, uma “negação da negação”: acusa a civilização, cuja característica fundamental é sua *negatividade* em relação à natureza. A cultura estabelecida nega a natureza – é essa afirmação patética dos dois *Discursos* e do *Emílio*. As “falsas luzes” da civilização, longe de iluminar o mundo humano, velam a transparência natural, separam os homens uns dos outros, particularizam os interesses, destroem toda possibilidade de confiança recíproca e substituem a comunicação essencial das almas por um comércio factício e desprovido de sinceridade; assim se constitui uma sociedade em que cada um se isola em seu amor-próprio e se protege atrás de uma aparência mentirosa. Paradoxo singular que, de um mundo em que a relação econômica entre os homens parece mais estreita, faz efetivamente um mundo de opacidade, de mentira, de hipocrisia. (STAROBINSKI, 2011, p. 38, grifo do autor).

Para Rousseau (2005), a sociedade forma o homem mentiroso, falseador, que vive de aparências. Como é possível formar o homem em uma sociedade que nasceu da mentira e forma mentirosos? Para responder essa questão, faz-se necessário entender como, a partir da instituição da sociedade, o homem se constituiu como um ser social, mascarado e degenerado.

As paixões humanas nascem da degeneração da piedade natural, elas impulsionam os homens a desenvolverem a fantasia, a capacidade de criação ou imaginação. Na sociedade os homens propiciam situações, tanto no convívio quanto nas relações, que são causadas por suas paixões. É no convívio entre eles que elas multiplicam-se, tornam-se desregradas e ilimitadas. Afastam e impede-os do olharem para si mesmos, induzindo-os a olharem sempre para fora de si. Recusar-lhes promoção das paixões torna-se, segundo Rousseau (1983a), uma questão da educação:

Já desde os primeiros anos, uma educação insensata orna nosso espírito e corrompe nosso julgamento. Vejo em todos os lugares estabelecimentos imensos onde a alto preço se educa a juventude para aprender todas as coisas, exceto seus deveres. Vossos filhos ignoram a própria língua, mas falarão outras que em lugar algum se usam; saberão compor versos que dificilmente compreenderão; sem saber distinguir o erro de torná-los ambos irreconhecíveis aos outros, graças a argumentos especiosos; mas não saberão o que são as palavras magnanimidade, equidade, temperança, humanidade e coragem; nunca lhes atingirá o ouvido a doce palavra pátria e, se ouvem falar de Deus, será menos para reverenciá-lo do que para temê-lo. Preferiria, dizia um sábio, que meu aluno tivesse passado o tempo jogando péla, pois pelo menos o corpo estaria mais bem disposto. Sei que é preciso ocupar as crianças e que a ociosidade constitui para elas o maior dos perigos a evitar. Que deverão, pois, aprender? Eis uma questão interessante. Que aprendam o que devem fazer sendo homem e não o que devem esquecer. (ROUSSEAU, 1983a, p. 347-348).

Rousseau (1983b) refuta a educação que desnatura o homem, pois faz com que ele se apaixone por coisas materiais tornando-se escravo do que é artificial. Essa educação forma “homens de duas faces”, mascarados e iludidos, tornando-os contrários à natureza humana e à inocência natural. Assim, ela corrobora para mantê-los afastados da natureza humana: quanto mais os anos passam, com o surgimento de novas gerações, novos costumes e hábitos, mais eles se distanciam do gênero humano e não o reconhecem, tornam-se, assim, objetos da própria criação social. Aprendem a valorizar somente o que é construção social, tornam-se ativos o bastante para fazerem o mal, porque os sentimentos naturais são corrompidos por ela e acabaram por fazê-los perderem a bondade original presente em si mesmos. Assim, “tornando-se sociável e escravo, torna-se fraco, medroso e subserviente, e sua maneira de viver, frouxa e afeminada, acaba por debilitar, ao mesmo tempo, sua força e sua coragem” (ROUSSEAU, 1983b, p. 241).

Como é possível formar o homem para que todos os princípios naturais lhe sejam garantidos e que ele não se torne o “homem de duas faces”? Rousseau (1983b) afirma que as respostas para essas questões estão dadas na natureza do homem, ao observar a natureza, ver como ela age por meio do aperfeiçoamento natural dos órgãos dos sentidos e da conservação da liberdade. Também pelas possibilidades naturais, suprimindo os desejos, permanecendo afastado dos temores, conservando os sentimentos tanto do amor-de-si quanto da piedade.

A formação visa despertar e mobilizar essa potência (constituída por inúmeras capacidades), a fim de tornar-se ato. Rousseau (2004, p. 10) afirma que “nascemos sensíveis e, desde o nascimento, somos afetados de diversas maneiras pelos objetos que nos cercam”. Adquirimos, lentamente, o conhecimento de nossas sensações, pois os órgãos vão se desenvolvendo com o crescimento do corpo e compreensão das coisas. Com o desenvolvimento, buscamos ou evitamos os objetos dos quais temos contato. Por uma disposição primitiva, desejamos o que nos agrada ou repudiamos aquilo que nos desagradava. Sentimos, primitivamente, a necessidade que temos desses objetos, quer sejam convenientes ou inconvenientes. Enfim, “essas disposições estendem-se e firmam-se à medida que nos tornamos mais sensíveis e mais esclarecidos; forçadas, porém, por nossos hábitos, elas se alteram mais ou menos segundo nossas opiniões” (ROUSSEAU, 2004, p. 11), e a “natureza” antecede tal alteração.

A educação na sociedade não desenvolve as fases da formação da criança conforme a disposição dos sentidos, nem acompanha a capacidade de compreensão de cada idade. Essa educação não forma o homem, porque o ensino voltado para a opinião e a vontade particular torna-a aparente e forma um reprodutor. A reprodução dos conceitos artificiais propaga a ganância, a exclusão, o vício, conduz o homem para o distanciamento da natureza humana e intensifica a desigualdade. Diante disso, segundo Rousseau (2004, p. 14), “resta enfim a educação doméstica ou a da natureza”, aquela que é própria para o Emílio. Não se poderá atingir a educação da natureza, pois é impossível voltar ao estado de natureza, mas poder-se-á aproximar dela.¹⁶

Segundo Rousseau (2004, p. 07), “tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem”.¹⁷ Nas “mãos do autor das coisas” o homem é dependente da natureza, inteiro em si mesmo; quando deixa esse estado primitivo, ele fragmenta-se, deixa de ser um todo e passa a viver da aparência, “ser e parecer tornaram-se duas coisas totalmente diferentes” (ROUSSEAU, 1983b, p. 267).¹⁸ Na sociedade ele vive limitado, porque a aparência ofusca a humanidade: “O homem do mundo está inteiro em sua máscara. Não estando quase nunca em si mesmo, é sempre um estrangeiro e sente-se pouco à vontade quando é obrigado a voltar a si. O que ele é nada é, o que parece ser é tudo para ele” (ROUSSEAU, 2004, p. 315).

Como a estátua de Glauco, que o tempo, o mar e as intempéries tinham desfigurado de tal modo que se assemelhava mais a um animal feroz do que a um deus, a alma humana, alterada no seio da sociedade por milhares de causas sempre renovadas, pela aquisição de uma multidão de conhecimentos e de erros, pelas mudanças que se dão na constituição dos corpos e pelo choque contínuo das paixões, por assim dizer mudou de aparência a ponto de

¹⁶ Segundo Guimarães (2017, p. 311), “no plano de Rousseau, a educação tem a finalidade de formar os homens livres e iguais”.

¹⁷ De acordo com Roberto Gatti (2015, p. 71-72, grifo do autor): “Quase que contemporaneamente ao *Contrato Social*, Rousseau publica *Emílio* (o *Contrato* é publicado por Rey em abril de 1762; *Emílio*, por Duchesne, em maio do mesmo ano). Nas primeiras páginas se volta à *República* de Platão e declara que, contrariamente ao juízo comum, não a considera uma obra de política, mas o maior tratado sobre educação jamais escrito. Em certo sentido, no que concerne a *Emílio*, pode-se dizer a mesma coisa, mas invertendo os termos: considerado um texto essencialmente pedagógico, *Emílio* é na realidade um escrito cuja inspiração de fundo é política”.

¹⁸ Jean Starobinski, ao questionar os males da civilização, afirma que: “O mal que Rousseau acusava as ciências e as artes era o de dissolver a *verdade* das relações humanas. Que uma sociedade, em compensação, reunindo indivíduos iguais e virtuosos, se consagre em círculo fechado à “cultura das ciências”; que, sobretudo, cada um dos membros dessa sociedade seja um *verdadeiro* sábio: eis aí o que reconstitui, no seio da corrupção geral, uma ilhota de transparência. Tal como ele os idealiza, os membros das academias possuem um saber autêntico e pleno, radicalmente diferente da “vã ciência” que denunciavam, e que é praticada pelos “charlatães”: esta, ilusória e pretensiosa, não tem do saber mais do que a aparência, e propaga ao seu redor, como uma epidemia, a divisão entre o ser e o parecer. A verdadeira ciência dos acadêmicos repara, entre estes ao menos, a ruptura ontológica, supera a alienação e restaura a unidade da aparência externa e da realidade interna” (STAROBINSKI, 2001, p. 165, grifo do autor).

tornar-se quase irreconhecíveis, em lugar de um ser agindo sempre por princípios certos e invariáveis, em lugar dessa simplicidade celeste e majestosa com a qual seu autor a tinha marcado, não se encontra senão o contraste disforme entre a paixão que crê raciocinar e o entendimento delirante. (ROUSSEAU, 1983b, p. 227).¹⁹

A sociedade civil é artificial, tudo o que existe se dá por aquilo que é mascarado, “tudo se torna artificial e representado, seja a honra, a amizade, a virtude, frequentemente mesmo os próprios vícios com os quais por fim se encontra o segredo de se glorificar” (ROUSSEAU, 1983b, p. 281). Isso porque “o homem sociável, sempre fora de si, só sabe viver baseando-se na opinião dos demais e chega ao sentimento de sua própria existência quase que somente pelo julgamento destes” (ROUSSEAU, 2004, p. 281). Sendo assim, o sentimento é artificial, já que a opinião alheia faz com que o homem viva preocupado com o que os outros pensam dele, passa a viver em prol dos olhos alheios; preocupa-se em demasia com o que os outros dizem e não mede esforço para dar opiniões a tudo o que é feito, e são esses hábitos que o degenera. Assim, ele se afasta da natureza e se torna irreconhecível. Segundo Jean Starobinski:

O homem, desenvolvendo sucessivamente todos os recursos de sua *perfectibilidade*, entregou-se à servidão do tempo; à deriva nas grandes águas da história, tornou-se sociável e mau, douto e escravo das aparências enganosas, senhor da natureza à custa de sua própria desnaturação. (STAROBINSKI, 2011, p. 372, grifo do autor).

Portanto, o homem perde a liberdade natural e passa a viver envolto em uma moral convencional, oriunda da razão degenerada, e desenvolve o vício e as paixões, que fazem os homens cometerem o suicídio, as disputas, a vaidade e o orgulho. Assim, as ciências e as artes contrariam os deveres humanos e as necessidades naturais, porque contribuem para a polidez, as regras de etiqueta, ou seja, tudo aquilo que eleva o egoísmo. E, dessa forma, os laços de servidão e a dependência mútua corroboram para o aprisionamento, passa-se a viver com medo e ameaçado pela opinião alheia, torna-se fraco e indefeso, usa-se a força para escravizar os outros homens.

¹⁹ Platão, em *A República*, afirma que a alma humana deve ser vista em sua originalidade e não a partir dos acidentados terrenos: “não devemos esquecer que a vimos num estado comparável ao do marinheiro Glauco, cuja aparência original dificilmente poderia ser percebida, pois tinha os membros quebrados, estropiados e deformados de mil maneiras pelas ondas, ao passo que outros novos lhe haviam nascido pela incrustação de conchas, algas e pedrinhas, de modo que mais lembrava um monstro do que a sua forma natural. E a alma que contemplamos se acha em condição semelhante, desfigurada por uma multidão de males. Por isso, meu amigo, é preciso volver os olhos a outra parte”. (PLATÃO, 2016, p. 415).

Quanto mais longe da natureza humana, mais perto do olho alheio, das máscaras, das futilidades, das vestimentas extravagantes, do prestígio social, do sucesso, do luxo, da riqueza. Os homens:

Destruíram irremediavelmente a liberdade natural, fixaram para sempre a lei da propriedade e da desigualdade, fizeram de uma usurpação sagaz um direito irrevogável e, para lucro de alguns ambiciosos, daí por diante sujeitaram todo o gênero humano ao trabalho, à servidão e à miséria. (ROUSSEAU, 1983b, p. 269-270).

Distante do homem natural, acorrentado às suas criações, escravo e fraco, o homem social vive fora de si. Isso se dá porque na sociedade os desejos oriundos do amor-próprio ampliam-se; as relações e associações entre os homens, ao adquirirem uma estabilidade, tornam-se um desejo insaciável de dominação e, com isso, cresce a necessidade de cada um mostrar-se superior ao outro. Os desejos ilimitados adquirem um poder arbitrário, não respondem a nenhum tipo de lei. Sem legitimidade, submissos ao domínio alheio, os homens vivem desfigurados tanto por desejos de prestígio quanto de dominação. Isso tem um preço, o amor-próprio exige e impõe uma subordinação. A exigência implícita, ao olho do outro, torna-se uma adequação para o convívio social; julga-se todos os atos praticados na sociedade, aquele que não se adéqua é tratado com indiferença, crueldade, desrespeito, exclusão e até banido dela.

As relações sociais, movidas por homens alimentados pelos desejos oriundos do amor-próprio, se dão por meio de competições e conflitos. Delas nascem as dissimulações, as agressões e as fraudes, que promovem os valores artificiais. Esses valores, atenuados pela falsidade, adquirem centenas de formas de agradar; os caprichos dividem os homens entre superiores e inferiores. Os valores reais, aqueles que auxiliam os homens em seu crescimento e proveito para uma vida social legítima, são substituídos por valores irrealistas como o luxo, a divisão ilegítima entre ricos e pobres, aqueles que possuem bens e propriedades dos que não possuem nada.

O efeito disso é a alienação das pessoas em relação a si mesmas quando colocam a máscara, o disfarce, e assumem o papel que exercem na sociedade. Exemplo disso são os cargos de prestígio, as ocupações em uma posição de destaque, as hierarquias, os bens. Isso tudo possui um preço, a opinião dos outros coloca o homem social em uma realidade aparente. Para sustentar o padrão exigido pela sociedade, tanto a ilusão quanto o engano tornam-se meios para o domínio em relação a outrem. A imitação permite o homem social mascarar os seus atos tornando-os artificiais; ele aprende a manipular

aquilo que é interesse particular e, para convencer o outro, utiliza um discurso enganador.

Segundo Rousseau (1983b), o amor-próprio faz os homens viverem na miséria, no supérfluo, fazendo-os aceitar e consentir as opiniões alheias. Alimentam-se dos mesmos desejos, amam as competições e os conflitos. O homem civil adquire para si os valores puramente artificiais que lhe apetece e trata com cortesia, ama a dissimulação e as agressões. Na sociedade civil, tudo se apresenta como estrutura para o sustento do padrão tanto de superioridade quanto de inferioridade das posições sociais, enquanto uns são elevados outros são rebaixados. Escravo de suas necessidades, quanto mais rico, mais ambicioso.

Assim, os mais poderosos ou os mais miseráveis, fazendo de suas forças ou de suas necessidades uma espécie de direito ao bem alheio, equivalente, segundo eles, ao de propriedade, seguiu-se à rompida igualdade a pior desordem; assim as usurpações dos pobres, as paixões desenfreadas de todos, abafando a piedade natural e a voz ainda fraca da justiça, tornaram os homens avaros, ambiciosos e maus. (ROUSSEAU, 1983b, p. 268).

Não é por acaso que Rousseau trabalha as questões políticas que estão diretamente ligadas ao teatro de seu tempo. A cena teatral expressa o que ele recusa: reproduzir o que a sociedade forma torna-se a continuação de um equívoco contra o gênero humano. Na *Carta a D'Alembert*, Rousseau pensa que é prejudicial para a educação das crianças e dos jovens os espetáculos do teatro francês porque corroboram para reproduzir os vícios sociais. Segundo o filósofo, o teatro poderia exercer uma função social e política, mas ao contrário disso, fortifica e intensifica as paixões. O homem social movido pela paixão compartilha tudo o que lhe é agradável, e imita aquilo que o agrada. O perigo consiste quando ele deixa-se mover pelas paixões e pelo amor-próprio.

O homem busca aquilo que lhe parece agradável, e por isso a cena teatral é tão sedutora: “o amor, o próprio amor assume a sua máscara para surpreendê-lo; veste o seu entusiasmo; usurpa a sua força; imita a sua linguagem e, quando nos damos conta do erro, já é tarde demais!” (ROUSSEAU, 1993, p. 123). O homem adquire a fantasia que é decorrente do desenvolvimento, por hábito, da capacidade dos sentimentos de admiração que nascem das ideias. Vivendo em sociedade, ele escuta as suas paixões, e faz de tudo para tentar respondê-las. Não ignora as preferências, tanto as individuais quanto as coletivas. Por estar constantemente envolto em dificuldades para que possa

alcançar aquilo que deseja, vive irritado, pois suas preferências aumentam incessantemente em intenção e constância.

O homem social vive movido pela ganância ilimitada, desejo irrestrito da propriedade, da fama, do sucesso e do destaque, assim, sente com mais frequência o temperamento e as disputas uns contra os outros. A vida em sociedade faz a corrupção aumentar ao invés de torná-lo virtuoso. Ele é conduzido por sua imaginação, uma das causas da devastação que corrompe a sua bondade inata. A vida em sociedade provoca nele uma angústia, seu pensamento não o deixa esquecer que existem as intempéries, as doenças e a morte, ele as vê atingir os seus semelhantes. Corrompido e desprovido de tranquilidade, faz as escolhas impulsionado por paixões que o acometem com grande furor, e assim busca satisfazê-las. Entretanto, tais paixões são insaciáveis e infinitas, e corroboram para destruir o coração humano. Alienado, as escolhas são feitas por outrem, apenas se ilude em possuir o poder de escolher, de decidir. Ao contrário, Rousseau (1983d) afirma que as paixões podem ser educadas e bem administradas no coração do homem, o que se dá por meio da educação direcionada em uma sociedade legítima, a que ele estabelece no *Contrato Social*.

Em uma sociedade corrompida, as ligações sociais, os acordos entre os homens e as paixões egoístas prejudicam os outros, e o homem civil sente o amor-próprio, o desejo de prejudicar seus semelhantes. Por estarem em sociedade, impossibilitados de agirem sozinhos e dotados de sentimento e luzes conjuntas, os homens possuem seus olhares voltados para aquilo que os outros também têm vontade de ver.

Com o desenvolvimento da inteligência, do progresso, atributos que engendram o interesse próprio, as vaidades e paixões, os homens tornam-se capazes de comunicar suas descobertas uns aos outros e de exaltá-las. Isso é ainda mais grave quando existem grandes desigualdades sociais, muitos vivem na miséria, poucos usufruem do ócio e do luxo, e isso corrobora para a exaltação das paixões que levam os indivíduos a valorizarem as honrarias e os privilégios, desprezando os deveres.

É o amor-próprio que cega, que aprisiona os sentimentos. É a razão que dá ao homem a capacidade de discernir moralmente o que é ser mau ou bom, e graças a essa faculdade ele pode formar laços de servidão – pela dependência mútua dos homens e pelas necessidades recíprocas que os unem –, mas também é capaz de ser benevolente e agir com justiça. Neste último caso, a razão conduz os indivíduos a se unirem em prol de sua própria conservação e em busca da liberdade política.

Rousseau (1983b) vê a civilização como a causa degenerativa moral da natureza humana em detrimento de uma cultura intelectual nascente. É o comportamento imposto aos homens pela sociedade que faz com que eles ignorem os deveres e as necessidades naturais, deixando de lado a conservação de si para viverem de forma artificial. As paixões e o amor-próprio trouxeram para eles malefícios que corroboraram, fortificaram e ampliaram a ilegitimidade social. Isso porque na sociedade são fortificados e ampliados os vícios sociais, as ganâncias e as usurpações. Assim, eles aprendem a viver uma vida artificial, aguçados por suas paixões, agem movidos tanto por elas quanto pelas ambições.

Rousseau (1983d, p. 26) afirma que “homem algum tem autoridade natural sobre seus semelhantes e que a força não produz qualquer direito”, já que esta “é um poder físico; não imagino que moralidade possa resultar de seus efeitos” (ROUSSEAU, 1983d, p. 25). A natureza não permite que o homem se torne escravo, tornar-se escravo implica em “renunciar à qualidade de homem, aos direitos da humanidade, e até aos próprios deveres” (ROUSSEAU, 1983d, p. 27), a própria liberdade. Ele não encontra vantagem alguma no homem civil.

A passagem do estado de natureza para o estado civil determina no homem uma mudança muito notável, substituindo na sua conduta o instinto pela justiça e dando às suas ações a moralidade que antes lhes faltava. É só então que, tomando a voz do dever o lugar do impulso físico, e o direito o lugar do apetite, o homem, até aí levando em consideração apenas sua pessoa, vê-se forçado a agir baseando-se em outros princípios e a consultar a razão antes de ouvir suas inclinações. Embora nesse estado se prive de muitas vantagens que frui da natureza, ganha outras de igual monta: suas faculdades se exercem e se desenvolvem, suas ideias se alargam, seus sentimentos se enobrecem, toda a sua alma se eleva a tal ponto, que, se os abusos dessa nova condição não o degradassem frequentemente a uma condição inferior àquela donde saiu, deveria sem cessar bendizer o instante feliz que dela o arrancou para sempre e fez, de um animal estúpido e limitado, um ser inteligente e um homem. (ROUSSEAU, 1983d, p. 36).

As relações humanas se desfiguram nas aparências, no uso indiscriminado de um prazer insaciado tanto de dominar quanto de prestigiar o outro, exigindo assim uma imposição de subordinação à opinião alheia. É o amor-próprio que está sujeito a tornar insuportável a vida dos homens: “o próprio amor, assim como todas as outras paixões, só na sociedade adquiriu esse ardor impetuoso que muito frequentemente o torna tão funesto aos homens” (ROUSSEAU, 1983b, p. 256). Segundo Rousseau (1983b), o amor-próprio é o causador do:

ciúme dos amantes e a vingança dos esposos determinam diariamente duelos, assassinios e coisas piores, onde o dever de uma fidelidade eterna só serve para proporcionar adultérios e onde as próprias leis da continência e da honra expandem forçosamente a devassidão e multiplicam os abortos. (ROUSSEAU, 1983b, p. 256).

O homem social é insaciável, quer além daquilo que necessita para sobreviver. Assim, na sociedade, de um lado se situam os ricos e poderosos que, quanto mais possuem, maior é a ganância em retirar o pouco que os miseráveis têm, ou até mesmo tudo o que lhes pertencem, como a liberdade. Do outro lado, tem-se os pobres, que pouco possuem e, dessa forma, ambicionam as posses dos ricos. Assim vivem os homens na sociedade, os ricos têm medo de perder o que possuem, por isso, encontram meios ilegítimos para garantirem suas posses, aumentando a desigualdade entre eles e os pobres, enquanto estes invejam e desejam possuir os bens daqueles. Segundo Rousseau (1983b), o primeiro pacto social é insuficiente e ilegítimo por inaugurar o estado civil por meio da propriedade, iniciando-se a desigualdade e alavancando as paixões.²⁰

Apesar do que dizem os moralistas, o entendimento humano muito deve às paixões, que, segundo uma opinião geral, lhe devem também muito. É pela sua atividade que nossa razão se aperfeiçoa; só procuramos conhecer porque desejamos usufruir e é impossível conceber por que aquele, que não tem desejos ou temores, dar-se ia a pena de raciocinar. As paixões, por sua vez, encontram sua origem em nossas necessidades e seu progresso em nossos conhecimentos, pois só se pode desejar ou temer as coisas segundo as ideias que delas se possa fazer ou pelo simples impulso da natureza. (ROUSSEAU, 1983b, p. 244).

Provido de mérito e de beleza, o homem civil, habituado a escutar as paixões, faz de tudo para tentar respondê-las. Não ignora as preferências, tanto as individuais quanto as coletivas. Por estarem, constantemente, envoltos em dificuldades para

²⁰ Segundo Prado Junior (2008, p. 322, grifo do autor): “Não é apenas o rude entendimento que se deixa enganar e a astúcia se reencontra dos dois lados da mentira. Há algo como um desejo de submissão e, mais ainda, um sábio cálculo, o interesse bem compreendido, por parte de quem se deixa ludibriar. E é nesse sentido que pudemos falar de um discurso *coletivo* e *anônimo* para designar a espessura do curso da ideologia. Embora a ideologia recubra e esconda o interesse do rico ou do poderoso, ela serve também, ao menos em parte, aos interesses do pobre e do oprimido. Nesse sentido, podemos dizer que a ideologia não é apenas o discurso dos Senhores do Tempo, mas mais propriamente, o discurso da sociedade dividida. A consciência desse discurso está dada na co-pertinência dos inimigos a um mesmo horizonte, na *colaboração* que a polêmica esconde. A crítica não consiste, portanto, em apontar o interesse *real* através da ilusão do discurso, mas em trazer à luz a sintaxe única que permanece idêntica a si mesma, por sob a tempestade do confronto entre os partidos adversos. Nem é por outra razão que Rousseau recusa, em seu século, a alternativa entre Fanáticos e Filósofos e denuncia o grão de fanatismo que se abriga no próprio coração da Filosofia”.

alcançarem aquilo que desejam, vivem irritados, pois suas preferências aumentam, incessantemente, em intenção e constância. Nessa ânsia infinita de desejar a propriedade, a fama, o sucesso e o destaque, os homens sentem-se, com mais frequência e mais ardor, o temperamento e as disputas uns aos outros. A vida em sociedade causa-lhe angústia, deturpa o seu pensamento, leva-o ao excesso. Corrompido e desprovido de tranquilidade, vive impulsionado por suas paixões e desenfreadamente alimenta todas elas, o que é um problema, mas a gravidade é que todas as paixões são inextinguíveis, insaciáveis e insatisfeitas, sendo assim, torna-se impossível ser feliz vivendo aprisionado.

Comparai, sem prevenção, o estado do homem civil com o do homem selvagem e indagai, se puderdes, como, além de sua maldade, suas necessidades e misérias, o primeiro abriu nova portas à dor e à morte. Se considerardes as penas do espírito que nos consomem, as paixões violentas que nos esgotam e nos arruinam, os trabalhos excessivos com os quais se sobrecarregam os povos, a preguiça ainda mais perigosa à qual os ricos se abandonam, e que fazem que morram uns de suas necessidades e os outros de seus excessos; se pensardes nas misturas monstruosas de alimentos, nos temperos perniciosos, nas mercadorias adulteradas, nas drogas falsificadas, nas trapaças daqueles que as vendem, nos erros daqueles que as administram, no veneno das vasilhas em que são preparados; se prestardes atenção às doenças epidêmicas oriundas do ar confinado entre as multidões de homens reunidos, às que ocasionam a delicadeza de nosso modo de vida, às passagens alternadas do interior de nossas casas para o ar livre, ao uso da roupa vestida ou desvestida com pouquíssima precaução e a de todos os cuidados que nossa sensualidade excessiva transformou em hábitos necessários e cuja negligência ou privação nos custa imediatamente a vida ou a saúde; se levardes em consideração os incêndios e os tremores de terra que, consumindo ou revirando cidades inteiras, fazem que os habitantes morram aos milhares; em uma palavra, se reunirdes os perigos que todas essas causas juntam continuamente sobre nossas cabeças, verei como a natureza faz que paguemos caro o desprezo que demos às suas lições. (ROUSSEAU, 1983b, p.292-293).

Nesse sentido, com essa mudança, os homens deixaram um poder legítimo, que é dado pela natureza, constituído tanto pela liberdade natural quanto pela igualdade, e adquiriram um poder arbitrário, que sustenta a desigualdade, os indivíduos passam a receber honrarias e se distinguem uns dos outros, o que intensifica as paixões. A sociedade civil induz o usurpador a dividir parte do seu poder com aqueles que a ele se associam, e, isso faz com que seus cúmplices esqueçam-se de que são servos e, assim, induzem a guerras de dominação.

Opressão, guerra, impostos, luxo, poder e ganância são características do homem civil, ele está acorrentado a uma associação ilegítima e gananciosa que escraviza todos

os homens. Para Rousseau (1983b), o homem que se vê na sociedade instituída perdeu a identidade humana. Segundo Bento Prado Junior:

A loucura das ciências do homem, denunciada pela ciência do homem, teria bem pouco alcance se correspondesse apenas a uma *hybris* do entendimento, pura ilusão, e não fosse carregada por cumplicidades seculares. O verdadeiro objetivo da crítica de Rousseau é a *modernidade*, a mesma que aparece adjetivada nas expressões: Estado moderno, Ciência moderna. (PRADO JUNIOR, 2018, p. 319, grifo do autor).

O homem natural não mata por prazer, como se vê o homem fazê-lo na sociedade, matando por ciúmes, guerras, ódio, tornando-se, por tais motivos, perverso e cruel.

Diante disso, Rousseau pensa em formar o homem em uma instituição que esteja fundamentada na natureza, cujos princípios naturais buscam o bem comum, a liberdade, a igualdade e os interesses concordantes. O filósofo pensa em duas possibilidades:²¹ uma é a construção de uma nova instituição e a outra é a formação do homem.²² Na nova sociedade, o homem civil perde a liberdade natural e adquire a liberdade moral, a “única a tornar o homem verdadeiramente senhor de si, porque o impulso do puro apetite é escravidão, e a obediência à lei que se estatuiu a si mesmo é liberdade” (ROUSSEAU, 1983d, p. 37), porque a vida em sociedade está diretamente comprometida com o que seus membros dão em prol dos padrões coletivos, dos princípios legítimos que os unem e que lhes garantem a conservação tanto de si mesmos quanto do corpo social. Neste caso, o homem civil é “apenas uma unidade fracionária que se liga ao denominador, e cujo valor está em sua relação com o todo, que é o corpo social” (ROUSSEAU, 2004, p. 11). Eis o que pensa Rousseau no *Contrato Social*:

A alienação total de cada associado, com todos os seus direitos, a comunidade toda, por que, em primeiro lugar, cada um dando-se completamente, a condição é igual para todos, e, sendo a condição igual para todos, ninguém se interessa por torná-la onerosa para os demais. (ROUSSEAU, 1983d, p. 32).

O pacto social é um acordo coletivo entre seus membros que propõe uma

²¹ Hipóteses e suposições encontradas por Rousseau para explicar seu pensamento, implicam em um método que perpassa a sua obra.

²² Segundo Pissarra (2009, p. 166): “À impossibilidade de recuperar a vida idílica da natureza, Rousseau propõe a instituição de uma nova sociedade, pelo contrato. Nela, a liberdade natural e a força primitivas, inserem-no no coletivo, posto que esse novo homem foi instituído pelo contrato social e está submetido apenas à vontade geral”.

sociedade fundada na igualdade e liberdade entre as partes, que tem como originário convencional a ordem social que é a vontade geral: “Cada um de nós põe em comum sua pessoa e todo o seu poder sob a direção suprema da vontade geral, e recebemos, enquanto corpo, cada membro como parte indivisível do todo” (ROUSSEAU, 1983d, 33).

A vontade geral implica no bem comum, nos interesses concordantes que são indivisíveis e inalienáveis, princípios da soberania. Cada membro, em comum acordo, concebe como geral aquilo que será benéfico para todos. Implica em uma “vontade declarada é um ato de soberania e faz lei” (ROUSSEAU, 1983d, p. 44). Assim, “o pacto social estabelece entre os cidadãos uma tal igualdade, que eles se comprometem todos nas mesmas condições e devem todos gozar dos mesmos direitos” (ROUSSEAU, 1983d, p. 50). E “o que o homem perde pelo contrato social é a liberdade natural e um direito ilimitado a tudo quanto aventura e pode alcançar. O que com ele ganha é a liberdade civil e a propriedade de tudo que possui” (ROUSSEAU, 1983d, p. 36).

Para que o homem aprenda a pactuar-se de acordo com a consciência, sabendo escolher conforme a moral, preservando a liberdade, faz-se necessário investigar em Rousseau a possibilidade de formá-lo sem que ele receba a formação da sociedade, já que nela é impossível preservar a natureza do homem, pois ela acelera o processo de desnaturação e corrompe os sentimentos naturais, além de estipular regras que mudam e destroem as possibilidades de conservar o que a natureza prescreveu. Sendo assim, trataremos no segundo capítulo desta dissertação como Rousseau pensa a educação da sociedade, como ela degenera o homem. Não é por acaso que ao responder a questão proposta pela Academia de Dijon o filósofo afirma que a origem da desigualdade entre os homens não é permitida pela lei natural, porque a desigualdade é oriunda da sociedade. Assim, ele pensa como a criança é preparada para ser educada contra a educação positiva.

Capítulo 2

Jean- Jacques Rousseau prepara a criança para ser educada contra a educação positiva

2.1 A EDUCAÇÃO DA SOCIEDADE

No *Emílio ou Da Educação*, publicado em 1762, Jean-Jacques Rousseau pensa a educação da sociedade e a denomina de positiva. O homem é educado de acordo com os padrões de comportamento estabelecidos no convívio social por meio dos hábitos e costumes. As crianças desde cedo aprendem a recitar “em voz alta o que decoram, pois, ao estudar, acostumam-se a resmungar e a pronunciar mal e negligentemente” (ROUSSEAU, 2004, p. 64). Elas não compreendem o que dizem, além de falarem o desnecessário.

Segundo Rousseau (2004), na educação positiva a criança aprende tudo o que a sociedade é capaz de ensinar. Ela é compreendida como um adulto em miniatura, alguém que é capaz de compreender os conceitos e pensar a partir deles, e isso ocorre somente com o auxílio dos adultos. Essa educação nada acrescenta ao desenvolvimento cognitivo da criança, pois assim ela aprende assuntos que é incapaz de compreender, primeiro porque o corpo não desenvolveu a capacidade de entender, assimilar, decodificar, e segundo porque ela reproduz a vontade deles. O filósofo se recusa a vê-la como um homem já formado, pois forma, negligenciam-se as fases da formação, porque assim não se permite que a criança possa aprender conforme a capacidade sensitiva da

idade, tanto no desenvolvimento do corpo quanto no entendimento. Exemplo disso são os ensinamentos que policiam as expressões corporais: não se permite a voz alta, o grito, porque apresentar-se assim é ser mal educado ou louco.

A infeliz facilidade que temos de usar palavras que não entendemos começa mais cedo do que se pensa. O estudante escuta na aula o palavrorio do professor da mesma forma como escuta quando bebê a tagarelice da ama-de-leite. Acho que seria instruí-lo com muita utilidade ensinar-lhe a não compreender nada daquilo. (ROUSSEAU, 2004, p.62).

Acorrentado às instituições e aos costumes, o homem social aprende a amar o desnecessário, o acessório, e assim apresenta-se como mascarado, promotor das desigualdades, cultivador e ampliador dos vícios. Os sentimentos sociais ampliam a desigualdade, corroboram para desfigurar o gênero humano, pois o homem aprende a amar aquilo que está fora de si: o luxo, o poder, a usurpação, a ganância, o supérfluo, a vaidade e o ciúme.

O homem social nega as possibilidades e os limites na formação da criança, não reconhece as etapas do desenvolvimento humano e não vê que tanto a dependência quanto a liberdade coexistem. Exemplo disso é quando se quer cessar o choro da criança: aumenta-se a dose da dor com palmadas, beliscões. Existe, portanto, uma restrição da liberdade, mesmo que o adulto tenha que orientá-la temporariamente devido à dependência natural. No contexto social, a criança adquire “estranhas lições” da sociedade:

Desse choro, que acreditaríamos ser tão pouco digno de atenção, nasce a primeira relação do homem com tudo o que cerca. Aqui se forja o primeiro elo da longa cadeia de que é formada a ordem social. Quando a criança chora, não está se sentindo bem, tem alguma necessidade que não é capaz de satisfazer: examinamos, procuramos essa necessidade e procuramos satisfazê-la. Quando não a encontramos e não podemos ajudar a criança a satisfazê-la, o choro prossegue e somos importunados; mimamos a criança para fazê-la ficar quieta, perdemos a paciência e ameaçamos, algumas amas brutais batem nas crianças. Eis aí estranhas lições para sua entrada na vida. (ROUSSEAU, 2004, p. 54).

Na sociedade a criança aprende a ser submissa, isso porque o adulto abusa da força para educá-la, a exemplo de castigos físicos. Nesse sentido, dificilmente ela consegue distinguir entre estar submetida e ser submissa à opinião e aos preconceitos do adulto, tanto por questões ligadas aos cuidados quanto a orientações e proteção. O

problema consiste quando o adulto não tem consciência de que a liberdade da criança está limitada à sua fraqueza, e não por ser desprovida da capacidade de pensar.

Assim, o adulto lhe tolhe a liberdade, ensina-lhe a servidão e forma um escravo. Inconsciente da natureza humana, de seu papel na educação da criança, que é protegê-la, o adulto colabora com a desnaturação e afastamento no desenvolvimento de suas potencialidades físicas e espirituais. Ele não sabe como lidar com a dependência e a liberdade dela. Geralmente fica atordoado entre as possibilidades de mimar e castigar, pois acredita que quando uma vez que a criança se agrada das bajulações, aprende a mandar e, conseqüentemente, torna-se sua senhora. Assim, ela aprende a dominar e ser uma futura tirana, o que confirma o arquétipo do homem da sociedade instituída.

Segundo Rousseau (2004), a criança formada na sociedade aprende os vícios. Além de formar o homem corrupto, a sociedade amplia a desigualdade, a escravidão, o luxo, os prazeres, a artificialidade, o amor-próprio, a disputa, a posse dos bens. Nela, o ter prevalece ao ser, a aparência tende a suplantar a essência e o homem estranha seu semelhante, não o reconhece como igual:

O desejo de mandar, porém, não se extingue com a necessidade que o fez nascer; o domínio desperta e adula o amor-próprio, e o hábito o fortalece; assim a fantasia sucede à necessidade, e assim ganham suas primeiras raízes os preconceitos da opinião. (ROUSSEAU, 2004. p. 58).

Na cidade, as crianças vivem em ambientes fechados e não aprendem a utilizar a fala em alto tom. Em cada fase, aprendem uma gramática própria para a idade. Rousseau (2004, p. 62) critica como os adultos as corrigem quanto ao bom uso da língua e afirma que “ficaríamos admirados com a exatidão com que seguem certas analogias, muito defeituosas talvez, mas regularíssimas, que só são chocantes pela sua dureza ou porque o uso corrente não as admite”. O erro consiste em “apressarmos para fazer as crianças falarem, como se temêssemos que não aprendessem a falar por si mesmas” (ROUSSEAU, 2004, p. 63). Antecipar o processo natural para a fonação é mera memorização, desprovida de sentido e significado, pois leva-se muito tempo para adquirir condições que possibilitem o ser humano apreender abstrações conceituais. Nesse contexto, existe diferença entre educar uma criança para se tornar um homem erudito ou um homem sábio.

Mesmo que se entenda que o homem sábio é aquele que possui erudição porque “professa”, ou seja, reconhece publicamente o conhecimento, a diferença entre ele e o

homem erudito não é somente aparente. O erudito domina um conhecimento específico e por isso ostenta saber o que outro desconhece, enquanto o sábio não ostenta ou retém conhecimento para si mesmo, ele compartilha com outros homens o que sabe a fim de torná-los melhores, ajudando-os no preparo para a vida. Na sociedade a criança é ensinada por aqueles que possuem muita vaidade e extrema arrogância, o que se pode esperar de uma educação envolta a uma “mania professoral e pedantesca é de sempre ensinar às crianças o que aprenderiam muito melhor por si mesmas, e esquecer o que só nós lhes poderíamos ensinar” (ROUSSEAU, 2004, p. 71). Educada por um erudito, a criança aprende a se tornar vaidosa, arrogante, exhibe qualidade que não possui e é dependente da necessidade de se autoafirmar.

Rousseau (2004) está na contramão do que os preceptores faziam em sua época, pois eles não estavam dispostos a preservar, respeitar e garantir as fases da formação humana, mas ao contrário, a sua função era a de não respeitar a natureza e, a todo o custo, contrariá-la. Assim, conduziam as crianças para a emancipação precoce, para o caminho percorrido pela educação para formar o homem social, conduzidas a uma velocidade ilimitada, já que o objetivo era transformá-la em um sábio em miniatura, um pequeno prodígio capaz de demonstrar todas as finesses da sociedade.²³ Isso acontece porque a criança aprende a imitar tudo o que lhe é ensinado pelos adultos, mesmo não possuindo autonomia para escolher fazer o contrário, muito menos tem a capacidade de fazer julgamento moral sobre os atos que pratica.

Impressionados durante muito tempo pelos mesmos espetáculos, deixamos de sentir suas impressões; o hábito acostuma a tudo; o que vemos demais já não imaginamos, e é somente a imaginação que nos faz sentir os males dos outros: é assim que, de tanto verem morrer e sofrer, os padres e os médicos tornam-se impiedosos. (ROUSSEAU, 2004, p. 317-318).

Segundo Rousseau (2004), formar a criança na sociedade é ignorar as possibilidades e os limites da infância, também é inviabilizar as condições favoráveis para o consciente uso da razão. Nesse percurso não existe a possibilidade de formar o homem autônomo. Ignorar a capacidade de memorizar não supõe, necessariamente, a

²³ Segundo Wright (2015, p. 77): “Podemos dizer desde logo que Rousseau pretendeu que ela (a educação negativa) fosse mais ou menos o oposto do que faziam os preceptores de sua época. A seu ver, eles estavam menos ansiosos por preservar a infância de suas crianças do que por lançá-las na idade adulta, a toda a velocidade e a qualquer preço. E Rousseau sabia a razão disso. Sabia de toda a pressão exercida sobre o preceptor para que ele transformasse a criança num pequeno sábio, capaz de honrar precocemente os pais apaixonados em um mundo artificial. Não podia deixar de deplorar que, com isso, a sorte do preceptor dependesse da velocidade com que ele fosse capaz de contrariar a natureza, levando seu pequeno pupilo, mediante a adulação e a repreensão, a um simulacro de maturidade, antes da hora certa”.

capacidade de compreensão sobre si mesmo e sobre as coisas. Cercear a liberdade da criança viola a natureza e seus efeitos são destrutíveis porque inviabilizam “o primeiro de todos os bens [que] não é a autoridade, mas a liberdade” (ROUSSEAU, 2004, p. 81). O filósofo afirma que desrespeitar as fases de formação da natureza da criança corrompe o presente e compromete o futuro. Essa máxima fundamental aplicada à vida da criança contém todos os esforços para conduzi-la até a idade adulta.

Na sociedade o homem desequilibra tanto o poder quanto o desejo e “assim que as suas faculdades virtuais se põem em ação, a imaginação, a mais ativa de todas, desperta e as ultrapassa” (ROUSSEAU, 2004, p. 75).²⁴ É a imaginação que fortifica e nutre o amor-próprio, alimenta o orgulho e afasta o homem cada vez mais da natureza que, por sua vez, o conduz à insatisfação e à escravidão. Assim, ele se torna uma mercadoria, o que passa a ter valor é a propriedade e bens artificiais.

O homem social não acrescenta em si a humanidade, não conhece e tampouco reconhece a natureza inerente a si mesmo, está acorrentado às imposições sociais e acostumou-se a viver sob o jugo delas. Ele modifica o sentido da palavra liberdade, usa a razão para escravizar seu semelhante, encontra mil motivos para preocupar-se com a opinião alheia, não somente na infância, mas também durante a fase adulta, nas ações que permitem mascarar-se e tornar-se vendável. “O homem é a mais vil das mercadorias, e, em meio a nossos importantes direitos de propriedade, o da pessoa é sempre o menor de todos” (ROUSSEAU, 2004, p. 347).

A sociedade promove o espetáculo dos hábitos, quer dizer, os homens são iludidos e acreditam na fantasia que inventam para a utilização das máscaras sociais que eles criam. “Nosso apetite só é desmedido porque queremos dar-lhe regras diferentes das regras da natureza” (ROUSSEAU, 2004, p. 198 - 199). Criam todos os tipos e formas de falsear a realidade. No mundo das aparências todas as representações são mascaradas: ao assumir um personagem social, desfigurada a forma humana, cria-se um mundo da abstração que reflete os exageros. Assim está direcionada a vida da criança a ponto de os adultos atenderem a todas as suas vontades, sendo agradáveis ou não, acabam por ensinar somente o que a agrada. As ocupações tornam-se impróprias, pois muitas atividades que ela faz não condizem com as atividades próprias para a sua idade, ocupam-se com tantas outras que não lhes serão úteis. O aprendizado adquirido por

²⁴ Segundo Rousseau (2004, p. 75): “O mundo real tem seus limites, o mundo imaginário é infinito”.

meio de uma quantidade de informações prodigiosas, oriunda dos livros, acaba por acorrentar e escravizar o homem social.

Fora da sociedade, o homem isolado, não devendo nada a ninguém, tem o direito de viver como lhe agrada; na sociedade, porém, onde vive necessariamente à custa dos outros, deve-lhes em trabalho o preço de seu sustento; isso não admite exceção. (ROUSSEAU, 2004, p. 262).

Rousseau (2004) é contra o ensino que entrega as respostas ao aluno antes da investigação, antecipando o trabalho que ele precisa fazer para aprender. Um exemplo disso é o ensino da refração: o professor retira o bastão da água e prematuramente responde a pergunta, impossibilitando o aluno de pensar se está ou não quebrado quando submergido.

Formar o homem na sociedade é entregá-lo às paixões e à aparência; também implica em ensiná-lo a se comparar com os outros e aderir cegamente às disputas sobre banalidades de quem possui mais bens. Assim, o homem social “nunca está contente nem poderia estar, pois esse sentimento, preferindo-os aos outros, também exige que os outros prefiram-nos a eles, o que é impossível” (ROUSSEAU, 2004, p. 289).

Em *Júlia ou A Nova Eloísa*, publicado em 1761, Jean-Jacques Rousseau pensa ser um “erro comum a todos os pais que crêem ter luzes é o de supor que desde o nascimento seus filhos sejam capazes de raciocinar, e de falar-lhes como homens antes mesmo que saibam falar” (ROUSSEAU, 2006, p. 486). Isso porque a “razão é o instrumento que se pensa usar para instruí-los enquanto os outros instrumentos devem servir para formá-la” (ROUSSEAU, 2006, p. 486). A criança se forma lentamente, através da experiência sensível com o que está disponível à sua volta. Sendo assim, para que elas assimilem as possibilidades do mundo sensível, leva-se um período longo de associações intelectivas, das quais o fim último é o entendimento.

A experiência sensível é o que possibilita o primeiro contato com o mundo, portanto, a priori, se negligenciada, causa danos irreversíveis no desenvolvimento da razão que é a posteriori, porque é na junção entre as experiências sensíveis que o homem adquire a possibilidade de pensar. Por isso, torna-se um equívoco pensar que as crianças nascem com capacidade de raciocinar, elas apreendem gradativamente, memorizam e posteriormente formam a razão, pois “de todas as instruções próprias do homem, aquela que ele adquire mais tarde e com maior dificuldade é a própria razão [...] A razão somente começa a formar-se ao final de vários anos e quando o corpo tiver

adquirido uma certa consistência” (ROUSSEAU, 2006, p. 486). Assim, “deixai formar-se o corpo até que a razão comece a despontar: é então o momento de cultivá-la” (ROUSSEAU, 2006, p. 490). Antes disso só existe adestramento.

Falando-lhes, desde sua primeira idade, uma língua que não compreendem, acostumamo-los contentarem-se com palavras, a fazer com que outros com elas se contentem, a controlar tudo o que lhes dizemos, a julgar-se tão sábios quanto seus mestres, a tornarem-se briguentos e teimosos e tudo o que se pensa obter deles por motivos sensatos só obtemos, de fato, pelos de temor ou de vaidade que sempre somos obrigados a acrescentar. (ROUSSEAU, 2006, p. 486).

Segundo Rousseau (2006), os pais perdem o controle da situação em relação aos filhos, não suportam, não têm paciência, não sabem ensinar, se cansam e cedem aos preceptores à educação deles. O erro consiste no fato de que somente eles possuem naturalmente a paciência e a doçura que preceptor nenhum terá, terceirizar a educação dos filhos torna-se prejudicial, porque ao receber uma formação que não é natural, as crianças são conduzidas a adquirirem hábitos e costumes convencionais, o que corrobora para que aprendam a serem e agirem contra a natureza. Enquanto a natureza pede para que corram, vivem presas em lugares fechados; por mais que queiram subir nas árvores, os adultos as impedem, pois têm medo que caiam e quebrem algum membro; querem gritar e são impedidas porque o barulho incomoda os idosos. Assim, privadas, as crianças são impedidas de exercerem o que a natureza lhes ordena.

Não há paciência que não canse enfim a criança que se quer criar dessa maneira e eis como, aborrecidos, cansados pela eterna incomodação com a qual eles mesmos os habituaram, os pais, não podendo mais suportar a balbúrdia das crianças, são forçados eles mesmos a afastá-las, entregando-as aos mestres, como se se pudesse um dia esperar de um preceptor maior paciência ou doçura do que pode ter um pai. (ROUSSEAU, 2006, p. 486).

Os adultos querem que as crianças se formem antes da hora, assim formarão “frutos precoces que não terão nem maturidade nem sabor e não tardarão a corromper-se; teremos jovens doutores e velhas crianças” (ROUSSEAU, 2006, p. 486). Eles não concebem que a infância tem suas fases e que as crianças pensam e sentem de forma própria. “Nada é menos sensato do que a elas querer substituir as nossas e preferiria exigir que uma criança tivesse cinco pês de altura a exigir que tivesse julgamento aos dez anos” (ROUSSEAU, 2006, p. 486). O corpo não está formado, não tem consistência alguma, e já exigem delas o uso da razão, eis a intenção da sociedade: fazer com que

fiquem sempre presas, o que é nocivo e insuportável porque tanto o repouso quanto a reflexão lhes causam tristeza, pois nessa fase existe muita vivacidade no corpo para estar recluso e impossibilitado de movimentar-se, de crescer e aproveitar a vida. “Continuamente encerrados num quarto com livros, perdem todo o seu vigor, tornam-se delicadas, fracas, de má saúde, mais imbecis do que dotadas de razão; e alma sofre por toda vida com o definhamento do corpo” (ROUSSEAU, 2006, p. 487).

Segundo Rousseau (2006), mesmo que as instruções prematuras fossem proveitosas ao julgamento das crianças, haveria de ter inconvenientes em dar-lhes a cada uma delas, separadamente, porque cada uma é constituída igualmente conforme a espécie, mas “cada um traz, ao crescer, um temperamento particular que determina seu gênio e seu caráter e que não se deve transformar nem forçar, mas formar e aperfeiçoar” (ROUSSEAU, 2006, p. 487). Isso não acontece na sociedade, pois ela transforma as possibilidades inatas ao homem, deformando o gênio e o caráter, e “os vícios que se imputam a seu natural são o efeito das más formas que recebeu” (ROUSSEAU, 2006, p. 487). Faltou-lhes direcionamento com vistas ao homem natural, pois não existe “celerado cujas inclinações, se tivessem sido mais bem dirigidas, não teriam produzido grandes virtudes” (ROUSSEAU, 2006, p. 487).

As crianças nascem dotadas de possibilidades e é no cultivo destas que se forma o homem, por isso não existe “espírito pérfido do qual não se tivesse extraído talentos úteis ao tomá-lo de uma certa maneira, como essas figuras disformes e monstruosas que tornamos belas e bem proporcionadas” (ROUSSEAU, 2006, p. 487). A educação na formação do homem social as trata como se tivessem o mesmo temperamento e não considera a diversidade.

Que acontece com uma educação iniciada desde o berço e sempre segundo a mesma fórmula, sem levar em consideração a prodigiosa diversidade dos espíritos? Acontece que se dão à maioria instruções perniciosas ou impróprias; que os privam das que lhes conviriam; que se constrange de todos os lados a natureza; que se apagam as grandes qualidades da alma, para substituir-lhe as pequenas e aparentes que não possuem nenhuma realidade; que, treinando indistintamente para as mesmas coisas tantos talentos diferentes, destroem-se uns pelos outros, confundem-se todos; que depois de muitos cuidados perdidos em estragar nas crianças os verdadeiros dons da natureza, vê-se murchar em pouco tempo esse esplendor passageiro e frívolo que se lhes prefere, sem que o natural abafado volte algum dia; que se perde ao mesmo tempo o que se destruiu e o que se fez; que, finalmente, como fruto de tanto trabalho levemente assumido, todos esses prodígios tornam-se espíritos sem força e homens sem mérito, notáveis unicamente por sua fraqueza e por sua inutilidade. (ROUSSEAU, 2006, p. 487).

Não é interesse da sociedade “formar um perfeito modelo de homem sensato e do homem de bem, depois aproximar cada criança desse modelo pela força da educação, estimulando um, retendo outro, reprimindo as paixões, aperfeiçoando a razão” (ROUSSEAU, 2006, p. 488). A sociedade não se importa com a diversidade humana, pois não lhe interessa a distinção dos seres humanos ao que tange o temperamento ou determinação de gênio e caráter. Por isso, a pressa em ensinar as crianças, em formá-las conforme o que convém aos interesses sociais:

Se a diversidade dos espíritos, em lugar de vir da natureza, fosse uma consequência da educação, isto é, das diferentes ideias, dos diferentes sentimentos excitados em nós desde a infância pelas coisas que nos impressionam, as circunstâncias em que nos encontramos e todas as impressões que recebemos, bem longe de esperar para conhecer o caráter de seu espírito para educar as crianças, seria preciso, pelo contrário, apressar-se em determinar convenientemente esse caráter, através de uma educação própria àquele que queremos dar-lhes. (ROUSSEAU, 2006, p. 488).

Rousseau (2006) pensa que para “transformar um espírito seria preciso transformar a organização interior, para transformar um caráter seria preciso transformar o temperamento de que depende” (ROUSSEAU, 2006, p. 489). É impossível transformar o homem já formado, por isso a necessidade de educar as crianças desde o nascimento. Os adultos podem ser coagidos, nunca transformados, assim, também é impossível impedi-los de mostrar como foram educados.

Podem ser coagidos e não transformados: é possível impedir os homens de se mostrarem tais quais são, mas não torná-los diferentes e, se se disfarçam no curso ordinário da vida, vê-los-eis em todas as ocasiões importantes retomar seu caráter original e a ele entregar-se com tanto menor método quanto não mais o conhecem ao entregar-se (ROUSSEAU, 2006, p. 489).

Segundo Rousseau (2006), a sociedade transforma o caráter do homem: preso a ela, ele é impedido de adentrar na própria interioridade. A sociedade cultiva a degeneração do que o constitui, assim ele perde a qualidade de homem. As crianças nascem dotadas de um caráter, um gênio e talentos inerentes, com isso o filósofo pensa que a primeira idade visa impedir que elas adquiram os hábitos sociais. A razão pode ser direcionada, mas se forem abandonadas a si mesmas contraem “todos os defeitos cujo exemplo impressiona seus olhos porque esse exemplo é fácil de ser seguido e nunca imitam o bem, que custa mais praticar” (ROUSSEAU, 2006, p. 490). Isso porque estão

acostumadas a “obter tudo, a fazer em qualquer ocasião sua irrefletida vontade, tornam-se turbulentas, obstinadas, incorrigíveis” (ROUSSEAU, 2006, p. 490).

Primeiramente a sociedade ensina as crianças a “ vaidade, a cólera, a inveja, numa palavra, todos os vícios que nascem da escravidão” (ROUSSEAU, 2006, p. 491). Posteriormente quer ver o resultado, porque o lucro depende do que se é formado nela, nesse sentido, “se é obrigado a fomentar nas crianças para obter delas o que se exige” (ROUSSEAU, 2006, p. 491). Acostumadas a viverem na cidade, evitam o sol, mantêm a cabeça sempre bem agasalhada contra o frio, vivem ociosas, não têm contato com a terra, respiram os ares poluídos, e assim, tornam-se fracas e tristes.

temo essa pusilanimidade assassina que, à força de delicadeza e de cuidados, enfraquece uma criança, retira-lhe a energia, atormenta-a com uma eterna sujeição, domina-a com mil vãs precauções, enfim, a expõe por toda a vida aos perigos inevitáveis dos quais a quer preservar por um momento e, para evitar-lhe alguns resfriados em sua infância, prepara-lhe de longe pneumonias, pleurisias, insolações e a morte logo que se torna homem. (ROUSSEAU, 2006, p. 491-492).

Segundo Rousseau (2006), a criança não pode aprender a respeitar a própria vontade, primeiro porque não possui maturidade para saber fazer escolhas, segundo porque é incapaz de entender o que é necessário para ela. A criança faz com que os adultos realizem todas as suas vontades, o que se dá “pela insensata indulgência das mães (e dos pais) a quem não se compraz senão favorecendo todos os caprichos de seu filho” (ROUSSEAU, 2006, p. 492). Aprende a dominar os pais, a ditar o que quer, a obrigá-los a realizarem seus desejos. Ela não possui a consciência, não sabe distinguir a dependência a que está subordinada ou a necessidade a que é sujeita e não entende que se os adultos a abandonassem ela pereceria. Não sabe que nessa condição ainda é incapaz de sobreviver se não for amparada e receber todos os cuidados necessários para a conservação da vida. Quanto mais se desenvolve, mais adquire o hábito de impor aos mais velhos os desejos e vontades que vai adquirindo na sociedade.

Que há pois de mais chocante, de mais contrário à ordem do que ver uma criança arrogante e rebelde dominar tudo o que a rodeia, adquirir insolentemente um tom de patrão para com aqueles que apenas precisariam abandoná-la para fazê-la morrer e pais cegos que, aprovando essa audácia, a preparam para tornar-se o tirano de sua ama, antes de tornar-se o deles. (ROUSSEAU, 2006, p. 492).

Segundo Rousseau (2006), na sociedade a criança é induzida a aprender e a se acostumar com o poder da servidão, pois é conduzida a pensar, quando estiver preparada para isso, que é servida por obrigação, assim recebe instrução de como mandar naqueles que a servem, além de aprender como ampliar os serviços mercenários dos quais usufrui, corroborando para perder a capacidade de distinguir o instinto e não reconhecer a piedade daqueles que lhes auxiliam por amor. Assim, é instruída a admitir que é possível mandar nos adultos, porque está assistida por eles a todo o tempo e que estão ali somente para servi-la. Estes, submetidos aos caprichos dela, tornam-se inferiores, porque a deixaram comandar as próprias vontades, “o pai e a mãe se fazem servir como crianças” (ROUSSEAU, 2006, p. 493).

Nessa formação, a criança amplia o amor-próprio, aumenta as paixões e intensifica os hábitos e costumes no convívio com os homens. Isso porque ainda é incapaz de entender que a necessidade é um direito dela, por estar acostumada a ver seus desejos e vontades sempre satisfeitos, pouco se importa com o que lhe é devido. Tudo que quer os adultos a concebe, mesmo que seja uma verdadeira necessidade é tratada como um capricho, tanto por ela quanto por eles. Satisfazer-lhe as vontades momentâneas evita o sofrimento, mas no futuro faz um homem viciado, não acostumado com a real necessidade, predisposto a burlar as leis.

A criança não tira proveito benéfico das experiências, como nas viagens que possibilitam aprender novas formas de vida, “os jovens mal-educados e mal-orientados contraem em suas viagens todos os vícios dos que frequentam, e nenhuma das virtudes com que aqueles vícios estão mesclados” (ROUSSEAU, 2004, p. 672). Uma vez instaurado o vício no coração é impossível retirá-lo, por isso a necessidade de ensiná-la a amar o que é bom. O homem que adquire os vícios sociais não possui controle sobre eles e os tornam uma compulsão, dependente diretamente da opinião de outrem, age como se fosse conformidade com a própria opinião.

Segundo Rousseau (2004), o vício é uma aquisição da vida social, corrompe o homem e torna-o irreconhecível. Ele acoberta a realidade social, põe uma venda nos olhos, aceita as imposições oriundas da sociedade e o seu julgamento. Assim, o homem torna-se viciado porque a formação social o manipula; exemplo disso é o que acontece na moda, na culinária com o excesso dos temperos, nos cheiros, enfim, tudo passa a ter preço e o homem a valer o que possui. O maior dos vícios é a representação, mostrar para os outros homens aquilo que não se é. Julgar é um vício social, danoso contra aquele que se põe ao seu semelhante como superior, por vias da vontade particular.

Acusações, brigas, tudo aponta defeitos oriundos dos maus hábitos adquiridos na sociedade. O vício torna a vida do homem um exemplo de futilidades, por isso o viciado perde a qualidade de ser humano, porque o vício é tudo aquilo que ultrapassa a necessidade. As crianças aprendem a reproduzi-lo, por meio dos exemplos dos adultos, pois assim que chegam à vida adulta.

Todos os que falam da educação das crianças seguem os mesmos preconceitos e as mesmas máximas, porque observam mal e refletem ainda pior. Não é nem pelo temperamento, nem pelos sentidos que começa a desorientação da juventude, mas sim pela opinião. Se se tratasse aqui de meninos educados nos colégios e de meninas educadas nos conventos, eu mostraria que isso é verdade mesmo a respeito deles; pois as primeiras aulas que uns e outras recebem, e as únicas que dão frutos, são as aulas do vício, e não é a natureza que os corrompe, é o exemplo. (ROUSSEAU, 2004, p. 475).

De acordo com Rousseau (2006), tanto a criança quanto os adultos, na sociedade, desconhecem as reais necessidades. Ela é incapaz de compreender o que faz e eles se submetem aos seus caprichos. Sendo assim, um dos erros dos adultos é exigir da criança o que é incapaz de possuir, ou seja, a consciência dos seus atos; outro erro é permitir que ordene algo a eles. Ambos fazem de tudo para desfrutarem de um bem-estar momentâneo e de manter uma relação de concórdia aparente: de um lado, os adultos buscam agradá-la na mesma proporção de gentileza, de outro, ela tenta ser agradável. A criança sente que está rodeada pela autoridade da benevolência, e por isso se torna agradável e amável. Eis o amor-próprio, que aparentemente torna a relação afetuosa e igualitária. Assim, os adultos acreditam que a criança age por bondade, não admitem que ela está aprendendo a agir em prol de um interesse próprio em desfavor da necessidade. Os pais “fingem querer que a criança obedeça ao empregado e querem, de fato, que o empregado obedeça a criança” (ROUSSEAU, 2006, p. 493).

Mas a criança só obtém daqueles que dela se aproximam a exata complacência que ela tiver para com eles. Com isso, sentindo que tem, sobre tudo o que a rodeia, apenas a autoridade da benevolência, torna-se dócil e complacente: procurando atrair os corações dos outros, o seu afeiçoa-se a eles por sua vez, pois ama-se fazendo-se amar: é infalível efeito do amor-próprio e, dessa afeição recíproca, nascida da igualdade, resultam sem esforço as boas qualidades que se pregam continuamente a todas as crianças sem nunca obter nenhuma. (ROUSSEAU, 2006, p. 493).

Rousseau (2006) pensa que a “parte mais essencial da educação de uma criança, aquela de que nunca se fala nas educações mais bem cuidadas é a de fazer-lhes bem sentir sua miséria, sua fraqueza, sua dependência” (ROUSSEAU, 2006, p. 493). Fazê-la

perceber que é dependente e necessita do auxílio do adulto para sobreviver, que essa dependência advém da natureza, e que isso fique evidente para ela desde cedo, que sinta gratidão e consiga perceber a ordem humana no mundo:

o pesado jugo da necessidade que a natureza impõe ao homem e isso não somente a fim de que seja sensível ao que se faz para aliviar-lhe tal jugo, mas sobretudo a fim de que conheça cedo em que categoria a providência a colocou, que não se eleve acima de sua alçada e que nada de humano seja estranho a sua pessoa. (ROUSSEAU, 2006, p. 493).

Na formação a criança já recebeu tantos exemplos sociais que quando chega à fase da juventude pensa que tudo gira ao seu entorno, que os homens lhes devem todo tipo de obrigação, que são obrigados a cederem às suas vontades e aos seus caprichos. É essa educação que Rousseau (2006, p. 494) recusa e afirma: “gostaria muito de evitar a meu filho essa segunda e mortificante educação” na primeira educação da vida.

Segundo Rousseau (2006), a primeira educação é aquela que prepara a criança para ser educada. A segunda educação forma a criança depois que a razão já estiver pronta para o entendimento. O filósofo recusa a educação da sociedade porque ela começa a formação na segunda educação, e para ele antecipar a educação é formá-la indevidamente, pois oferece o que ela não necessita, ou seja, instruções e adestramento. Isso corrobora para que a criança entenda que os primeiros impulsos da natureza não são bons, porque lhes são negligenciados.

A educação social nega o que é natural, nega também a possibilidade da criança aprender a conservar a natureza, a correr, a gastar a energia, a descobrir por si mesma o novo, a desfrutar o mundo e as possibilidades, a sentir a necessidade de saber das coisas e investigá-las, a colocar a *perfectibilidade* em ação. Presa em um quarto, a criança não saberá o que é sentir dor, agasalhada não saberá sentir frio, e assim desconhece tudo o que pode aprender conforme a necessidade. Passa a considerar como um direito o fato de ser obedecida, e disso nascem os vícios, tanto do exemplo dos adultos quanto dela mesma, porque nesse caso eles dão pouca importância e pouco valor para o que ela faz: um adulto não mediria forças com uma criança, isso seria desleal, porém age com complacência gerando um homem indolente (ROUSSEAU, 2006, p. 494).

Instigados desde o nascimento pela indolência na qual foram alimentados, pela consideração que todo o mundo tem por eles, pela facilidade em obter tudo o que desejam, a pensar que tudo deve ceder a seus caprichos, os jovens entram na sociedade com esse preconceito inconveniente e muitas vezes só se

corrigem à força de humilhações, de afrontas e de desesperos (ROUSSEAU, 2006, p. 494).

Para Rousseau (2006), a histeria da criança acontece porque os adultos lhes dão atenção, tanto para conceder os seus pedidos quanto para negar o que quer. Quando a criança percebe que eles não querem que chore, se põe a chorar por um longo período, independente se for uma adulação ou ameaça o resultado sempre será ineficaz, pois a correção que a faz parar de chorar sempre será pernicioso, a prejudicará e conseqüentemente fortalecerá seu amor-próprio, em outras palavras, chora-se por capricho ou somente para fazer acalmar. Bajular a criança para que não cause histeria e grite pode ter conseqüências perigosas no futuro, pois a “mesma causa que a torna gritona aos três anos torna-a rebelde aos doze, briguenta aos vinte, arrogante aos trinta e insuportável a vida inteira” (ROUSSEAU, 2006, p. 495).

O que alimenta a gritaria das crianças é a atenção que lhe damos, seja para ceder a elas seja para contrariá-las. Às vezes, para chorar o dia inteiro basta-lhes perceber que não queremos que chorem. Quer as adulemos que as ameacemos, os meios que usamos para fazê-las calar são todos perniciosos e quase sempre ineficazes. Ocuparmo-nos com seus choros é para elas uma razão para continuá-los, mas corrigem-se logo quando vêm que não lhe damos importância pois, grandes e pequenos, ninguém gosta de trabalho inútil. (ROUSSEAU, 2006, p. 495).

Segundo Rousseau (2006), os adultos educam as crianças por meio da persuasão: “logo que tivermos submetido alguma coisa ao seu julgamento, desejam decidir sobre tudo, tornando-se sofistas, sutis, de má-fé, fecundos em trapagens, procuram sempre reduzir ao silêncio os que têm a fraqueza de expor-se às pequenas luzes” (ROUSSEAU, 2006, p. 495). Por permissão, elas se intrometem na conversa deles, pensam que possuem entendimento para verbalizar os assuntos dos quais desconhecem, falam pelos outros, apenas reproduzem o que supostamente pensam e não respeitam os idosos (ROUSSEAU, 2006, p. 496).

As crianças estão acostumadas a interromperem “uma conversa séria para ocupar todo mundo com a primeira bobagem que lhes passe pela cabeça” (ROUSSEAU, 2006, p. 497). Rousseau (2006) pensa que não é proibido perguntar, porém os adultos podem ensiná-las a fazer as perguntas, que sejam devagar e em particular ao preceptor. Interrogar não é uma lição fácil, sendo “bem mais a arte dos mestres [do que as] dos discípulos, é preciso ter já aprendido muitas coisas para saber perguntar o que não se

sabe” (ROUSSEAU, 2006, p. 497).²⁵ A priori, as crianças não possuem a capacidade de entender que fazer perguntas requer possuir capacidades de entendimento, “as crianças livremente só fazem quase sempre perguntas ineptas que não servem para nada, ou profundas e difíceis cuja solução ultrapassa seu alcance e, visto que não devem saber tudo, é importante que não tenham o direito de perguntar tudo” (ROUSSEAU, 2006, p. 497). Eis o motivo pelo qual geralmente são os adultos que lhes fazem as perguntas no percurso educacional.

Longe de ensinar as crianças a agirem com discrição, a educação lhes ensina a possuírem vaidade (ROUSSEAU, 2006, p. 498). O maior inconveniente é ver as crianças ultrapassarem a fase da razão, chegarem à vida adulta e dizerem assuntos sem importância e mesquinhos, considerando como um bem o que as degenera.

O pior que poderá acontecer com essa reserva por demais prolongada seria que meu filho, na idade da razão, tivesse uma conversa menos ágil, a de passar a vida dizendo coisas sem importância amesquinha o espírito, consideraria essa feliz esterilidade mais como um bem do que como um mal. As pessoas ociosas, sempre entediadas consigo mesmas, esforçam-se por dar um grande valor à arte de diverti-las e dir-se-ia que o saber viver consiste em dizer apenas palavras vãs como em dar somente dons inúteis. (ROUSSEAU, 2006, p. 498).

Rousseau (2006) pensa que a natureza deu ao homem a justa medida, a força conforme a idade e a necessidade, assim ela uniformiza a vida em um saciar igualitário, suprimindo cada caso com limites impostos. Essa prescrição não é respeitada na sociedade civil. Por isso, o filósofo faz analogia à “voz da verdade”: quanto mais o homem for sábio, mais observará e falará somente quando é necessário. Reportando à família, o “ser sábio” supõe a qualidade de ser dos pais, que por serem mais velhos, pressupõem serem mais experientes e terem forças suficientes para suprir as necessidades dos filhos, tanto as fisiológicas quanto as morais. Mas o homem civil ignora o preceito e degrada a natureza das crianças, usa a palavra para enganar, persuadir, caluniar, assim ensina somente o que as corrompe.

A voz da verdade, a mais digna voz do homem, o único órgão cujo uso o distingue dos animais, não lhe foi dada para que dela não tirasse um melhor partido do que o fazem com seus gritos. Degrada-se abaixo deles quando fala para não dizer nada e o homem deve ser homem até em suas distrações. Se há polidez em aturdir todo mundo com um vão palavrorio, vejo uma outra bem mais verdadeira em deixar falar de preferência os outros, em ter maior

²⁵ Segundo Rousseau (2006, p. 497): “O sábio sabe e indaga, diz um provérbio indiano, mas o ignorante não sabe nem mesmo o que indaga”.

consideração pelo que dizem do que pelo que diríamos nós mesmos e em mostrar que os estimamos demais para pensar diverti-los com ninharias. (ROUSSEAU, 2006, p. 498).

Se os pais tivessem consciência, entenderiam que “a sociedade humana tem um objetivo mais nobre e seus verdadeiros prazeres têm maior solidez” (ROUSSEAU, 2006, p. 498). Entenderiam que o “bom uso da sociedade, aquele que faz com que nela sejamos procurados e amados não é tanto o de brilhar, mas o de fazer com que os outros brilhem e de, à força de modéstia, dar a seu orgulho maior liberdade” (ROUSSEAU, 2006, p. 498), possibilitando assim que as crianças tenham a liberdade para serem crianças, fazerem o que é próprio para a idade, distante da polidez e da vaidade.

Não temamos que um homem de espírito que só se abstém de falar por reserva e discrição possa alguma vez ser considerado um tolo. Em qualquer país não é possível julgar um homem pelo que não disse e desprezá-lo por ter-se calado. Pelo contrário, observa-se em geral que as pessoas silenciosas impõem respeito, que diante delas está-se atento e que se lhe presta muita atenção quando falam, o que, deixando-lhes a escolha das ocasiões e não perdendo nada do que dizem, põe toda a vantagem do lado delas. É tão difícil para o mais sábio dos homens conservar toda a sua presença de espírito num longo fluxo de palavras, é tão raro não lhe escaparem coisas de que se arrependa mais tarde, que prefere reter o bom a arriscar o mau. Enfim, quando não é por falta de espírito que se cala, se não fala, por mais discreto que possa ser, a culpa é dos que estão com ele. (ROUSSEAU, 2006, p. 499).

Segundo Rousseau (2006), a desigualdade moral nasce da vaidade do homem social, não se pode ser feliz sendo escravo, e se “alguma vez a vaidade tornou alguém feliz na terra, infalivelmente esse feliz era apenas um tolo” (ROUSSEAU, 2006, p. 496). Tolo porque esse homem tornou-se alienado, deixou que alguns homens ditassem as regras, aceitou-as sem contestação e as colocou em prática. “Afirmar que um homem se dá gratuitamente constitui uma afirmação absurda e inconcebível; tal ato é ilegítimo e nulo, tão só porque aquele que o pratica não se encontra no completo domínio de seus sentidos” (ROUSSEAU, 1983d, p. 27). Diante dessa situação, o dinheiro e o prestígio passam a ter um valor em detrimento dos valores morais, sendo assim, ao renunciar a liberdade, o “ente moral” renuncia a sua qualidade de homem. A liberdade é inata, portanto, nenhum homem pode alienar a sua condição de ser homem, esse absurdo implica em renunciar o amor-de-si, a piedade natural, a *perfectibilidade*, aquilo que faz o homem ser homem, a sua qualidade originária.

O homem social, ao adquirir na sociedade instituída o amor-próprio, as paixões, a escravidão, torna-se alienado. Rousseau (1983b) pensa que as representações sociais

afastam o homem da natureza, escravizando-o em uma forma de vida social. Isso porque deixou que o amor-próprio tomasse conta do agir e da escolha. Ninguém tem o direito de dar aquilo que não lhe pertence, a liberdade do homem pertence à natureza, é conforme a natureza que ele desenvolve o que lhe é inerente.

Renunciar à liberdade é renunciar à qualidade de homem, aos direitos da humanidade, e até aos próprios deveres. Não há recompensa possível para quem a tudo renuncia. Tal renúncia não se compadece com a natureza do homem, e destituir-se voluntariamente de toda e qualquer liberdade equivale a excluir a moralidade de suas ações. (ROUSSEAU, 1983d, p. 27).

Rousseau (2006) pensa que a moralidade é ensinada, e exemplifica através de dois irmãos que aprendem, por meio da educação, a praticarem um ato justo, reconhecendo o limite de cada um e respeitando a liberdade do outro. A história do tambor é um exemplo que o filósofo utiliza para dizer como os adultos, na sociedade, ensinam as crianças a sentirem inveja umas das outras. Na relação entre irmãos existe naturalmente, entre o mais velho e o mais jovem, uma diferença de força, sendo assim, quando o mais velho quer, age em detrimento do mais novo por utilizar a força como recurso para praticar atos de injustiça, porque agir injustamente é desprezar a piedade e não reconhecer a fraqueza do outro. Enquanto o mais jovem suporta a lei da necessidade, o mais velho pode seguir o mesmo preceito se tiver a orientação justa, o que parte do adulto que lhes acompanha e que não permitirá excessos na relação entre ambos. Uma vez que estão sendo formados, se direcionados desde cedo, podem entender o devido lugar de suas partes nas relações humanas.

Ontem, por exemplo, tendo o mais velho tirado o tambor ao mais moço, fizera-o chorar. Fanchon não disse nada mas, uma hora depois, no momento em que aquele que havia roubado o tambor estava mais entretido com ele, ela lho retomou; vós o tomastes a força, de vosso irmão, eu vo-lo retomo da mesma maneira, que tendes a dizer? Não sou o mais forte? Depois, pôs-se a bater a caixa imitando-o, como se tivesse nisso muito prazer. Até esse momento tudo ia maravilhosamente bem. Mas, algum tempo depois, ela quis devolver o tambor ao mais moço, então detive-a, pois não era mais uma lição da natureza e daí poderia nascer um primeiro germe de inveja entre os dois irmãos. Ao perder o tambor, o mais jovem suportou a dura lei da necessidade, o mais velho sentiu sua injustiça, ambos conheceram sua fraqueza e se consolaram em seguida. (ROUSSEAU, 2006, p. 500).

Na sociedade civil os adultos ensinam as crianças a sentirem inveja umas das outras enaltecendo o mais fraco e enfraquecendo o mais forte. Por isso, Rousseau (2006, p. 500) pensa que “para guiar o homem, a marcha da natureza é sempre melhor”, porque

o caminho natural garante a liberdade, e é nesse contexto que o homem garante as qualidades, os direitos e os deveres da humanidade. No *Emílio*, Rousseau (2004, p. 700) afirma que: “A liberdade não está em nenhuma forma de governo, ela está no coração do homem livre; ele a carrega consigo por toda parte”. O homem constituído de liberdade “é”, por isso a diferença entre “ser” e “parecer”; submeter-se à aparência é ser escravo e a escravidão é contrária à condição humana, sendo assim, é a sociedade que forma o homem desigual e escravo.

Segundo Rousseau (1983b), a mudança na estrutura da consciência e dos sentimentos individuais, por meio da interação entre as paixões e o controle delas, é refletida e sentida na sociedade. O homem social é mascarado, representa um papel, muda todo o sentido de sua natureza para adequar-se ao sistema criado por ele. Ao mascarar-se, ele visa prejudicar o seu semelhante: iludindo-o de todas as formas, engana-o para lhe tirar proveito e, não satisfeito, vilipendia a liberdade e, assim, torna-se superior a ele. A representação é um modo de não revelar aquilo que está por detrás do interesse particular, tanto para retirar proveito dos outros quanto para aniquilar todas as possibilidades de ação da liberdade inata, o que acontece no caso da escravidão. Das paixões ilimitadas nascem as disputas entre os homens, ricos e pobres duelam sem limites, os que possuem bens e riquezas querem possuir além do que já adquiriram, os que nada possuem, sem nada a perder, lutam de todas as formas para conquistar o que pertence aos outros. O sentimento de posse é movido por paixões ilimitadas que acabam por destruir seu coração.

Penetramos, pois, através de nossas frívolas demonstrações de benevolência, no que se passa no fundo dos corações e refletimos sobre como deva ser um estado de coisas no qual todos os homens são forçados a agradar-se e a destruir-se mutuamente, e no qual nascem inimigos por dever e traidores por interesse. Caso me respondam que a sociedade é constituída de tal modo que cada homem lucra auxiliando os outros, replicarei que isso seria muito bom se ele não lucrasse mais ainda prejudicando-os. Não há, absolutamente, um lucro legítimo que não possa ser ultrapassado por aquele que se pode fazer ilegitimamente e o dano que se faz ao próximo é sempre mais lucrativo do que os serviços. Não se trata, pois, senão de encontrar os meios para assegurar-se a própria impunidade e para isso os poderosos empregam todas as forças e os fracos todas as artimanhas. (ROUSSEAU, 1983b, 292).

Nesse sentido, a força da sociedade é opressora, ilimitada no coração do homem social, é a motivadora das disputas com consequências irreparáveis. Mortes violentas, sacrifícios, vinganças, orgulho, desprezo, assaltos, roubos, castigos, injúrias, perseguições, descaso, prisões, armamentos, envenenamentos, guerra, opressão, ódio,

uso abusivo de força, e o pior de todos os males, a alienação do coração, dos sentimentos naturais dos quais Rousseau (2004) afirma serem a constituição do homem. O homem social é aquele que “nasce, vive e morre na escravidão; enquanto conservar a figura humana, estará acorrentado por nossas instituições” (ROUSSEAU, 2004, p. 16).

É a negligência sobre este ponto que faz com que toda a juventude se perca; é pela desordem da primeira idade que os homens degeneram e que os vemos tornarem-se o que são. Vis e covardes em seus próprios vícios, têm somente almas pequenas, porque seus corpos gastos cedo se corromperam: mal lhes resta vida suficiente para se moverem. Seus sutis pensamentos revelam espíritos sem nenhuma envergadura; nada sabem sentir de grande e de nobre; não têm nem simplicidade nem vigor; abjetos em todas as coisas e baixamente maus, são apenas vaidosos, patifes e falsos; não têm nem mesmo a coragem para serem ilustres celerados. Assim são os desprezíveis homens que a crápula da juventude forma; se dentre eles se achasse um só que fosse capaz de ser temperante e sóbrio, que fosse capaz, no meio deles, de preservar seu coração, seu sangue, seus costumes do contágio do exemplo, aos trinta anos ele esmagaria todos esses insetos e tornar-se-ia seu senhor com menos dificuldade do que teve para permanecer senhor de si mesmo (ROUSSEAU, 2004, p. 483).

2.2 ROUSSEAU PREPARA A CRIANÇA PARA SER EDUCADA

Rousseau (2006) pensa que a natureza fez a criança dependente, fraca e carente de proteção, por isso é “desde o nascimento que deve começar sua educação” (ROUSSEAU, 2006, p. 485). A natureza “quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens” (ROUSSEAU, 2006, p. 486), deu aos adultos a tarefa de cuidar de todas as necessidades delas, possibilitando a garantia da conservação da vida, compensando a fraqueza e livrando-as de todas as possíveis adversidades, até que consigam por si mesmas chegarem à autonomia.²⁶ “A infância tem maneiras de ver, de pensar de sentir, que lhe são próprias” (ROUSSEAU, 2006, p. 486).

Considerando a infância em si mesma, existirá no mundo um ser mais fraco, mais digno de piedade, mais à mercê de tudo o que rodeia, que tenha tanta necessidade de piedade, de amor, de proteção quanto uma criança? Não parece ser por essa razão que as primeiras vozes que lhe são sugeridas pela natureza são os gritos e as queixas, que ela lhe deu um aspecto tão doce e um ar tão comovente a fim de que tudo o que dela se aproxima se interesse por sua fraqueza e se apresse em socorrê-la? (ROUSSEAU, 2006, p. 492).

²⁶ Segundo Rousseau (2006, p. 491): “durante a fraqueza da primeira idade a natureza subjuga as crianças de tantas maneiras que é bárbaro acrescentar a esse jugo o poder de nossos caprichos, retirando-lhe uma liberdade tão limitada e da qual podem abusar tão pouco”.

O corpo da criança adquire consistência com o tempo, ao final de vários anos forma-se a razão. “É intenção da natureza, portanto, que o corpo se fortifique antes que o espírito se exerça” (ROUSSEAU, 2006, p. 486). A ordem natural corrobora para o bem, cabe ao homem permanecer no caminho prescrito pela natureza, segui-la e, assim, viver em conformidade consigo mesmo.²⁷ Rousseau (2006, p. 488) pensa a possibilidade de se desenvolver o gênio e os talentos naturais inerentes em cada indivíduo, tanto para a própria felicidade quanto para o bem social, o que é possível por meio da educação.

A diversidade humana, ou seja, o que distingue os seres humanos uns dos outros no temperamento particular, na determinação do gênio e de seu caráter é obra da natureza, porque “se os espíritos são diferentes eles são desiguais e, se a natureza os tornou desiguais, foi dotando-os a uns mais do que a outros de um pouco mais de sentido de finura, de extensão da memória ou de capacidade de atenção” (ROUSSEAU, 2006, p. 488). Sendo assim, os homens possuem diferenças acidentais tanto no sentir quanto na memorização das experiências, cada qual utiliza a capacidade de atenção inerente a si, que está diretamente ligada tanto no interesse particular quanto no mover da ação. A atenção aumenta a memorização e, com isso, a capacidade de percepção, que é fundamental para a conservação.

Ora, quanto aos sentidos e à memória, está provado pela experiência que seus diversos graus de extensão e de perfeição não são a medida do espírito dos homens e, quanto à capacidade de atenção, depende ela unicamente da força das paixões que nos animam e já está provado que todos os homens são, por sua natureza, suscetíveis de paixões suficientemente fortes para dotá-los do grau de atenção ao qual está ligada a superioridade do espírito. (ROUSSEAU, 2006, p. 488).

A primeira educação é a que prepara a criança para ser educada e que possibilitará a Emílio a “justa opinião das coisas” (ROUSSEAU, 2006, p. 494),²⁸ pois “os primeiros impulsos da natureza são sempre bons e salutares” (ROUSSEAU, 2006, p. 494). O exemplo dado na primeira fase revela o sentido natural do choro: quando a criança chora é porque sente dor. A partir do momento em que a dor cessa, ela deixa de chorar, e isso possibilita, na formação, perceber e ter a certeza que ela somente chora

²⁷ Segundo Rousseau (2006, p. 487), “Tudo concorre para o bem comum no sistema universal. Todo homem tem seu lugar assinalado na melhor ordem das coisas, trata-se de encontrar esse lugar e de não alterar essa ordem”.

²⁸ Segundo Rousseau (2006, p. 486), “a primeira e a mais importante educação, exatamente aquela que todo mundo esquece é a de preparar a criança para ser educada”.

quando sente dor, revelando assim o estado de saúde. Os olhos atentos do preceptor na formação do Emílio possibilita perceber o que a natureza faz, como ela faz. Nesse e em nenhum outro caso é permitido cessar o choro da criança, interferindo e impossibilitando a ação natural.

Chora quando sofre, é a voz da natureza que nunca se deve coagir, mas cala-se no momento em que não sofre mais. Assim, presto muita atenção a seu choro, tendo a certeza de que nunca chora em vão. Com isso ganho a certeza de saber o momento exato em que sente dor e aquele em que não sente, quanto está com saúde e quando está doente. (ROUSSEAU, 2006, p. 495).

A natureza deu à criança a necessidade de se queixar. Não é simplesmente para os queixumes que Rousseau (2006) chama atenção, pois, se ela fosse desprovida de gritos e choros, padeceria por necessidade, mas também pela reação de quem a escuta. O adulto, quando escuta uma criança chorar, sente-se incomodado, sofre uma reação, isso porque todo ser sensível possui em si a piedade. Ao escutar as necessidades da criança, por um ato de piedade, o adulto se põe a supri-las, o que garante a conservação da vida. Quando escuta a verdadeira necessidade, ele compreende a “voz da natureza” e faz de tudo para auxiliá-la, já que sozinha a criança é incapaz. Suprindo suas necessidades, ele tem a possibilidade de ensiná-la a escutar o que é vital, assim, ela aprende o que é necessário enquanto criança, respeitando a sua interioridade, a sua consciência em formação, a sua compreensão dentro das possibilidades de entendimento e o necessário em conformidade com a sua idade: “É aqui que julgo seguir uma estrada nova e segura para tornar ao mesmo tempo uma criança livre, tranquila, afetuosa, dócil e isso de um modo muito simples, o de convencê-la de que é apenas uma criança” (ROUSSEAU, 2006, p. 492).

nada poupei para afastar de meu filho a perigosa imagem de poder e da servidão e para nunca dar-lhe a oportunidade de pensar que foi servido mais por dever do que por piedade. Este ponto é, talvez, o mais difícil e o mais importante de toda a educação e a narração infundável de todas as preocupações que tive de tomar para evitar nele esse instinto tão pronto a distinguir os serviços mercenários dos empregados e a ternura dos cuidados maternos não acabaria nunca. (ROUSSEAU, 2006, p. 492).

A formação trata de convencer a criança que é impossível viver sem a assistência do adulto, pois o ato de dependência é estar forçado a receber de outrem a ajuda necessária para sobreviver. Assim, o adulto é superior e responsável por todos os atos da criança, porque a conduz nos possíveis caminhos para conservar a sua

sensibilidade, o amor-de-si, a piedade, a inteireza com a natureza. Quando ela começa a perceber que ele não necessita dela para nada, que todos os seus atos não são superiores aos dele e que sozinha corre risco de vida, ela começa a ver seu próprio lugar no mundo. Aos poucos percebe a dependência, a fraqueza, o desequilíbrio da força que possui e a diferença das idades entre eles. A criança deseja então chegar à idade adulta e adquirir a força suficiente para não depender de outrem.

Um dos principais meios que empreguei foi, como já vo-lo disse, o de convencê-lo bem da impossibilidade em que o mantém sua idade de viver sem nossa assistência, após o quê, não tive dificuldade em mostrar-lhe que toda a ajuda que se é forçado a receber de outras pessoas são atos de dependência, que empregados tem uma verdadeira superioridade sobre ele, pelo fato de não poder prescindir deles, enquanto ele não lhe serve para nada, de maneira que, longe de envaidecer-se com seus serviços, recebe-os com uma espécie de humilhação, com um testemunho de sua fraqueza e deseja ardentemente a época em que será bastante grande e bastante forte para ter a honra de servir-se a si mesmo.(ROUSSEAU, 2006, p. 492 - 493).

Emílio aprende o que é ser servido por amor, pois aprendeu a distinguir a piedade e sabe diferenciá-la do que é uma atitude mercenária com vistas no interesse, na dependência, na usurpação de serviços e não delega ao outro o que ele mesmo pode fazer. Dessa forma, sabe seu lugar no mundo, foi instruído para respeitar os homens, entender o que é servir e ser servido equitativamente. Entende que os homens “tem suas funções a preencher, e onde as relações entre criados e patrões são apenas uma perpétua troca de serviços e de cuidados” (ROUSSEAU, 2006, p. 493), em suas consciências não existem nem desigualdade, tampouco usurpação. Emílio vê a necessidade como um direito, porque “tudo o que o aflige sente o império da necessidade, o efeito de sua própria fraqueza, nunca a obra da malquerência alheia” (ROUSSEAU, 2006, p. 494), por isso é merecedor do bem que lhe fazem e retribui a generosidade com respeito e dignidade. “As verdadeiras necessidades são muito limitadas nas crianças como nos homens, e deve-se olhar mais a duração do bem-estar do que o bem-estar de um só momento” (ROUSSEAU, 2006, p. 493).

Assim, para assegurar a duração do bem-estar e formar o homem, Rousseau (2006) pensa que a formação exige um cuidado reforçado para evitar que nasçam os vícios, por isso Emílio não aprende nem a mandar nem a obedecer: “Ninguém aqui manda nem obedece [...], todos os meus cuidados tiveram o objetivo de impedir que tais vícios nascessem” (ROUSSEAU, 2006, p. 493).

Os adultos não pedem a opinião das crianças de como se deve agir com elas, eles usam a autoridade para formá-las porque elas não têm a capacidade de entenderem racionalmente os motivos que os levam a agirem em determinadas situações. “Em tudo o que se concede às crianças, elas vêem facilmente o desejo de comprazer-lhes; em tudo o que delas se exige ou que a elas se recusa, devem suportar razões, sem pedi-las” (ROUSSEAU, 2006, p. 495). A prudência garantirá, no processo formativo, a medida justa no momento em que elas não estiverem em condições de compreender, porque para aprender leva-se tempo e paciência. Sendo assim, “o único meio de torná-las dóceis à razão não é o de raciocinar com elas, mas o de bem convencê-las de que a razão está acima de sua idade, pois nesse caso a suportam no lado em que deve estar” (ROUSSEAU, 2006, p. 495).

É outra vantagem que se ganha ao usar com elas antes a autoridade do que a persuasão nas ocasiões necessárias pois, como não é possível que percebam as vezes a razão que temos em agir assim, é natural que a suportem, mesmo quando não tiverem condições de vê-la. (ROUSSEAU, 2006, p. 495).

Amar as crianças implica em criar condições para que elas aprendam a suprir as próprias necessidades, aprendendo a buscarem a exata medida entre a necessidade e a força, pois amor é cuidado, proteção, impedimento do que pode atentar contra a vida, eis o que Rousseau (2006) pensa. Os adultos demonstram amor, cuidado e respeito quando estabelecem regras. Conforme as crianças vão adquirindo entendimento, percebem que é necessário seguir as regras e é pela consciência do cuidado que recebem que entendem o amor. “Sabem perfeitamente que não se quer atormentá-las quando têm certeza de que as amamos e as crianças raramente se enganam neste ponto” (ROUSSEAU, 2006, p. 495 - 496). Ignorar a vontade delas implica em estabelecer a superioridade da razão, em outras palavras, fazê-las pensar sobre os atos praticados, tomar consciência que podem fazer a escolha justa, escolhendo sempre aquilo que é próprio da necessidade.

Nesse caminho, tudo o que for supérfluo a criança rejeitará. “Portanto, quando recuso alguma coisa às minhas, não argumento com elas, não lhes digo por que não quero, mas ajo de forma que o vejam tanto possível e, algumas vezes, a posteriori” (ROUSSEAU, 2006, p. 496). Assim, vão adquirindo a consciência do zelo, do que é essencial, da simplicidade e da moralidade, porque “acostumam-se a compreender que nunca as recuso sem ter uma boa razão, embora nem sempre a percebam”

(ROUSSEAU, 2006, p. 496). Por esse motivo a formação demanda tempo, tornar-se consciente e autônomo requer uma longa caminhada na percepção das ações, das escolhas e do entendimento.

O papel dos adultos é ensinar às crianças que não se “intrometam na conversa das pessoas sensatas e imaginem totalmente ter seu lugar entre elas como os outros” (ROUSSEAU, 2006, p. 496). Isso porque elas adquirem na sociedade o hábito de falar quando não são questionadas e sempre se intrometem nas conversas dos adultos, dizem o que supostamente entendem, porém verbalizam os assuntos dos quais desconhecem, falam por si mesmas e desrespeitam os idosos. Essa educação corrobora para o nascimento e o crescimento da vaidade no coração delas.

Impeçamos que sua vaidade nasça ou, pelo menos, detenhamos seus progressos; isso significa trabalhar realmente para sua felicidade, pois a vaidade do homem é a fonte de seus maiores sofrimentos e não há ninguém tão perfeito e tão festejado a quem ela não traga ainda mais pesares do que prazeres. (ROUSSEAU, 2006, p. 496).

A natureza trata de formar o ser físico enquanto a educação dos homens forma o ser moral, ambas trabalham em conjunto para formar o homem. Desviar dessa ordem implica em deformação e degeneração. Sendo assim, as leis impostas aos filhos são as da “própria liberdade, isto é, as de não importunar as pessoas mais do que elas os importunam, de não gritar mais alto do que lhes falam e, como não os obrigamos a se ocuparem de nós, também não quero que desejem que nos ocupemos deles” (ROUSSEAU, 2006, p. 499). Não respeitar essas justas leis implica em cessar a necessidade e romper o liame natural, em contrapartida, a educação que forma o homem busca fazê-los sentir que o melhor lugar para se viver é aquele que foi formado com amor. Assim, “não são coagidos a nada, nunca são forçados a aprender alguma coisa, não são entediados com vãs punições, nunca são repreendidos; as únicas lições que recebem são lições de prática recebidas na simplicidade da natureza” (ROUSSEAU, 2006, p. 499). E nesse caminho recebem a educação dos pais ou do preceptor.

não se trata de transformar o caráter e de modificar o natural, mas pelo contrário, de lançá-lo tão longe quanto pode ir, de cultivá-lo e de impedir que degenera, pois é assim que um homem se torna tudo o que pode ser e que a obra da natureza nele se completa pela educação. Ora, antes de cultivar o caráter é preciso estudá-lo, esperar tranquilamente que se mostre, fornecer-lhe as ocasiões de mostrar-se e, de preferência, antes abster-se sempre de fazer algo a agir fora de propósito. A tal gênio é preciso dar asas, a outros entraves; um quer ser apesado, o outro retido; um quer que o lisonjeiem e o outro que o intimidem; seria preciso ora esclarecer ora confundir. Tal homem

é feito para levar o conhecimento humano até seu último limite, a tal outro é mesmo funesto saber ler. Esperemos a primeira centelha da razão, é ela que faz aparecer o caráter e lhe dá sua verdadeira forma, é através dela também que é cultivado e não há, antes da razão, verdadeira educação para o homem. (ROUSSEAU, 2006, p. 490).

O caminho da criança pode ser preparado para que ela seja educada, cultivando as potencialidades naturais e evitando-as degenerar. O preceptor estuda o caráter, deixa-o vir a ser, propicia situações das quais ele aparece para que possa controlá-lo e saber orientar o percurso. Em alguns, o caráter se apresentará acelerado, em outros se dará lentamente, cada qual com sua intensidade, respeitando a natureza individual.

há caracteres que se manifestam quase ao nascer e crianças que podem ser estudadas no seio de sua ama. Aqueles formam uma classe à parte e são educados ao começar a viver. Mas, quanto aos outros, que se desenvolvem menos rapidamente, querer fechar seu espírito antes de conhecê-lo significa expor-se a estragar o bem que a natureza fez e fazer em seu lugar um mal maior. (ROUSSEAU, 2006, p. 489).

Tanto o caráter que se desenvolve rapidamente quanto o que se apresenta lentamente necessitam de agir conforme a natureza, portanto sem intervenção. Orientados, os velozes necessitam de entraves, pois são apressados em demasia, enquanto os lentos podem adquirir certa soltura, pois são tímidos. Assim que a natureza afirmar que a razão pode ser cultivada, aparecerá o caráter, e é por meio dele que se iniciará a educação moral em um segundo momento, com vistas a assegurar que todos os princípios naturais sejam garantidos e que a criança não se torne o “homem de duas faces”.

Uma nova sociedade e a formação do homem em Rousseau - eis o que trataremos no terceiro capítulo desta dissertação, a partir da formação de Emílio fora da sociedade corrompida, pois receberá uma educação que garanta a sua condição humana. Recusar formar o homem na sociedade é reivindicar formá-lo de acordo com os impulsos da natureza, colocando-se à sua disposição e, automaticamente, fora da sociedade civil. Não é possível formar o homem na sociedade instituída, ela não permite conservar a natureza humana no processo formativo.

O homem nasce dependente, precisa por um longo tempo de cuidados tanto na subsistência quanto na capacitação formativa, pois sem assistência ele facilmente padece. “Nascemos fracos, precisamos de força; nascemos carentes de tudo, precisamos de assistência; nascemos estúpidos, precisamos de juízo. Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação” (ROUSSEAU,

2004, p. 09). Com isso, Rousseau (2004) pensa formar o homem inteiro, independente, conservando nele tanto os sentimentos naturais quanto a liberdade com a finalidade de formar um indivíduo consciente das necessidades do gênero humano. Assim, Emílio conserva os sentimentos naturais: tanto o amor de si quanto a piedade, a liberdade e a igualdade.

Capítulo 3

A educação negativa: formação do homem autônomo em Jean-Jacques Rousseau

3.1 A EDUCAÇÃO NEGATIVA

Rousseau (2004) pensa um novo caminho para a formação humana, a educação negativa, aquela que nega tudo o que é afirmado pela educação da sociedade. A educação negativa busca formar o homem reconhecendo a natureza humana, as peculiaridades constitutivas da infância e do homem como um todo. No Livro I do *Emílio* Rousseau (2004, p. 356) afirma: “querendo formar o homem da natureza”, e no Livro V, continua: “Depois de ter procurado formar o homem natural” (ROUSSEAU, 2004, p. 524). Uma formação que visa trabalhar no sentido de ir da potência ao ato, considerando as dimensões constitutivas do homem, sem escapar nenhuma delas.

Rousseau (2004, p. 16) afirma que “viver não é respirar, mas agir; é fazer uso de nossos órgãos, de nossos sentidos, de nossas faculdades, de todas as partes de nós mesmos que nos dão o sentimento de nossa existência”. Mas agir em favor da justiça e da moral supõe o uso correto da razão em vista da existência do homem e da humanidade. A todo homem assegura-se o direito de experimentar, vivenciar a natureza, as coisas, o mundo, a sentir a vida. Para Rousseau (2004, p. 16), “o homem que mais viveu não é o que contou maior número de anos, mas aquele que sentiu a vida”.

Sentir a vida não no sentido banalizado, comum no mundo contemporâneo, pelo contrário, sentir remete à ideia de se chegar à consciência de si, do mundo e da necessidade. Refere-se à consciência de estar no mundo, de existir, não no isolamento, mas na relação com o outro e, num certo sentido, o exercício de viver que leva o homem aos poucos à compreensão de si e do mundo. Aprende-se a ser homem sendo homem, confirmando sua humanidade. O fazer-se homem não diz respeito, necessariamente, ao número de anos que se viveu, mas como se viveu cada instante presente desta vida, pois só podemos deliberar sobre o presente. Não adianta ser enterrado aos cem anos e estar morto desde o dia do nascimento, pois assim não se aprendeu a ser homem. Antes morrer jovem e viver, do que morrer velho sem ter experimentado a vida (ROUSSEAU, 2004, p. 16).

Rousseau pensa que a natureza muda à intensidade da causa primitiva conforme a idade. Na criança, a vontade em ultrapassar os limites da força, do movimento do corpo, torna-se uma constância, ela quer provar para si mesma suas capacidades corporais. No idoso, a vontade é de aquietar-se, não somente a si mesmo, mas tudo à sua volta. A criança não é maldosa, a ação de formá-la que é lenta; nela é latente o amor-de-si, a piedade, a *perfectibilidade* e as necessidades. O que se apresenta é que muitas crianças, devido às necessidades de movimentar seus corpos, acabam por destruir os objetos, e isso se torna mais visível. Ela é julgada por suas atitudes naturais; a ação de destruir os objetos é mais rápida que a ação de se formar, assim, a criança é frequentemente exposta a opiniões, infortúnios e julgamentos que acabam por condenar inocentes.

Os idosos não são bondosos por natureza; os vícios, o orgulho, a vontade de dominar, as paixões e o amor-próprio apresentam-se enfraquecidos quando a velhice chega. Tanto a criança quanto o idoso são impotentes, cada qual possui a causa primitiva, “a força”, conforme a sua necessidade, uma para a vida e a outra para a morte.

Em primeiro lugar, a filosofia irá explicá-lo pelos vícios naturais: o orgulho, o espírito de dominação, o amor-próprio, a maldade do homem; o sentimento de sua fraqueza, poderá acrescentar ela, torna a criança ávida de fazer atos de força e de provar para si mesma seu próprio poder. Mas vede aquele velho fraco e alquebrado, trazido pelo ciclo da vida humana à fraqueza da infância: não apenas ele permanece imóvel e tranquilo, como também quer que o mesmo aconteça com tudo ao seu redor; a menor mudança perturba-o e o inquieta, e gostaria de ver reinar uma calma universal. Como a mesma impotência somada às mesmas paixões produziria efeitos tão diferentes nas duas idades, se a causa primitiva não houvesse mudado? E onde

encontraremos essa diversidade de causas a não ser na condição física dos dois indivíduos? O princípio ativo, comum a ambos, desenvolve-se num e extingue-se no outro; um se forma e o outro se destrói; um tende para a vida, o outro para a morte. A atividade enfraquecida concentra-se no coração do velho; no da criança ela é superabundante e se lança para fora; a criança sente-se, por assim dizer, com vida suficiente para animar tudo o que cerca. Pouco importa que faça ou desfaça; basta que mude o estado das coisas, e toda mudança é ação. Pois, se parece ter uma tendência maior para destruir, não é por maldade, mas porque a ação que forma é sempre lenta, e a que destrói, sendo mais rápida, contém mais à sua vivacidade. (ROUSSEAU, 2004, p. 56-57).

O “princípio ativo” inerente a cada fase é possibilitar que a natureza conduza a criança à vida. Retirado o julgamento dos adultos quanto ao comportamento dela, vê-se que age conforme a condição que lhe é prescrita; se por um lado a julgam por destruir velozmente o que a cerca, por outro é plausível que observem que o que ela forma demanda-se tempo. O tempo não é estabelecido pela vontade do adulto, mas conforme a necessidade: quanto mais lento, mais a criança adquire a capacidade de mobilidade física, até o momento que não destruirá o que a cerca por ato de vivacidade. No convívio com outros homens, quando tornar-se adulta, ela terá a possibilidade de perceber todos os malefícios oriundos do amor-próprio, das paixões e de tornar-se velha antes do tempo. Rousseau (2004) pensa quatro máximas imprescindíveis na formação do homem:

É preciso, portanto, facultar-lhes o emprego de todas as forças que ela lhes dá e que não poderiam abusar. Primeira máxima. É preciso ajudá-las a suprir o que lhes falta, quer em inteligência, quer em força, em tudo o que diz respeito à necessidade física. Segunda máxima. No auxílio que lhes prestamos, devemos limitar-nos unicamente ao realmente útil, sem nada conceber à fantasia ou ao desejo irrazoável, pois a fantasia não as atormentará enquanto não se a fizer nascer, dado que ela não pertence à natureza. Terceira máxima. É preciso estudar com atenção sua linguagem e seus sinais, para que, numa idade em que elas não sabem fingir, distingamos em seus desejos o que vem imediatamente da natureza e o que vem da opinião. Quarta máxima. (ROUSSEAU, 2004, p. 58).

Um dos princípios fundamentais da educação negativa é a questão do exercício da liberdade do tutor e da criança que está sendo formada. Um dos desafios é criar as condições para que Emílio faça sozinho aquilo que é capaz, a exemplo da natureza. Aqui há que se considerar a questão da dependência da criança e sua vulnerabilidade em cada situação em particular; não se pode perder de vista que ela precisa ser protegida, cuidada afim de que avance em seu desenvolvimento físico e intelectual. O trabalho

formativo se realizará limitando-as em seus desejos, conforme as suas forças,²⁹ ensinando-as a ter somente aquilo que são capazes de possuir, o que permitirá a seus corpos adquirir, lenta e livremente, a força necessária para o seu desenvolvimento. Assim, “é preciso ensiná-lo a se conservar enquanto homem, a suportar os golpes da sorte, a desafiar a opulência e a miséria, a viver, se preciso, nos gelos da Islândia ou sobre o ardente rochedo de Malta” (ROUSSEAU, 2004, p. 16).

Rousseau (2004) pensa a educação negativa, aquela que considera a natureza humana, e, sobretudo, trabalha no sentido de confirmar aquilo que é eminentemente tarefa do homem, ou seja, o exercício do pensamento, da liberdade e o uso correto da razão em vista da existência. Seu trabalho será o de orientar e criar as condições necessárias e fundamentais no sentido de favorecer o desenvolvimento de Emílio e prepará-lo para apreender conceitos, o conhecimento de si e sobre as coisas, nas palavras de Rousseau (2004, p. 32): “a educação natural deve tornar um homem próprio para todas as condições humanas”.

Essa educação consiste “não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em proteger o coração contra o vício e espírito contra o erro” (ROUSSEAU, 2004, p. 97).³⁰ “Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação” (ROUSSEAU, 2004, p. 9). A educação em sentido pleno é trabalho longo e lento, sem jamais supor o uso prematuro da razão, da apreensão dos conceitos, pois trabalho imaterial requer tempo, dedicação, disciplina, e, sobretudo, uma decisão pela melhoria de si e pelo reconhecimento do dever de cuidar da melhoria da humanidade.

Segundo Rousseau (2004, p. 32), a educação “deve tornar um homem próprio para todas as condições humanas”. Ela possui seus princípios na igualdade, estabelecida por tudo o que constitui a natureza do homem, que lhe dá a condição de igualdade. Assim, os homens são constituídos dos mesmos princípios naturais, independente de suas diferenças físicas. Os elementos inerentes à natureza humana são: o amor-de-si, a

²⁹ “Rousseau no *Emílio*: diz que o indivíduo passará por toda uma formação condizente com a natureza, servindo esta de base ao convívio social. Tem-se assim a liberdade, que surge com o nascimento do indivíduo, mas logo sufocada pelas diferentes formas de dominação que escravizam o homem, corrompendo-o moralmente. Daí a necessidade de uma tríplice forma de educação que conduzirá o homem à liberdade civil. Falamos assim da infância, período em que se inicia a educação como a primeira forma de domesticação da liberdade, dando-se conta de que “tudo degenera nas mãos do homem” (ROUSSEAU, 1995, p. 9)” (NETO, 2005, p. 408).

³⁰ Rousseau se opõe à educação positivista iluminista, conforme afirma Parry (2001, p. 252): “the positive method was that prevalent among Enlightenment thinkers on education who, from the standpoint of Rousseau’s critique, were merely repeating the educational erros of their opponents”.

piedade,³¹ a *perfectibilidade*, a solidão, a força, as necessidades, os desejos e temores, a liberdade. A educação negativa preserva todos os elementos que constituem a natureza humana, além de preservar a condição primitiva que unifica os homens a um só princípio, o de ser igual a si mesmo.

Esta objeção é forte e sólida. Mas terei dito que era coisa fácil uma educação natural? Ó homens! Será minha culpa se tornastes difícil tudo o que é bom? Percebo essas dificuldades, concordo; talvez sejam insuperáveis, mas também é verdade que nos esforçando para preveni-las, prevenimo-las até certo ponto. Mostro o alvo que devemos propor-nos; não digo que possamos alcançá-lo, mas sim que aquele que mais se aproxima dele será o mais bem sucedido. (ROUSSEAU, 2004, p. 99).

3.2 AS FASES DA EDUCAÇÃO NEGATIVA

Rousseau pensa quatro fases para a formação do Emílio, que se estende do nascimento à vida adulta. A primeira fase compreende a infância e o agir instintivo que suscita a potencialidade. A segunda fase, a da criança, ele desenvolve as habilidades corporais e amplia as percepções sensoriais. A terceira fase, a adolescência, aguça-lhe a curiosidade, aumenta a percepção tanto da observação quanto da compreensão do que está a sua volta. A quarta fase é o momento que ele pode fazer as escolhas por via da razão.

A primeira fase da educação negativa vai do nascimento até os 2 anos de idade, a criança semelha-se ao mundo permanente dos animais, o instinto diz o que sentem. É natural que a linguagem da primeira fase seja a do sentimento. Nela, o preceptor interfere e intervém somente quando ocorrer risco de morte. Ele não será um bajulador, não permitirá ser dominado por choros fantasiosos ou por teimosia, assim a criança

³¹ Segundo Carlota Boto (2005, p. 382), “O primeiro sentimento humano – que, como pressuposto, originaria todos os outros – era o amor de si; tanto na criança quanto no homem no estado de natureza. Em ambos, esse amor de si mesmo – “paixão primitiva, inata, anterior a qualquer outra e da qual todas as outras são, em certo sentido, senão modificações” (p. 232) – derivaria a habilidade de amar a todos os que de nós se aproximam: donde decorrem a piedade e o amor-próprio. A piedade – como já se viu – caracterizar-se-ia como um princípio de justiça intrínseco a qualquer ser humano, de acordo com o qual se desenvolve a habilidade de julgar como boas e como más nossas ações e as alheias. A consciência que surge daí consistiria em um tipo especial de sensibilidade – pelo qual serão socialmente originados julgamentos – para com o outro. Certo sentimento de compaixão pelas misérias alheias – posto basicamente na atitude mental de se pôr no lugar do outro, reconhecendo-se em seu sofrimento – gera, pelo exercício da piedade, a consciência social. É o amor por nós mesmos que nos leva à identificação com o próximo. Será essa mesma característica, porém, que nos conduzirá ao desejo de reconhecimento, à pretensão de distinção, de sermos correspondidos em nossas preferências, enfim, de sermos mais do que os outros”.

aprende que “vossas carícias não curarão sua dor de barriga” (ROUSSEAU, 2004, p. 59). Rousseau (2004) afirma que:

o único meio de curar ou prevenir esse hábito é não lhe dar nenhuma atenção. Ninguém gosta de fazer algo inutilmente, nem mesmo as crianças [...]quando choram por fantasia ou teimosia, um meio seguro de impedi-las de continuar é distraí-las com algum objeto agradável e marcante que as faça esquecer que queriam chorar. (ROUSSEAU, 2004, p. 60).

Segundo Rousseau (2004, p. 69), “se a criança for delicada, sensível, e naturalmente se puser a gritar por nada, dando gritos inúteis e sem consequência, logo secarei esta fonte”. O filósofo pensa sobre a natureza ativa da criança em seu processo formativo, ela participa do processo, mas não tem condições físicas nem intelectuais para conduzir-se e o preceptor precisa ter clareza disso. Assim, a inflexão de Emílio é moldada e articulada para que ele possa ser entendido, “a inflexão é a alma do discurso, dá-lhe o sentimento e a verdade. A inflexão mente menos que as palavras; talvez por isso seja tão temida pelas pessoas bem educadas” (ROUSSEAU, 2004, p. 65). A educação negativa garante que a criança aprenda o que é necessário aprender, que viva como criança, que desenvolva os seus sentidos, a força conforme as exigências naturais.

Na segunda fase da formação a criança aprende a falar corretamente, isso por volta de 2 anos de idade, sem afetação, a “afetação da fala e das atitudes é o que geralmente torna o contato com o francês repugnante e desagradável para as outras nações. Em vez de pôr acento no que fala, põe afetação. Não é essa a maneira de despertar a simpatia das pessoas” (ROUSSEAU, 2004, p. 65). Sem gritos, articulações exageradas, gaguejar e trejeitos, seus exemplos não são os homens que vivem na cidade ou os camponeses, isso implica em “aprender a dizer bem claramente e bem alto o que tem necessidade” (ROUSSEAU, 2004, p. 64), e:

Criados no campo com toda a rusticidade campestre, vossos filhos adquirirão uma voz mais sonora e não terão o confuso gaguejar das crianças da cidade. Tampouco contrairão as expressões e o tom da aldeia, ou pelo menos os perderão facilmente quando o preceptor, vivendo com eles desde o nascimento, e cada vez mais exclusivamente, prevenir ou cancelar, pela correção de sua linguagem, a impressão da linguagem dos camponeses. Emílio falará um francês tão puro quanto o posso conhecer, mas pronunciar-lo-á mais distintamente e o articulará muito melhor do que eu. (ROUSSEAU, 2004, p. 66).

Na infância, a “criança aprende a falar, a comer e andar aproximadamente ao mesmo tempo” (ROUSSEAU, 2004, p. 68), até quatro ou cinco anos de idade. Pelo

“efeito dos sinais que as crianças avaliam seus sentidos, não há outra convenção para elas: é muito raro chorar se estiver sozinha, a menos que tenha a esperança de ser ouvida” (ROUSSEAU, 2004, p. 70). Apresenta-se nesse caso a gênese da interpretação. Qualquer que seja a forma de atuação, faz-se necessário um agente ativo e outro passivo. Não é trivial dizer que tanto o ativo quanto o passivo são agentes ativos, e nesse caso, a criança agente só representa se estiver na presença do receptor. O receptor, no exemplo de Rousseau (2004) representado como o preceptor, agirá em concordância com a natureza e esperará a representação ativa (atuação) da criança (aos gritos ou berros) findar-se. Ao cessar, então ele passa a ensinar a criança em conformidade com a natureza, ensinando-a a controlar o medo e a conservar a tranquilidade.

Rousseau (2004) argumenta que a coragem advém de experiências exitosas quanto a suportar pequenas dores e a controlar os grandes infortúnios da vida:

Se cair, se ficar com um galo na cabeça, se sangrar pelo nariz, se cortar os dedos, em vez de me agitar ao seu redor com um jeito alarmado, ficarei tranquilo, pelo menos por um pouco de tempo. O mal está feito, é uma necessidade que ela o suporte e toda a minha diligência só serviria para assustá-la ainda mais e aumentar sua sensibilidade. No fundo, é menos o machucado do que o medo que atormenta, quando nos ferimos. Eu lhe pouparei pelo menos essa última angústia, pois com toda a certeza avaliará seu mal como verá que eu o avalio: se me vir acorrer com inquietação, consolá-la, ter pena dela, considerar-se-á perdida; se me vir conservar o sangue-frio, logo voltará a se tranquilizar e acreditará que o mal estará curado, quando já não o sentir. É nessa idade que se tomam as primeiras lições de coragem e, suportando sem pavor as dores leves, aprende-se aos poucos a suportar as grandes. (ROUSSEAU, 2004, p. 70).

A criança em contato direto com a natureza está sujeita a ferir-se, cresce conhecendo a dor, construindo a coragem que utilizará na vida adulta. O preceptor fará vistas grossas aos cuidados excessivos, evitará apenas que a criança corra risco de morte. Assim, “sofrer é a primeira coisa que ele [Emílio] deverá aprender, e a que ele terá maior necessidade de saber” (ROUSSEAU, 2004, p. 70).

Se a criança cair no chão, não quebrará a perna; se levar uma paulada, não quebrará o braço; se pegar um ferro afiado, não o apertará com muita força e não se cortará muito profundamente. Que eu saiba, nunca se viu uma criança em liberdade que se tenha matado, mutilado ou ferido seriamente, a menos que a tenham colocado impensadamente em lugares altos, ou a tenham deixado sozinha perto do fogo, ou perto de instrumentos perigosos. O que dizer desses montes de instrumentos que juntamos ao redor da criança para armá-la contra a dor, até que, tornando-se adulta, ela fique à mercê, sem coragem e sem experiência, e acredite morrer à primeira piscada e desmaie ao ver a primeira gota de sangue? (ROUSSEAU, 2004, p. 70).

A natureza convida o homem “para a vida humana” (ROUSSEAU, 2004, p.15), mas, primeiramente, deverá aprender a viver. Assim:

Antes da vocação dos pais, a natureza o chama para a vida humana. Viver é o ofício que quero ensinar-lhe. Ao sair de minhas mãos, concordo que não será nem magistrado, nem soldado, nem padre; será homem, em primeiro lugar; tudo o que um homem deve ser, ele será capaz de ser, se preciso, tão bem quanto qualquer outro; e, ainda que a fortuna o faça mudar de lugar, ele sempre estará no seu. (ROUSSEAU, 2004, p. 15).

A natureza não ultrapassa os limites da necessidade, sendo assim, a condição humana se dá como uma “unidade indivisível”,³² por isso a educação negativa abrange uma dependência natural, contrária à servidão. Mesmo com todo o cuidado com a criança, tomando todas as precauções, se seu corpo não está preparado para suportar as sensações e intempéries que a natureza impõe, ele padecerá, “trata menos de impedi-lo de morrer do que de fazê-lo viver” (ROUSSEAU, 2004, p. 16). E fazê-lo viver é possibilitar o contato direto com a natureza para que, de uma forma gratuita, ele se interaja diretamente com ela.

Segundo Rousseau (2004), a criança não sabe fingir, o choro expressa uma necessidade verdadeira, e cabe ao preceptor satisfazê-las, rapidamente, se possível. Com o passar do tempo, a criança fantasia algumas necessidades e o preceptor atento supre as verdadeiras e ignora as falsas, assim aprende que é inútil querer o que não é necessário. É impossível impedir que a criança crie fantasias, porém, a repressão cria fantasias perigosas, porque castigar é uma forma de criar um futuro escravo. Os mimos ou as palmadas servem apenas para solucionar o problema do momento presente, como as birras e o querer desnecessário; criar uma fantasia é multiplicar o orgulho. Antes de adquirir a moralidade, a criança faz o bem ou o mal, sem saber o que está fazendo.³³

É lento o processo para formar o homem, uma vez que a natureza vai fortalecer, aos poucos, o corpo, as capacidades fisiológicas e mentais. À medida que a criança cresce o equilíbrio entre corpo e mente se consolida, a inquietação, própria da infância,

³² Segundo Pereira (2005, p. 436), “Isolado Emílio da sociedade existente, Rousseau concebe-o como unidade indivisível; já o homem civil só é concebido a partir da sociedade e é unidade fracionária”.

³³ Segundo Rousseau (2004, p. 56), “só a razão nos ensina a conhecer o bem e o mal. A consciência que nos faz amar e odiar ao outro, embora independente da razão, não pode, pois, desenvolver-se sem ela. Antes da idade da razão, fazemos o bem e o mal sem sabê-lo e não há moralidade em nossas ações, embora às vezes exista no sentimento das ações de outrem que se relacionam conosco. Uma criança quer desarrumar tudo o que vê; parte e quebra tudo o que pode alcançar, segura um passarinho como pegaria numa pedra e o sufoca sem saber o que está fazendo”. Segundo Neto (2005, p. 408), “No Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens Rousseau descreve o processo de degeneração humana, mencionado no Emílio”.

cede lugar à moderação em relação ao movimento, ou seja, “a natureza não nos exige mais do que o movimento necessário para nossa conservação” (ROUSSEAU, 2004, p. 58).

O ato de deglutir antecede o ato de falar, uma vez que ambos utilizam os mesmos órgãos da fonação, portanto, as crianças antes de aprenderem a articular os sons imitativos da natureza aprendem a utilizá-los para nutrir-se. Para elas, suas “primeiras articulações que se as fizessem ouvir fossem raras, fáceis, distintas, repetidas muitas vezes, e que as palavras que elas exprimissem só se relacionassem com objetos sensíveis que pudessem ser mostrados” (ROUSSEAU, 2004, p. 62). Mesmo que possuam a capacidade de ouvirem desde o nascimento, o que escutam não é compreendido, pois são incapazes de escutarem os sons distintos como os adultos. Os ouvidos delas estão em formação, e, só depois, aos poucos, é que adquirem a compreensão dos sons. Por isso, não é de bom grado utilizar “uma multidão de palavras” (ROUSSEAU, 2004, p. 61), pois lhe serão inúteis, tanto para imitá-las quanto para entendê-las.

Segundo Rousseau (2004), a criança compreende o tom da voz, o modo como os adultos lhes falam. O tom da voz é a intensidade de forte, fraco, ou a emoção vocal, como: suave, arrogante, irônico, debochado, enérgico, delicado, raivoso, sereno e todas as possibilidades que a voz humana pode expressar. Diante de uma ação perigosa, a voz do adulto é de alerta, que é diferente da voz branda e suave emitida de quando a criança é alimentada. Ela está exposta ao sentimento (tom), ou seja, à inflexão vocal do adulto, assim, aos poucos começa a distinguir esses sentimentos (tons) ou inflexões. Não se apreende com palavras que não podem ser decodificadas e sentidas e assim aperfeiçoa a escuta, apurando os sons. O aprendizado da fala evita que a criança use o choro como forma de chamar a atenção do adulto. Um camponês aprende a usar a voz devido à necessidade de articulá-la para ser ouvido já na infância; a distância física o induz a emitir uma voz sonora e audível.

As reflexões nascem em profusão quando queremos ocupar-nos com a formação da linguagem e com as primeiras palavras das crianças. Façamos o que for, elas continuarão a aprender a falar da mesma maneira, e todas as especulações filosóficas são, neste caso, da maior inutilidade. (ROUSSEAU, 2004, p. 62).

A consciência de si é uma aquisição que nasce da natureza humana, ela surge quando a criança começa a perceber a sua existência. A capacidade de desenvolver a

sua memória ampliada, seu senso de identidade, que engloba a totalidade dos momentos de sua vida, refletem o estágio da formação humana; o indivíduo torna-se “verdadeiramente uno, o mesmo e, por conseguinte, já capaz de felicidade e de miséria. Portanto, é importante começar a considerá-lo agora como um ser moral” (ROUSSEAU, 2004, p.71-72).³⁴ E será o aprendizado no desenvolvimento da moralidade que *Emílio* aprende a julgar, já que o intuito de Rousseau (2004) é formá-lo para viver no convívio social.

Para não correremos atrás de quimeras, não esqueçamos do que convém à nossa condição. A humanidade tem seu lugar na ordem das coisas, e a infância tem o seu na ordem da vida humana: é preciso considerar o homem no homem e a criança na criança. Determinar para cada qual o seu lugar e ali fixá-lo, ordenar as paixões humanas conforme a constituição do homem, é tudo o que podemos fazer pelo seu bem-estar. (ROUSSEAU, 2004, p. 73-74).

Rousseau (2004) pensa que a felicidade existe quando há equilíbrio entre o desejo e a necessidade, o controle necessário dos sentimentos que possibilitam um equilíbrio emocional nas escolhas que são primordiais para a vida, que asseguram a própria humanidade em si mesma. É uma prática diária fazer com que a criança aprenda a amar o necessário, ensiná-la o sentido do amor-de-si e as possibilidades que permitirão ser vivenciados nas ações e nas escolhas. Somente o adulto sabe que nem tudo que a criança deseja é bom para ela, e para que aprenda a desejar somente o que lhe é vital é necessário ensiná-la.

Nada concedei a seus desejos porque ela o pede, mas porque precisa. Que ela não saiba o que é obediência quando age, nem o que é dominação quando age por ela. Que sinta de igual modo a sua liberdade em suas próprias ações e nas vossas. Supri a força que lhe falta exatamente na medida em que tem necessidade dela para ser livre, e não imperiosa; que, recebendo vossos serviços com uma espécie de humilhação, ela aspire ao momento em que poderá dispensá-los e terá a honra de servir a si mesma. (ROUSSEAU, 2004, p. 83).

Segundo Rousseau (2004, p. 87), “a natureza fez as crianças para serem amadas e socorridas” e não pequenos sábios que copiam as opiniões dos adultos e não estão direcionados para a liberdade de acordo com a sua idade. A capacidade de distinguir entre certo e errado ainda é limitada, pois apenas conseguem ter sensações, por isso o

³⁴ Segundo Vilmar Alves Pereira (2005, p. 450): “Os primeiros conceitos de moral começam a ser desenvolvidos no Livro IV do *Emílio*, no entanto ganham forma e expressão somente na obra *O contrato social*, especificamente na ideia de república proposta por Rousseau, em que, segundo ele, as leis possibilitarão que as ações humanas sejam realmente morais e livres”.

controle imposto pelos adultos é uma vontade externa. Por tal motivo, quando possível, elas se afastam deles e esforçam-se em impossibilitar todas as tentativas dos seus auxílios em prol do seu bem-estar. O preceptor exerce um controle dentro de um quadro singular de liberdade, esse controle em relação às coisas que as cercam exerce sobre elas uma vontade branda, imparcial e permanente. O resultado desse trabalho é a percepção, nas crianças, de uma liberdade natural. Se o adulto impõe autoridade, ensina para a criança o ressentimento, o que resulta em escravidão. A liberdade apropriada para a criança é mantê-la sob controle diante de uma dependência diretamente ligada à lei natural e deixá-la livre para desvelar o mundo que a circunda.

Tratai nosso aluno de acordo com a idade. Começai por colocá-lo em seu lugar, e conservai-o ali de tal modo que já não tente sair. Então, antes de saber o que é a sabedoria, ele praticará a sua importante lição. Nunca lhe ordeneis nada, qualquer coisa que seja, absolutamente nada. Não o deixeis nem mesmo imaginar que pretendeis ter alguma autoridade sobre ele. Saiba vosso aluno apenas que ele é fraco e vós sois forte e, por seu estado e pelo vosso, está necessariamente à vossa mercê; saiba-o, aprenda-o e sintá-o; sintá ele cedo sobre a sua cabeça altiva o jugo duro que a natureza impõe ao homem, o pesado jugo da necessidade, sob o qual todo ser finito deve dobrar-se; veja ele essa necessidade nas coisas, nunca no capricho dos homens; seja a força e o freio que o detêm, e não a autoridade. Não lhe proibas aquilo de que deve abster-se; impedi-o de fazê-lo, sem explicações nem raciocínios; o que lhe dais, dai-o à primeira palavra dele, sem pedidos, sem rogos e sobretudo sem condições. Dai com prazer, recusai somente com repugnância, mas que todas as vossas recusas sejam irrevogáveis; que nenhuma importunidade vos abale; que o não pronunciado seja um muro de bronze, contra o qual a criança não terá investido cinco ou seis vezes e já não tentará derrubá-lo. Dessa maneira, torná-lo-eis paciente, calmo, resignado, tranquilo, mesmo quando não tiver obtido o que queria, pois faz parte da natureza do homem suportar pacientemente a necessidade das coisas, mas não a má vontade do outro. A frase *não tem mais* é uma resposta contra a qual nunca criança alguma se revoltou, a menos que acreditasse que fosse mentira. De resto, neste ponto não há meio-termo: é preciso não exigir absolutamente nada dele, ou então dobrá-lo de início à mais perfeita obediência. A pior educação é deixá-lo flutuando entre as suas vontades e as vossas, e haver uma disputa contínua entre vós e ele para decidir quem mandará; a isso eu preferiria cem vezes mais que ele mandasse sempre. É muito estranho que, desde que se começaram a educar crianças, não se tenha imaginado outro instrumento para governá-las que não a rivalidade, o ciúme, a inveja, a vaidade, a avidez, o temor vil, todas as paixões mais perigosas, mais própria para fermentar e corromper a lama ainda antes que o corpo esteja formado. A cada ensinamento precoce que queremos inculcar em suas cabeças, plantamos um vício no fundo de seus corações; professores insensatos acreditam fazer maravilhas tornando-as más para lhes ensinar o que é bondade; e depois nos dizem com gravidade: assim é o homem. Sim, assim é o homem que fizestes. Tentaram-se todos os instrumentos, menos um, exatamente o único que pode dar certo: a liberdade bem regrada. (ROUSSEAU, 2004, p. 93-94, grifo do autor).

A “liberdade bem regrada” consiste em impossibilitar a criança de desviar do que lhe é inerente para não corromper a sua potencialidade humanitária, o agir em

conformidade com a piedade natural. A piedade natural não julga, por isso não se ensina a culpa, o castigo, a repressão, todo sentimento que leva a criança aprender a ofender e sentir-se ofendida. A causa de toda repressão é o ressentimento, o efeito dele é maior em quem carrega a culpa; devastador do sentimento humano, ele compromete e inverte os desejos, impossibilitando a bondade no homem. Por isso, a liberdade é ensinada para que o homem possa suportar com paciência as necessidades.

Não se deve tentar educar uma criança quando não se sabe conduzi-la para onde se quer unicamente através das leis do possível e do impossível. Sendo-lhe a esfera de um e de outro desconhecida, nós a ampliamos ou a estreitamos à sua volta à vontade. Prendemo-la, detemo-la unicamente com o laço da necessidade, sem que a criança reclame. Tornamo-la flexível e dócil somente pela força das coisas, sem que nenhum vício nela possa germinar, pois nunca as paixões se animam enquanto têm um efeito nulo. Não deis a vosso aluno nenhum tipo de lição verbal. Ele deve receber lições somente da experiência; não lhe ordeneis nenhum tipo de castigo, pois ele não sabe o que é ser culpado; não façais nunca com que peça desculpas, pois não saberia ofender-nos. Carente de qualquer moralidade em suas ações, ele nada pode fazer que seja moralmente mau e mereça castigo ou reprimenda. (ROUSSEAU, 2004, p. 94).

A proteção não é meramente contra os perigos eminentes de morte, estende-se a conhecimentos impróprios para a fase infantil da vida. É comum que as crianças da mesma idade saibam sobre diversos assuntos, mas não os compreendam. Convém ensinar a elas aquilo que são capazes de compreender, pois uma vez apreendido mal, dificilmente torna-se possível reverter a situação.³⁵

Rousseau (2004, p. 1) cita Sêneca na epígrafe do *Emílio*: “padecemos de males curáveis e, como nascemos para o bem, se quisermos nos emendar, a própria natureza nos ajuda”.³⁶ A natureza não ensina símbolos para a criança, ela mostra a coisa em si. O mundo representativo não é o mundo natural, a representação é simbólica, sendo assim, não convém ensiná-la as representações, pois a criança é incapaz de distinguir o símbolo do que ele representa.³⁷

A história funda-se na narratividade e pertence unicamente ao mundo da fantasia, não advém das necessidades reais, pois é pura abstração. Ela aborda as paixões

³⁵ Sêneca, em seu livro *Da Ira*, afirma: “A educação requer o máximo de atenção, havendo ela de ser de enorme proveito. É sem dúvida fácil moldar as almas ainda tenras, mas dificilmente são cortadas os vícios que cresceram conosco” (SÊNECA, 2014, p. 129).

³⁶ No original, “*Sanalilibus agrotamus malis; ipsaque nos in rectum fenitos natura, si emendari velimus, juvat. Sen: de irâ. L. II. C. 13*” (ROUSSEAU, 2004, p. 01).

³⁷ É o que se vê hoje em dia, as crianças não convivem com os seres que vivem na natureza, algumas nunca viram uma vaca, uma galinha, uma plantação de milho, elas acabam por fantasiar a natureza, pensam que encontram essas coisas somente no supermercado.

humanas, as agonias, os sofrimentos, as vitórias, por isso necessita unicamente de compreensão para saber o seu significado. Nada significa para a criança informar-se de tantos nomes, feitos de homens e de outros países, se ela não estiver apta para compreendê-los, não lhe afetará em nada desconhecer histórias. Longe da história ela está separada e protegida tanto das fábulas quanto das ideias abstratas,³⁸ pois ambas estão vertidas a uma moral velada. E assim permanecerá no caminho rumo à “verdade nua”, antes mesmo de compreender o que é julgamento. Aprenderá a citar os nomes de coisas que conhece para que possa atribuir o mesmo sentido do qual representa, evitando palavras que podem induzir a criação de imagens desfiguradas da realidade.

Conservar na criança o amor-de-si e a piedade fará com que ela sinta aversão e abominação aos erros sociais. Isso faz parte do ensino para que ela possa compreender o ato praticado e que as ações têm consequências. Se fizer algo errado que contraria a natureza, senti-lo-á funestamente e a incomodará, dissipando em si toda a vontade de repeti-lo. A recusa em relação ao vício em si mesmo é uma questão de prudência, ministrado desde cedo torna-se a garantia para corrigir os erros contra as virtudes em potência. Na formação do Emílio, para as correções não será utilizado nenhum tipo de agressão física, evitar-se-á assim o ressentimento e o ódio.

Segundo Rousseau (2004), até que a criança consiga entender o próprio ato praticado leva-se um período lento e longo, mas os efeitos são duradouros. Ela não é naturalmente mentirosa, mente para esconder algo que desagrade seu preceptor ou para proteger algo que lhe agrada. O que resta fazer é impedir que as motivações sejam suscitadas, evitando assim o que agrada ou desagrade, e possibilitando aprender com o impulso que vem de si para corrigir o erro da mentira. O controle inferido pelo preceptor é natural, como uma força que possibilita a garantia do senso de liberdade e permite a ação direta da natureza dela agindo por si mesma, sem a necessidade de mentir.

Emílio aprende que existem ocupações que não são prazerosas, mas de extrema necessidade, por isso ele as aprende desde cedo, assim é instruído para entender que nem tudo na vida é agradável, que existem ocupações que são totalmente desagradáveis,

³⁸ Para Rousseau (2004, p. 128), “Emílio não aprenderá nada de cor, nem mesmo fábula, nem mesmo as de La Fontaine, por mais ingênuas e encantadoras que sejam; pois as palavras das fábulas são as fábulas tanto quanto as palavras da história são a história. Como podemos ser tão cegos a ponto de chamar as fábulas de a moral das crianças, sem imaginar que o apólogo, ao diverti-las, engana-as, que, seduzidas pela mentira, elas deixam escapar a verdade e que o que fazemos para tornar agradável a instrução impede-as de tirar proveito dela? As fábulas podem instruir os homens, mas devemos dizer a verdade nua para as crianças; quando a cobrimos com um véu, elas não se dão ao trabalho de retirá-lo”.

porém necessárias e vitais. Somente quando chegar a fase adulta compreenderá o motivo pelo qual aprendeu coisas desagradáveis quando era criança. Nessa fase, por meio dos órgãos dos sentidos, ele começa a demonstrar capacidade de desenvolver a inteligência.

Uma criança é menor do que um homem; não tem nem a sua força, nem a sua razão, mas vê e ouve tão bem quanto ele, ou quase; tem o gosto igualmente sensível, embora menos delicado, e distingue da mesma maneira os odores, embora não lhes imprima a mesma sensualidade. As primeiras faculdades que se formam e se aperfeiçoam em nós são os sentidos. São, portanto, as primeiras faculdades que seria preciso cultivar; são as únicas que são esquecidas, ou as mais desdenhadas. Exercitar os sentidos não é apenas fazer uso deles, mas aprender a bem julgar através deles é aprender, por assim dizer, a sentir; pois nós não sabemos nem tocar, nem ver, nem ouvir a não ser da maneira como aprendemos. (ROUSSEAU, 2004, p. 159-160).³⁹

A terceira fase na formação vai dos doze até os dezesseis (a adolescência).⁴⁰ Por volta de doze anos, Emílio está provido de boa saúde e de vigor físico robusto, apto às condições físicas impostas pela natureza, tranquilo, cheio de vida, modesto, dotado do amor-de-si e cultivador da piedade. Ele desconhece a sociedade, o amor-próprio, as paixões, a corrupção, a vaidade, a insolência, os vícios, não atormenta o preceptor, tampouco conhece a polidez e em seu vocabulário não verbaliza as palavras das quais não sabe o significado. Não aprendeu a decorar frases prontas ou ditos refinados, pois não é uma mercadoria:

Quando se trata de examinar a criança, fazem-no desembulhar sua mercadoria; ele a exhibe, todos ficam contentes; em seguida, ele embrulha de novo o pacote e vai embora. Meu aluno não é tão rico assim, não tem pacote para desembulhar, nada tem para mostrar, a não ser ele mesmo. (ROUSSEAU, 2004, p. 209).

Emílio possui poucas e simples ideias que se apresentam como ele é, dotado de sua própria natureza, aprende por meio dela. Comparado aos meninos de sua idade possui a leitura do mundo diferenciada, ele não aprende com os livros, observa a partir dos sentidos aquilo que o circunda. Ele compreende tudo que diz e é capaz de julgar,

³⁹ Segundo Wright (2015, p. 89-90, grifo nosso): “A criança não pode ter um raciocínio de natureza abstrata, mas é capaz de mostrar todo tipo de inteligência e engenhosidade em meio às coisas que cercam. Sua cabeça é repleta de imagens e vazia de quaisquer ideias reais, sendo a imagem a figura mental de um objeto de seu mundo, e a ideia, uma inteligência do objeto em suas várias relações. Assim, ela terá perfeito conhecimento de uma pedra que cai muito antes de ter qualquer ideia de lei da gravidade. O máximo que pode fazer com as imagens é combiná-las em algo que podemos chamar de uma ideia simples, e o processo de fazê-lo abrange todo o raciocínio de que ela é capaz. É uma espécie de *razão sensível*”.

⁴⁰ Sobre a adolescência, Cf. ROUSSEAU, 2004, p. 294.

sabe diferenciar aquilo que faz sem danificar a si mesmo e a seus semelhantes, bem julga seus feitos, desconhece uma ordem dada, mas se pedirem com moderação ele atende com presteza. Ao pedir algo, se atendido, fica satisfeito e demonstra gratidão, nasce o desejo de retribuir a ação bondosa. Se o pedido não for atendido, permanece em paz consigo e com o outro, não perturba com insistência, tampouco com queixumes. Ele é livre, seus gestos demonstram sua habilidade de acordo com a liberdade que lhe pertence (ROUSSEAU, 2004, p. 207).

Ao explorar o mundo, Emílio busca responder as perguntas que surgem; diante de uma situação de perigo, mantém a calma e encontra uma forma de sanar o problema, diferente dos outros meninos da sua idade, “julga, raciocina e prevê melhor do que eles” (ROUSSEAU, 2004, p. 208). Ao findar a terceira fase ele terá aproveitado todas as suas capacidades naturais e ativado por completo a inteligência que uma criança natural da sua idade pode ter.

Da fase da criança até a adolescência, Emílio passará por um momento em que a sua força será maior do que as suas necessidades, seus ossos e músculos não terão as forças de um homem adulto, mas terão habilidades semelhantes. Para evitar que aprenda coisas que jamais poderá dominar e sentir-se orgulhoso, ensinar-lhe-á as mais úteis. Assim, forma-se a mente conformada com a natureza humana, distanciada de assuntos que são familiares aos meninos da mesma idade:

A inteligência humana tem seus limites. Não somente um homem não pode saber tudo, como nem pode saber completamente o pouco que sabem os outros homens. Já que a contraditória de cada proposição falsa é uma verdade, o número das verdades é inesgotável, assim como o dos erros. Há, portanto, uma escolha das coisas que devemos ensinar, assim como do tempo próprio para ensiná-las. Dos conhecimentos que estão ao nosso alcance, uns são falsos, outros são inúteis e outros servem para alimentar o orgulho de quem os tem. Os poucos que realmente contribuem para o nosso bem-estar são os únicos dignos das pesquisas de um homem sábio e, portanto, de uma criança que queiramos tornar sábia. Não se trata de saber o que existe, mas apenas o que é útil. (ROUSSEAU, 2004, p. 213).

Emílio aprende os motivos pelos quais seu guia dispõe para conduzi-lo, além do que lhe é útil tanto para capacitá-lo quanto para fazê-lo homem, confirmar a humanidade existente nele e compreender o que possibilita ir da potência ao ato. Na medida em que passa a perceber a utilidade das coisas, permite-se caminhar conforme si mesmo, a testar os seus estudos e escolhê-los por sua conta. Nessa fase ele já possui a capacidade de compreender a utilidade, mas ainda não é capaz de julgar.

A curiosidade conduz Emílio a tentar descobrir tudo o que existe à sua volta. Observar aquilo que lhe seja útil possibilita o caminho para a descoberta, uma vez que é atento a todas as coisas e encontra sentido para aquilo que busca. Não é a quantidade de coisas que ele aprende, mas a qualidade daquilo que supre as necessidades vitais. Ao descobrir algo novo, o preceptor o estimula a continuar o processo para novas buscas, e, assim, ele se ocupa com os estímulos da curiosidade. Também é estimulada a sua curiosidade para ver o que está diante de seus olhos, que “nada ele saiba porque lho dissestes, mas porque ele próprio compreendeu; não aprenda ele a ciência, mas a invente” (ROUSSEAU, 2004, p. 216).

O sol, o solo, as estrelas são os elementos naturais que dão a direção geográfica e astronômica. Emílio parte da coisa em si, observa os astros, a terra, a água e os elementos da natureza. Observar o sol é uma experiência sensível que lhe possibilita compreender a sua ação, onde nasce ou se põe. Dia após dia, apreende uma novidade sobre ele, até conseguir formular o que faz de um dia para o outro, o que o leva, discretamente, tentar descobrir o motivo pelo qual nasce de manhã e se põe ao anoitecer em locais e horários diferenciados (ROUSSEAU, 2004, p. 218). Quando ele desvela esse mistério, passa a compreender de fato e, assim, permanece livre para investigar o que acontece com outros elementos naturais que lhe incidem diretamente.

Emílio aprende geografia pela distância entre dois pontos diferentes que tem o hábito de percorrer. Desenha o trajeto percorrido com tudo aquilo que vê e assim tem um mapa próprio. Ele desenha o seu mapa conforme a sua compreensão, além de fazer um sobre o seu entendimento. Experimenta tudo que o cerca, cria sua própria bússola com a ajuda do seu preceptor.⁴¹ Ao criar tudo o que deve e pode alcançar, Emílio terá domínio da sua própria curiosidade, crescimento e aprendizado, em seu valor real das coisas e do mundo, compreensão do seu esforço próprio.

Rousseau (2004) reconhece o trabalho como uma ocupação necessária na formação do homem. Emílio aprende a ser marceneiro, “um ofício, uma arte puramente mecânica, em que as mãos trabalham mais que a cabeça e que não leva a riqueza, mas com o qual podemos dispensá-la” (ROUSSEAU, 2004, p. 263). Ao inventar e descobrir

⁴¹ Rousseau (2004, p. 228-229) demonstra que um simples truque de mágica pode levar Emílio a compreender o processo físico para a construção de uma bússola: “Tendo aprendido que o ímã age através dos outros corpos, não temos nada de mais urgente do que fazer uma máquina parecida com a que vimos: uma mesa oca, uma bacia muito rasa sobre essa mesa, cheia de algumas poucas polegadas de água, um pato feito com um pouco mais de esmero, etc. Muitas vezes atento ao redor da bacia, observamos afinal que o pato em repouso assume sempre aproximadamente a mesma direção, constatamos que é a que vai do sul para o norte. Não é preciso mais: nossa bússola foi encontrada, ou coisa que o valha; eis-nos na física”.

as coisas e o modo com que os homens vivem, Emílio desenvolve os sentidos e as capacidades de compreensão, está a um passo de ativar a razão que está em potência. Por isso ele foi formado para o trabalho como fazem os camponeses, observando como os filósofos e sendo ativo em todos os tipos de ação.

Dir-me-ão que estou saindo da natureza, mas não creio. Ela escolhe os seus instrumentos e os afina, não pela opinião, mas pela necessidade. Ora, as necessidades mudam conforme a situação dos homens. Há muita diferença entre o homem natural que vive no estado de natureza e o homem natural que vive no estado de sociedade. Emílio não é um selvagem a ser relegado aos desertos: é um selvagem feito para morar nas cidades. É preciso que saiba encontrar nela o necessário, tirar partido dos habitantes e viver, senão como eles, pelo menos com eles. Já que, em meio a tantas relações novas de que dependerá, será preciso, mesmo contra a sua vontade, que ele julgue, ensinemos-lhe a bem julgar. (ROUSSEAU, 2004, p. 278).

Por ação da *perfectibilidade*, Emílio avança à fase que pode desenvolver sua percepção somente por meio das imagens e, neste momento, pode também trabalhar com as ideias e julgá-las. Todo julgamento decorre de uma série de fatores, o exemplo do bastão reto imerso parcialmente na água, posto em uma posição perpendicular, demonstra que toda imagem é produzida por uma sensação visível, porém, essa é uma verdade literal que torna impossível mentir sobre uma imagem dada, mas “mostrar-lhe como se deve agir para sempre descobrir a verdade” (ROUSSEAU, 2004, p. 278).

A ideia e o ato de julgamento surgem da comparação das duas imagens dadas, ou seja, o bastão reto e o mesmo imerso na água parece simples, mas pode ser julgado erroneamente. O erro consiste em afirmar que o bastão está quebrado. Esse exemplo pode ser aplicado a todas as sensações e juízos, os erros humanos nascem quando são formadas as ideias ou são oriundos de julgamento. Por tal motivo, o preceptor tem o cuidado para que o seu aluno “nunca se apressa em julgar; julga somente pela evidência” (ROUSSEAU, 2004, p. 279). O preceptor certifica-se de que o aluno descubra por si mesmo o que acontece com o bastão, que ao caminhar à sua volta, perceba que o ponto quebrado também gira e que, ao tocar na água, transforma-se em ziguezague e ao esvaziarmos o copo, vemo-lo reto.⁴²

Obrigado a aprender por si mesmo, usa a razão e não a de outrem; pois, para nada dar à opinião, é preciso nada dar à autoridade, e a maioria de nossos erros provém muito menos de nós do que dos outros. Desse exercício contínuo deve resultar um vigor de espírito semelhante ao que o corpo ganha

⁴² Segundo Rousseau (2004, p. 280), “Emílio nunca saberá dióptrica, ou então quero que ele aprenda em torno desse bastão”.

com o trabalho e a fadiga. Outra vantagem é que avançamos proporcionalmente às nossas forças. Assim como o corpo, o espírito só carrega o que pode carregar. Quando o entendimento se apossa das coisas antes de depositá-las na memória, o que extrai delas em seguida é dele. Ao passo que, sobrecarregando a memória sem saber, corremos o risco de nunca tirar dela o que seja nosso. (ROUSSEAU, 2004, p. 281).

A quarta fase na formação, a partir dos 16 anos de idade até a vida adulta, corresponde a idade da razão. Nessa fase Emílio compreende tudo o que se relaciona com ele (ROUSSEAU, 2004, p. 285-514). Formado para viver na sociedade, ele permanece com sua consciência natural. Assim, cuida-se da autonomia do juízo moral no processo formativo e ensina-se a julgar, para mantê-lo longe dos perigos da sociedade. Educado para não chamar atenção em favor de si nem dos outros, ele desenvolve a espontaneidade, apresenta-se aos outros como é, sem aparências e espetáculos. Autêntico, anda na contramão em relação aos homens da sociedade, uma vez que prefere a si mesmo em todas as intenções do seu coração e permanece distante do que é contrário a si. Longe de possuir a indiferença, não é cortês nem mascarado, pois não se interessa pelos males alheios; fala somente o necessário, não tem opiniões sobre os outros, enfim, tem bom senso. Utiliza a prudência, sem necessidade dos vícios, hábitos e costumes do homem social.⁴³ Chega-se assim até a juventude distante dos preconceitos da sociedade, sabe evitá-los de acordo com a sua razão. Limitado à natureza, Emílio vive como um homem livre. Ele conserva em si mesmo as paixões naturais, nascidas do amor-de-si, elas são sentidas, “são muito limitadas, são instrumentos de nossa liberdade, tendem a nos conservar” (ROUSSEAU, 2004, p. 287), todas as suas atitudes nascem do amor-de-si.

Assim, o que torna o homem essencialmente bom é ter poucas necessidades e pouco se comparar com os outros; o que o torna essencialmente mau é ter muitas necessidades e dar muita atenção à opinião. A partir desse princípio, é fácil ver como podemos dirigir para o bem ou para o mal todas as paixões das crianças e dos homens. É verdade que, não podemos viver sempre sozinhos, dificilmente serão sempre boas; essa dificuldade até mesmo aumentará necessariamente com suas relações, e é nisso sobretudo que os perigos da sociedade nos tornam a arte e os trabalhos mais indispensáveis para prevenir

⁴³ Segundo Geraint Parry (2001, p. 251), “If Émile is not to be educated by society he must be educated by “nature.” He must learn in a spontaneous, unforced manner. The secret of teaching, especially in the earliest stages, is to do nothing. It would be entirely wrong to conclude from this that Rousseau can be invoked in support of an extreme libertarianism according to which the child is free to discover what it will. This is to ignore the context of Rousseau’s critique of society and his fear of its contamination. The child is not free to learn what it will since, without guidance, it is as likely to explore corruption as discover goodness, Émile’s education is intended to be highly disciplined, but the discipline is to come from nature, not society”.

no coração humano a depravação que nasce de suas novas necessidades. (ROUSSEAU, 2004, p. 289-290).

Quando surgirem as questões sexuais, o preceptor tem cuidado ao expô-las à Emílio com vistas a evitar que sejam despertadas de forma sugestiva e lasciva, suscitando nele a imaginação de coisas que lhe são dadas pelos adultos,⁴⁴ ou de forma sigilosa com hostilidade, quando tratam um assunto que deveria ser natural de forma cômica. Precaver é o caminho que preserva a inocência, até que o instinto dite o que se deve fazer e, assim, retardar-se-á adequadamente a sua chegada.

A *perfectibilidade* garante na juventude, de maneira gradativa e ascendente, que Emílio desenvolva a sua sensibilidade. No convívio com os outros, ele adquire um novo sentimento de simpatia, pois havia desfrutado até então somente dos sentimentos da inocência própria da criança que é diferente daqueles que o homem adulto racional pode ter. A criança vive no seu mundo e ao adquirir a razão passa a compreender e sentir as alegrias e as tristezas alheias a si, assim, já desenvolve a capacidade de se colocar no lugar dos outros.⁴⁵ Tanto a compreensão quanto a simpatia podem ser exercitadas, a fim de aperfeiçoá-lo em um ser moral, e exercê-las no mundo humano, ao adquirir a compreensão de si mesmo. O preceptor auxilia para que seja garantido que o amor-de-si e a piedade estejam alinhados junto à razão,⁴⁶ para que não sejam confundidos e pervertidos.

⁴⁴ No *Segundo Discurso*, Rousseau (1983b, p. 256) afirma que a “imaginação, que determina tantos prejuízos entre nós, não atinge corações selvagens; cada um recebe calmamente o impulso da natureza, entrega-se a ele sem escolha, com mais prazer do que furor, e, uma vez satisfeita a necessidade, extingue-se todo o desejo”. No Emílio, o filósofo afirma que a “espécie dessas paixões, não tendo semente no coração das crianças, não pode nascer nele por si mesma; somos nós que a levamos a ele, e elas jamais criam raízes nele, a não ser por culpa nossa” (ROUSSEAU, 2004, p. 291), e acrescenta “essa curiosidade [sobre o sexo] não lhes ocorre sem que a tenhamos provocado. Portanto, é preciso agir de tal modo que elas não a tenham” (ROUSSEAU, 2004, p. 294).

⁴⁵ Segundo Rousseau (2004, p. 324-325): “Tendo Emílio até o presente olhado apenas para si mesmo, o primeiro olhar que lança a seus semelhantes leva-o a comparar-se a eles, e o primeiro sentimento que excita nele esta comparação é desejar o primeiro lugar. Eis o ponto em que o amor de si transforma-se em amor-próprio e onde começam a nascer todas as paixões que dele dependem. Mas, para saber se as paixões que prevalecerão em seu caráter serão humanas e doces ou cruéis e malélicas, se serão paixões de benevolência e de comiseração ou de inveja e cobiça, é preciso saber que lugar ele julgará ser o seu em meio aos homens, e que tipo de obstáculos acreditará ter de vencer para chegar ao lugar que pretende de ocupar. Para guiá-lo nessa busca, depois de lhe ter mostrado os homens pelos acidentes comuns à espécie, é preciso agora mostrar-lhes por suas diferenças. Aqui se dá a medida da desigualdade natural e civil, assim o quadro de toda a ordem social. É preciso estudar a sociedade pelos homens, e os homens pela sociedade; quem quiser tratar separadamente a política e a moral nada entenderá de nenhuma das duas”.

⁴⁶ Segundo Rousseau (2004, p. 304), a piedade é o “primeiro sentimento relativo que toca o coração humano conforme a ordem da natureza. Para tornar-se sensível e piedosa, é preciso que a criança saiba que existem seres semelhantes a ela que sofrem o que ela sofreu, que sentem as dores que ela sentiu e outras que deve ter ideia de que também poderá sofrer. De fato, como nos deixaremos comover pela piedade, a não ser saindo de nós mesmos e identificando-nos com o animal que sofre e deixando, por assim dizer, nosso ser para assumir o seu? Só sofremos na medida em que julgamos que ele sofre; não é

Nos apegamos a nossos semelhantes menos pelo sentimento de seus prazeres do que pelo de seus sofrimentos, pois vemos muito melhor nisso a identidade de nossas naturezas e as garantias de seu apego por nós. Se nossas necessidades comuns nos unem por interesse, nossas misérias comuns nos unem por afeição. O aspecto de um homem feliz inspira aos outros menos amor do que inveja; de bom grado acusariam-no de usurpar um direito que não tem, ao criar para si mesmo uma felicidade exclusiva, e o amor-próprio também sofre ao nos fazer sentir que tal homem não tem nenhuma necessidade de nós. Mas quem não tem pena do infeliz que vê sofrer? Quem não gostaria de libertá-lo dos males, se bastasse um desejo para tanto? A imaginação coloca-nos no lugar do miserável mais do que no lugar do homem feliz; sentimos que uma dessas condições nos diz respeito mais de perto do que a outro. A piedade é doce, porque ao nos colocarmos no lugar de quem sofre sentimos, no entanto, o prazer de não sofrer como ele. A inveja é amarga, na medida em que o aspecto de um homem feliz, longe de colocar o invejoso em seu lugar, dá-lhe a tristeza de não estar nele. Parece que um nos tira os males de que sofre e outro nos subtrai os bens de que goza. (ROUSSEAU, 2004, p. 301-302).

Não ter pressa para introduzir Emílio na sociedade composta de homens de “duas faces”, cheia de garotos prodígios e que carregam consigo somente o luxo e o poder é o que garante êxito na formação do homem que distancia-se dos vícios oriundos da sociedade. A fortuna é um vício nascido do amor próprio, que causa no homem social os sentimentos de ambição e inveja, deturpa-lhes os sentidos, e Emílio não incorre neste perigo, ele não foi educado para adquirir os vícios sociais, tampouco fazem parte do seu campo de visão, é poupado dos infortúnios, dos miseráveis da sociedade, das ostentações dos ricos, das angústias e das admirações espetaculosas. Por conservar em sua natureza a piedade natural, ao deparar-se com a humanidade sofredora vista nos homens de menos fortuna, e ver o sofrimento igualado ao natural e, portanto, treinado à solidariedade, sob uma benevolência racional, ele não sente os exageros do homem social.

Naturalmente os homens não são nem reis, nem nobres, nem cortesãos, nem ricos, todos nasceram nus e pobres, todos sujeitos às misérias da vida, às tristezas, aos males, às necessidades, às dores de toda espécie; enfim, todos são condenados à morte. Eis o que realmente pertence ao homem; eis aquilo que nenhum mortal está isento. Começai, pois, por estudar na natureza humana o que lhe é mais inseparável, o que melhor caracteriza a humanidade. (ROUSSEAU, 2004, p. 302).

em nós, mas nele que sofremos. Assim, ninguém se torna sensível a não ser quando sua imaginação se excita e começa a transportá-la para fora de si”.

Emílio conhece seus semelhantes por aquilo que lhe é comum, livre do orgulho e dos preconceitos sociais, das invejas dos homens, das brigas por bens, e está preparado para enfrentar todo o tipo de desigualdade. A formação natural permite:

Excitar nele a bondade, a humanidade, a comiseração, a benevolência, todas as paixões atraentes e doces que agradam naturalmente aos homens e impedir que nasçam a inveja, a cobiça, o ódio, todas as paixões repugnantes e cruéis, que, por assim dizer, tornam a sensibilidade não somente nula, mas negativa, e fazem o tormento de quem as experimenta. (ROUSSEAU, 2004, p. 304).

Emílio já pode conhecer os homens que vivem na sociedade, os preconceitos sociais que eles possuem, mesmo assim, o seu olhar não será de pertencimento e sim de observador. Ele aprende sobre todo o tipo de transformação sofrida na vida dos homens, seus hábitos e costumes, e após conhecer essa forma de vida antinatural, fica aterrorizado. O preceptor cuida de não transformar esse choque em desprezo, e sim que ele continue a apiedar-se dos seus semelhantes.⁴⁷

De acordo com Rousseau (2004), isso não pode ocorrer com os homens com quem Emílio convive, mas com aqueles que estão distantes dele. O possível é colocá-lo no convívio de homens que lhe inspirem solidariedade, benevolência e amor para o cultivo da piedade, distante dos homens que caíram no erro e no vício, a fim de que não sinta desprezo ou ódio. Para despertar a piedade, o preceptor lhe apresenta todos os infortúnios dos homens, chega o momento para que ele possa estudar história.⁴⁸ Emílio “é homem, interessa-se por seus irmãos; é equitativo e julga seus pares” (ROUSSEAU, 2004, p. 339). Assim, permanece preservado de querer imitar os feitos dos exemplos encontrados nos livros, pois são “as nossas paixões que nos irritam contra as paixões dos outros; é nosso interesse que nos faz odiar os maus; se eles não nos fizessem mal nenhum, teríamos por eles mais pena que ódio” (ROUSSEAU, 2004, p. 338).

a arte maior do professor consiste aqui em provocar as ocasiões e dirigir as exortações de maneira que ele saiba antecipadamente quando o jovem irá ceder e quando irá teimar, a fim de cercá-lo por todos os lados com as lições da experiência, sem jamais expô-lo a perigos muito grandes. Avisai-o de seus erros antes que ele os cometa; quando os tiver cometido, não o repreveis; não

⁴⁷ Rousseau afirma (2004, p. 309): “ensinai nosso aluno a amar todos os homens, mesmo os que o menosprezam; fazei com que não se situe em nenhuma classe, mas que reconheça em todas; diante dele, falai do gênero humano com ternura, até mesmo com piedade, mas nunca com desprezo. Homem, não desonres o homem”.

⁴⁸ Segundo Rousseau (2004, p. 328): “Para conhecer os homens, é preciso vê-los agir. No mundo, ouvimo-los falar; eles mostram seus discursos e escondem suas ações; na história, porém, elas são reveladas e julgamo-los pelos fatos. Suas próprias palavras ajudam-nos a apreciá-los, pois, comparando o que fazem com o que dizem, vemos ao mesmo tempo o que são e o que querem parecer; quanto mais se disfarçam, melhor o conhecemos”.

faréis mais do que excitar e revoltar o seu amor-próprio. (ROUSSEAU, 2004, p. 343-344).

Emílio “não se deixe arrastar nem pelas paixões nem pela opinião dos homens” (ROUSSEAU, 2004, p. 356). Ele aprende a arte, a literatura, as ciências sociais, a religião, a ética e a metafísica. Estuda a história, os registros dos que foram os homens que o antecederam, a política e a ética. Adquire a compreensão do homem social, da metafísica e da religião. Estuda o modo de vida do homem social, seus gostos, hábitos e costumes. Assim, compreende que ele “não é o homem do homem, mas o homem da natureza” (ROUSSEAU, 2004, p. 354), pois o “homem do homem” é o homem formado na sociedade, enquanto o “homem da natureza” é o homem formado para ser o homem constituído plenamente daquilo que faz o homem ser homem, o ser como saiu da mão da própria natureza, dotado do amor-de-si, da piedade natural de forma genérica.

Rousseau (2005) afirma que Emílio está apto para estudar o *Contrato Social*, uma nova constituição,⁴⁹ já que a metafísica tem seus princípios firmados nas questões éticas.⁵⁰ E assim, o ser moral é aquele que age conforme a natureza, sendo ela boa em si mesma, o homem é capaz de conservar a natureza humana e conseqüentemente a bondade original:

O princípio fundamental de toda a moral, sobre o qual refleti em todos os meus escritos, e que desenvolvi nesse último com toda clareza de que era capaz, é que o homem é um ser naturalmente bom, que ama a justiça e a ordem, que não há nenhuma perversidade originária em seu coração, e que os primeiros impulsos da natureza são sempre corretos. Fiz ver que a única paixão que nasce com o homem, a saber, o amor de si, é uma paixão em si mesma indiferente quanto ao bem e ao mal, que só se torna boa ou má por acidente e segundo as circunstâncias em que se desenvolve. Mostrei que todos os vícios que se imputam ao coração humano não lhe são em absoluto naturais; falei da maneira como nascem e, por assim dizer, segui sua genealogia, mostrando como, por uma contínua deterioração de sua bondade originária, os homens se tornam, enfim, o que são. (ROUSSEAU, 2005, p. 48).

3.3 O HOMEM AUTÔNOMO

Depois de examinar a formação do homem social, de mostrar a degeneração que se segue dessa formação e de refutá-la veementemente, Rousseau (2004, p. 11) pensa a

⁴⁹ Rousseau afirma (2004, p. 355): “deixei de lado como artificial o que era de um povo e não de outro, de uma categoria social e não de outra, e só considerei como incontestavelmente pertencente ao homem o que era comum a todos, em qualquer idade, em qualquer situação social e em qualquer nação”.

⁵⁰ Cf. Ibid., p. 372-449.

formação do homem autônomo, aquele que “é tudo para si mesmo; é a unidade numérica, o inteiro absoluto, que só se relaciona consigo mesmo ou com seu semelhante”, dotado de todas as capacidades naturais. Formar o homem autônomo supõe valorizar a natureza e a capacidade de raciocínio da criança, formando-a tanto para a vida social quanto para a conservação da liberdade com vistas à pensar e agir conforme a sabedoria, a moralidade, o autodomínio, a capacidade de ouvir a voz da consciência e possuir acima de tudo a autenticidade. Esse trabalho intelectual e espiritual de formação do homem autônomo se fundamenta em uma ação interior do bem agir, detentora e executante da vontade autônoma, pautada na escolha correta com vistas à virtude. Essa formação é possível, pois Rousseau (2006) considera a natureza e tudo que lhe corresponde, principalmente na fase da criança, quer dizer, ele reconhece e considera que o cérebro possui a “maleabilidade que o torna próprio a receber toda espécie de impressões” (ROUSSEAU, 2006, p. 501), e:

todas as ideias relativas à condição de homem, todas as que dizem respeito à sua felicidade e o esclarecem sobre seus deveres nele sejam gravadas cedo em caracteres indelévels e lhe sirvam para conduzir-se, durante sua vida, de uma forma que convenha a seu ser e suas faculdades. (ROUSSEAU, 2006, p. 501).

Segundo Rousseau (2006, p. 500), “de todas as faculdades do homem, a memória é a primeira que se desenvolve e é a mais fácil de cultivar”. Quanto à da criança, não é ociosa, “tudo o que vê, tudo o que ouve a impressiona e ela o lembra” (ROUSSEAU, 2006, p. 501). As ações são registradas nela, quando escuta a conversa dos homens ou memoriza o que está ao seu alcance, na formação até quando tiver a capacidade de julgamento, a memória a acompanha durante toda a vida, do nascimento até a velhice. É nesse contexto, o da formação da criança, que o exemplo exerce uma força inquestionável:

É na escolha desses assuntos, é no cuidado de apresentar-lhe sem cessar os que deve conhecer e de esconder-lhe os que deve ignorar que consiste a verdadeira arte de cultivar a primeira de suas faculdades e é por esse caminho que se deve procurar formar um acervo de conhecimentos que serve para sua educação durante a juventude e para sua conduta em todas as épocas. (ROUSSEAU, 2006, p. 501).

A aranha faz a teia conforme a necessidade e a força, assim Rousseau (2004, p. 76) pensa o homem: “Meçamos o raio de nossa esfera e permaneçamos no centro, como o inseto no meio de sua teia; sempre bastaremos a nós mesmos e não teremos de nos

queixar de nossa fraqueza, pois nunca a sentiremos”. Assim, Rousseau (2004) quer formar um homem que compreende tanto o que quer quanto o que pode, entendendo que a força é equitativa ao contentamento que se tem de si mesmo e a fraqueza se justifica quando ele deseja estar acima da humanidade. O homem lança o raio e traça a esfera, quando existe o equilíbrio entre limite e possibilidade existe a felicidade, já que ela está diretamente ligada em suprir as necessidades da condição humana. “Se quiserdes prolongar pela vida inteira o efeito de uma boa educação, conservai ao longo da juventude os bons hábitos da infância, e, quando vosso aluno for o que deve ser, fazei com que seja o mesmo em todos os tempos” (ROUSSEAU, 2004, p. 636). Isso porque o aprendizado é guardado na memória e se reflete nas ações, contudo, “o homem regrado, porém, sempre volta às antigas práticas, e nem na velhice perde o gosto pelos prazeres que amava quando criança” (ROUSSEAU, 2004, p. 636-637).

É impossível formar o homem autônomo na sociedade instituída pela propriedade, Rousseau (2004) pensa em uma nova constituição social no *Contrato Social*. A criança que é formada para ter discernimento em suas ações terá bom senso em suas escolhas, porque escolherá somente o que lhe é necessário. “Emílio é um homem de bom senso, e não quer ser outra coisa; por mais que se queira insultá-lo com essa qualificação, ele sempre se sentirá honrado com ela” (ROUSSEAU, 2004, p. 489).

A honra consiste em como ele se apresenta, não lhe interessando nada que seja alheio a si mesmo, assim, dos bens materiais nada lhe interessa, porque a virtude não nasce deles, o sábio observa e não imita e comete os erros que o tolo faz, e é por tal motivo que “Emílio não será como todo o mundo” (ROUSSEAU, 2004, p. 488), não será o “homem de duas faces”, que parece ser o que não é, vive preocupado com a opinião e atribui as ações em prol do interesse particular. Emílio não será um cidadão, porque o cidadão, além de ser formado na sociedade, representa uma função estabelecida por ela. Emílio será um homem, carregará consigo “uma justa opinião das coisas” (ROUSSEAU, 2006, p. 494). Aprenderá a viver considerando a existência do outro como um ser semelhante. “Sua maneira de apresentar-se não é nem modesta nem vaidosa, mas natural e verdadeira; não conhece nem embaraço, nem disfarce, e é no meio de uma roda o que é quando está sozinho e sem testemunhas” (ROUSSEAU, 2004, p. 484), pois será formado livre de máscaras, dos excessos e das representações, dos adornos da vida social e da etiqueta.

Embora em geral Emílio não estime os homens, não lhes demonstrará desprezo, porque tem pena deles e se enternece com eles. Não podendo dar-lhes o gosto pelos bens reais, deixa-lhes os bens da opinião com que eles se contentam, para que, privando-os inutilmente deles, não os torne mais infelizes do que antes. Assim, não é nem questionador nem contraditor; tampouco é complacente e adulator; diz a sua opinião sem combater a de ninguém, porque ama a liberdade acima de todas as coisas e a franqueza é um de seus mais belos direitos. Fala pouco, por que se preocupa com que se ocupem com ele, pela mesma razão por que só diz coisas úteis; caso contrário, o que o levaria a falar? Emílio é instruído demais para ser tagarela. O palavreiro bem necessariamente ou da pretensão de espírito, de que falarei mais adiante, ou do valor que damos a bagatelas, às quais cremos tolamente que os outros dão tanta atenção quanto nós. Quem conhece coisas bastantes para dar a cada uma o seu real valor nunca fala demais, pois também sabe apreciar a atenção que se lhe presta e o interesse que se tem por suas palavras. Em geral as pessoas que sabem pouco falam muito e as que sabem muito falam pouco. É comum que um ignorante ache importante tudo o que sabe e o diga a todos, mas um homem instruído não abre facilmente seu repertório; teria coisas demais a dizer e vê ainda mais coisa a dizer depois; cala-se (ROUSSEAU, 2004, p. 484-485).

Assim será formado Emílio: “para viver com os homens, deve conhecê-los. Conhece o homem em geral; falta-lhe conhecer os indivíduos. Sabe o que se faz na sociedade; falta-lhe ver como se vive nela” (ROUSSEAU, 2004, p. 471). Ele possui uma vida simples, vive conforme o que possui, foi educado conforme a “ordem natural, sendo os homens todos iguais, sua vocação comum é a condição de homem, e quem quer que seja bem educado para tal condição não pode preencher mal as outras relacionadas com ela” (ROUSSEAU, 2004, p. 14-15). A piedade natural está assegurada no coração dele, porque “a bondade no homem é o amor por seus semelhantes” (ROUSSEAU, 2005, p. 70). Ele age conforme o dever, assim, faz o que deve ser feito; mesmo que sinta inquietude ou agitação, compreende as necessidades e está sujeito a “condição de homem” (ROUSSEAU, 2004, p. 638). Aprendeu a estimar a natureza, a simplicidade e a desprezar o luxo e as riquezas (ROUSSEAU, 2004, p. 638), escuta a voz da consciência que diz “sê homem; mantém teu coração dentro dos limites da tua condição” (ROUSSEAU, 2004, p. 658). Rico ou pobre ele será livre, por toda a terra, pois quebrou as correntes da opinião, aprendeu e conhece somente o que é necessário para viver (ROUSSEAU, 2004, p. 699).

Emílio, que, nada tendo feito na infância que não fosse voluntário e feito com prazer, ao continuar a agir da mesma forma quando adulto só acrescenta o domínio do hábito às doçuras da liberdade. A vida ativa, o trabalho braçal, o exercício, o movimento tornaram-se de tal modo necessários para ele, que não poderia renunciar a eles sem sofrer. (ROUSSEAU, 2004, p. 637).

Emílio se manteve longe dos vícios sociais, do ciúme e da dependência. O homem natural não conhece o mal, primeiramente possui somente a conservação, que o leva a cuidar de si mesmo por toda a vida. Segundo Rousseau (2004), a criança desconhece a maldade, por isso, ao nascer lhe é inerente a bondade originária análoga a condição humana do estado natural, e se não tiver contato com os vícios sociais não os praticará. Por isso, a educação tem o papel de prevenir o contato com eles a fim de evitar que se desenvolvam e posteriormente tornem-se hábitos. Assim, “trabalhamos de concerto com a natureza, e enquanto ela forma o homem físico nós procuramos formar o homem moral” (ROUSSEAU, 2004, p. 450). Ele age conforme o seu coração, seu amor o protege contra os males sociais. Está conservado em seu coração o sentimento de proteção, a preocupação para proteger algo ou alguém que gosta.

Emílio é simples porque conserva em si o amor, sentimento inato da existência humana que está diretamente ligado ao bem estar e antecede a inteligência. Conservar a natureza implica em conservar as necessidades, o respeito aos semelhantes, as qualidades puras da natureza que estão em si mesmo, tais como: amor-de-si, a piedade natural, a *perfectibilidade*, a prudência, a liberdade. Não se transfere o bem natural, primeiramente sentimos, posteriormente conhecemos, por isso, são distintas as ideias adquiridas dos sentimentos naturais. Não aprendemos a querer o bem como também não aprendemos a evitar o mal, mas essa vontade nos é dada pela natureza, por isso, amar o que é bom e sentir aversão ao que é mal torna-se tão natural como o amor de si.

Agir com consciência é agir com sentimento. As ideias são adquiridas e advindas de fora de nós. Diferente das ideias, os sentimentos são memorizados e as apreciam em nossas mentes, sendo assim, somente eles nos permitem conhecer e escolher o que é justo ou injusto. O homem também é um ser naturalmente moral, e por isso possui a relação tanto com ele mesmo quanto com o seu semelhante. A consciência lhe permite perceber, por meio da razão, que amar o bem é um sentimento inato: “Só a razão nos ensina a conhecer o bem e o mal. A consciência que nos faz amar a um e odiar ao outro, embora independente da razão, não pode, pois, desenvolver-se sem ela” (ROUSSEAU, 2004, p. 56).

Para tanto só é preciso fazer com que distingamos nossas ideias adquiridas e nossos sentimentos naturais, pois sentimos antes de conhecer, e, como não aprendemos a querer o nosso bem e a evitar nosso mal, mas recebemos essa vontade da natureza, também o amor do bom e o ódio ao mau são-nos tão naturais quanto o amor de nós mesmos. Os atos da consciência não são juízos, mas sentimentos. Embora todas as nossas ideias nos venham de fora,

os sentimentos que as apreciam estão dentro de nós e é só por eles que conhecemos a conveniência ou inconveniência que existe entre nós e as coisas que devemos respeitar ou evitar. Para nós, existir é sentir; nossa sensibilidade é incontestavelmente anterior à nossa inteligência, e tivemos sentimentos antes de ter ideias. Seja qual for a causa de nosso ser, ele proveu à nossa conservação dando-nos sentimentos convenientes à nossa natureza, e não se poderia negar que pelo menos aqueles sejam inatos. Esses sentimentos, quanto ao indivíduo, são amor de si, o temor da dor, o horror à morte e o desejo de bem-estar. Mas se, como não podemos duvidar, o homem é sociável por natureza, ou pelo menos é feito para tornar-se tal, só pode sê-lo através de outros sentimentos inatos, relativos à sua espécie, pois, considerando apenas a necessidade física, ele deve certamente dispersar os homens, em vez de os aproximar. Ora, é do sistema moral formado por essa dupla relação, consigo mesmo e com seus semelhantes, que nasce o impulso da consciência. Conhecer o bem não é amá-lo; mas, assim que a sua razão faz com que o conheça, sua consciência leva-o a amá-lo: é este sentimento que é inato (ROUSSEAU, 2004, p. 410-411).

Rousseau (2004) pensa em formar o homem que compreende em si a exata medida entre o querer e o poder, que consegue escutar a voz da consciência, que é a lei instaurada no coração, e é ela que dita a moralidade conforme a natureza. A consciência coloca em prática o dever; não deixando de expressar o sentimento advindo da natureza, conserva o amor-de-si e a piedade. Emílio está destinado a ser o homem natural tanto nos lugares em que estiver quanto no que for exercer na vida social, a exemplo da profissão, sendo assim, ele é exemplo de educação para todos os homens da ordem civil.

Todo homem está destinado a receber a educação da natureza, assim pensa Rousseau (2004), em outras palavras, Emílio projeta a perfeição humana. Mesmo que seja impossível realizá-lo na prática, a ideia que ele elucida torna-se um caminho para compreender a possibilidade em observar caminhos educacionais outrora não pensados. Uma ideia é válida para o homem do dia a dia, se existe um exemplo, pode utilizá-lo na construção de saberes que visam um mundo mais justo e feliz. O homem é constituído por uma natureza e, ao reconhecê-la, compreende a felicidade. O pensamento de Rousseau (2004, 1983d) triunfou tanto na formação do homem quanto nos princípios do direito para resguardar a liberdade perdida no estado civil.

Emílio não será influenciado nem por opiniões nem por paixões; por sua formação, pode viver em qualquer lugar que escolher e distante dos costumes sociais. Sabe se comportar na sociedade como homem, compreende e cumpre os deveres humanos; foi educado para o exercício da liberdade moral, primeiro desenvolve os sentimentos naturais e posteriormente aprende os deveres para com seus semelhantes. Não cresceu em meio aos homens na sociedade, não se habituou a sentir como semelhantes os homens formados nela, porém foi educado para ser benevolente com

eles e com a sua família, portanto é sociável, não aprendeu a amar a sociedade, mas ama os homens. Aprende a perceber que existe dentro de cada ser humano a humanidade.

Emílio já adulto tem como exemplo os princípios do direito político e toma-os como referência quando for analisar as formas de governo. No livro V do *Emílio*, Rousseau (2006) afirma que Emílio já está apto para se casar e preservar o que é natural; sua futura esposa será Sofia. Ele faz uma viagem com a finalidade de conhecer os possíveis lugares onde se pode viver, para posteriormente escolher onde viverá comodamente. Ele foi educado conforme a natureza e aprendeu a enfrentar as condições sem sofrer, soube intervir diretamente diante delas. Aprendeu enquanto criança a acostumar-se “como os camponeses, a andar ao sol, ao frio com a cabeça descoberta, a esfalfar-se, a suar, a enrijecer-se com eles as injúrias do ar” (ROUSSEAU, 2006, p. 491), tornou-se robusto e senhor de si, por isso, pode se adaptar em qualquer lugar que escolher para viver, será um homem autônomo, pois sabe que a liberdade moral é um estado de espírito que independe das circunstâncias.

Rousseau pensa ser possível formar o homem autônomo e uma nova sociedade, se os homens comprometerem com a educação para a autonomia e a liberdade. A sociedade é formada por homens que vivem juntos, não são perfeitos, porque já se distanciaram do seu estado originário. Mas não é porque estão distantes e impossibilitados de voltar ao passado para fazer uma escolha diferente e rever o caminho que seguiram e que os fizeram degenerar o amor-de-si e a piedade que estarão eternamente presos nessa condição. Eles podem fazer uma nova escolha, e criar possibilidades de recomeçar, assumir a humanidade, fazer o agir humano eclodir em uma nova experiência, dada no equilíbrio entre a força e a necessidade. Não é por acaso que Rousseau pensa o percurso que o homem fez até se degenerar; é pensando nesse caminho que pode apontar e direcioná-lo a reconstruir o ser humano, em sua totalidade, na verdade, no altruísmo, no desinteresse, na despreensão, no desapego e na autonomia. Nada impede o ser humano trabalhar no sentido de buscar formar homens.

A consciência é a força que Emílio tem para enfrentar a realidade como ela se apresenta, sendo assim, ele possui a capacidade de julgar o estado presente, enfrenta os fatos com autonomia, inteiro, porque ao recusar o homem social, ele julga os fundamentos que o faz ver o ser em questão, não precisando de representação em seu nome. Decide e resolve as questões diante de si, mesmo reconhecendo que o progresso das ciências e das artes não o legitima. A solidão lhe é inerente, mas porta em si mesmo o universo. Ele busca o princípio, a origem, reconhece que aprende por ação da

memória, assim constrói o percurso do pensamento, por meio dos atos vividos, práticos, ações diárias aprendidas na natureza, longe da banalidade do útil ou dito por outrem. Vivendo na sociedade ele a nega, e assim, por sua ação de exemplo de vida, ensina a retirar as máscaras sociais, demonstrando em seus exemplos o homem autônomo.

Educar Emílio, o homem autônomo, não é tarefa que se realize do dia para a noite, ele não é um reproduzidor do que fazem os adultos na sociedade. Ele é o ser que sente, que carrega consigo o sentimento da humanidade, não é mecanicista, pensa antes de praticar qualquer ato, sabe o que faz e se coloca no lugar do seu semelhante. Que não explora o outro e escuta a voz da interioridade, da consciência; porque aprendeu a justa medida das coisas, expressa a alegria em estar vivo e pode usufruir da vida em cada fase que ela permite viver. É nesse sentido que aprende a equilibrar a força e a necessidade, é por isso que Emílio nunca as ultrapassa, porque aprendeu a não danificar nem ultrapassar seus limites.

Assim, Rousseau põe em questão a importância do trabalho intelectual de controlar os sentimentos, de entender a diferença entre sentimento e histeria. Sentir é agir com sabedoria, é saborear a vida na justa medida, enquanto a histeria é o desregramento, é a falta de limite, por isso que é uma forma de vida injusta. Compreender essa diferença é ter consciência de que sentir não é exagerar. O exagero é a degeneração visível das aparências; na sociedade a representação intensifica, fortifica, alimenta todos os excessos que promovem a vida do homem social. Ele se apresenta por um ato de exagero, mostrando aos outros os seus bens de consumo adquiridos e assim é tido como o melhor. Exagerar é a representação do agir por luxo, ganância e ostentação. O exagerado ultrapassa as necessidades reafirmando a sociedade voltada para o consumo e é manipulado pelos valores cultuados por ela.

Emílio é uma construção utópica, não existente no presente, nunca existirá no futuro, apenas aproximar-se-á dela. O ser humano é inconformado, ele nunca está satisfeito com a sua condição, ele é rebelde e isso ocorre devido a sua qualidade inata de ser um agente livre. Inquieto em sua natureza, com a condição em que está, vive sempre em busca do novo, constantemente recria o mundo e se recria. A utopia é uma criação humana, sendo assim, ela existe somente no imaginário que possibilita pensar a possível *perfectibilidade* humana, o equilíbrio entre as forças, as reais necessidades e a felicidade.

Rousseau nos ~~permite~~ provoca a pensar o plano do possível, em rever os preconceitos, as posturas pedagógicas e a formação humana, que está em constante

mudança. ~~Respeitar~~ Reconhecer e considerar-as fases do desenvolvimento da criança é o caminho para preservar aquilo que constitui a humanidade, a fim de evitar os preconceitos que deformam a consciência e afastam o homem da possibilidade de construção e exercício da autonomia. A formação preocupada em formar o homem autônomo é aquela que é plena em qualquer momento da vida. O homem autônomo não está sujeito à opinião alheia a si mesmo, sabe suportar os obstáculos, aprende a respeitar o tempo e a condição humana. O olhar voltado para si, a reflexão do que é o homem, qual o sentido da existência, a consciência do que é ser bom e justo, isso é a autonomia. Ela é a justa medida do pensamento quando a ação é condizente com o desejo e a necessidade.

O homem autônomo não prejudica o semelhante, não deseja ao outro aquilo que rejeita para si mesmo. Por isso, ele jamais prescreverá uma lei que seja injusta, que não esteja em conformidade com a consciência e que desrespeite outrem. Ele não se calará diante de uma injustiça, estará disposto a fazer tudo o que for possível para que os outros cresçam com ele, o crescimento intelectual enquanto respeito, dignidade, altruísmo, compreensão dos limites e das necessidades vitais.

Rousseau é contratualista e Emílio é o homem que foi educado para viver na sociedade, ou seja, a construção utópica no plano do necessário e do possível. Emílio é o homem natural que vive na sociedade e age em conformidade com a sua consciência no plano do possível. Agir é pensar, refletir, compreender, definir, é fazer o que de fato deve ser feito, escolher em conformidade com a integridade humana. Por isso, não é omissivo ao que faz parte do ser humano, escolhe ser feliz ao ponto de construir, em uma vida livre, a possibilidade de obter a excelência humana como finalidade tanto no fazer quanto no agir, e vive a vida pensando o mundo como deve ser.

O homem autônomo vê e lê o mundo, julga, por meio dos fundamentos compreende os fatos, assim ele não necessita de ninguém para explicar o que deve ou não fazer. Como homem ele sabe o que deve ser feito, toma a decisão somente depois de pensar. Assim, ele questiona o mundo e a si mesmo, evita o dogmatismo porque está sempre em contato com o novo, pois estabelece consigo mesmo o pleno exercício da vitalidade. Porque “para ser alguma coisa, para ser si mesmo e sempre uno, é preciso agir como se fala; é preciso estar sempre decidido a respeito do partido a tomar, tomá-lo abertamente e continuar sempre com ele” (ROUSSEAU, 2004, p. 12).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a sociedade civil é resultado do discurso enganador que legitima a desigualdade moral entre os homens, e por decorrência a apropriação dos bens produzidos, então a razão não passou de um instrumento para o bem estar de alguns. Mas, como os homens são seres insatisfeitos, a piedade natural os impulsionam a buscar um modo para recuperar a humanidade perdida no percurso do que se convencionou chamar de civilização (GUIMARÃES, 2004). Espera-se que os homens encontrem alternativas de recuperar a humanidade perdida e refazer o percurso para garantir o que lhes pertencem em potência. Para isso escolherão ter a consciência das necessidades e o uso correto da força para supri-las. É impossível escolher agir conforme a liberdade moral sem o auxílio da educação, já que ensinar o homem amar aquilo que necessita para construção e afirmação da humanidade inerente a si é atributo da responsabilidade coletiva. Vivendo com seus semelhantes ele terá a capacidade de escolher o que de fato é primordial para a vida humana.

Se questionarmos a educação negativa pensada por Rousseau e a educação doméstica pensada na contemporaneidade refletiremos que elas são contrapostas, visto que a educação negativa dada a Emílio preserva a humanidade nele, corrobora para a formação respeitando cada fase, direcionando e confirmando a cada desenvolvimento as potencialidades inerentes. O homem não se faz sozinho, depende dos pais, dos vizinhos, dos professores, da comunidade em que vive, e é entre os homens que ele aprende com pequenos gestos a ser homem, a ser educado, solidário, prestativo e a exercer a humanidade. Privado do convívio social, Rousseau mostra que o homem se distancia do que é por natureza, se desumaniza, pois é aprendendo que os homens são diferentes que ele confirma o que é acidente, o que é acidental não configura moralidade. A cor de pele, a opção sexual, a diferença da altura entre os homens não passam de acidente. O que estiver à margem desse acaso é construído para separar, excluir e distanciá-los. Sem o convívio com o diferente, sem reconhecer a diferença não existe a possibilidade de entender a beleza da diversidade constitutiva da vida comunitária.

Diante das reflexões, argumentos e proposições de Rousseau ao contexto a que pertenceu, parece correto inferir que a educação doméstica reivindicada por muitos em nossos dias constitui um risco ou uma ameaça à experiência da convivência, da socialização, da vivência de experiências coletivas, pois ao que parece, a educação

doméstica fortalece o egoísmo, a indiferença, o preconceito, a discriminação, a intolerância, impossibilita a diversidade e tudo o que distancia o homem de si mesmo.

Rousseau não só refuta a formação que impede e dificulta o trabalho intelectual de fazer-se homem, mas está na contramão do homem desumano. Ele está preocupado em formar o homem que exerça a liberdade moral, isso depende da integração dele na sociedade por meio do pacto social, que além de desenvolvê-la, potencialize toda a ação humana em prol do que faz necessário para garantir escolhas justas. Assim, suas reflexões e rigor ao mostrar a estrutura e lógica da sociedade civil e da educação positiva nos provoca a pensar os desafios nos dias atuais, põe no centro do debate a questão da formação humana em sentido amplo, quer dizer, para além da mera domesticação e inibição do uso da liberdade do pensamento, do exercício da razão em vista de si e da coletividade.

Rousseau nos faz pensar o quanto a sociedade atual forma homens desumanos, replicando a educação positiva, repetindo práticas pedagógicas de adestramento e desumanidade. Ensinando as crianças e os jovens a serem preconceituosos e alimentando com os exemplos sociais a reproduzirem o que desfigura e deforma o homem. Egoístas, fúteis e artificiais, vemos todos os dias homens degenerarem em uma sociedade orientada pelo lucro e a ostentação. Por isso a infância é o período de preservação, toda a potencialidade trabalhada para que a obra final seja dotada de liberdade moral, um homem apto a fazer a escolha certa na hora certa. Isso implica em se aproximar do correto, daquilo que é justo, do que se deve ser feito e saber exatamente o que não pode ser feito. É um esforço compartilhado, entre todos em prol do fortalecimento e formação humana, porque sem ele não existe igualdade, muito menos liberdade, e sem estes dois elementos primordiais para a vida humana existe somente domínio e doutrinação. Rousseau nos provoca a pensar sobre a importância de preservar o que é inerente ao homem nas fases da formação para garantir um futuro de fato humano.

O exame sobre o pensamento de Rousseau, sobretudo a obra *Emílio* mostrou que a formação humana em conformidade com a natureza e potencialidade humana não se realiza sem angustias, embates, conflitos e disputas. Faz-se necessário reconhecer que a formação humana é responsabilidade dos humanos. Rousseau pensou um aluno imaginário, uma possibilidade de reestabelecer o homem em sua integridade natural. Ele revelou os erros da tradição filosófica que estabelecia o homem civil com aspectos do homem natural, ao fazer a distinção de ambos, mostrou que o homem civil degenerado

não forma o homem autônomo. A autonomia supõe a conservação dos elementos constitutivos da condição humana, ou seja, a bondade, o respeito, a integridade, o altruísmo, a tolerância. Ensinar requer que o aluno entenda o sentido do tornar-se humano, de compreender as necessidades que o levarão a praticar a humanidade, para que ele possa dar importância a cada feito sem suscitar as paixões e a ganância. Equilibrar a força e a necessidade é o início do caminho para a construção e exercício da autonomia, e isso se dá do nascimento à fase adulta, é um trabalho que se realiza diariamente, considerando sobretudo o exemplo, o agir em vista da fazer-se homem e da construção e preservação da coletividade, Rousseau mostra que essa educação trabalha no sentido de formar homens e não monstros.

O pensamento de Rousseau é um sistema filosófico que se abre a tantas questões fundamentais no que concerne a formação humana e, assim, o presente estudo corrobora que não chegamos a um ponto fixo, a um conhecimento fechado. Chegamos a reflexões, inferências que são possibilidades que se abrem a novos estudos sobre a formação humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARISTÓTELES. **Sobre a alma**. Tradução: Ana Maria Lóio. Revisão científica: Tomás Calvo Martinez. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2010.

BOTO, Carlota. O Emílio como categoria operatória do pensamento rousseauiano. *In*: MARQUES, José Oscar de Almeida (org.). **Verdades e mentira: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau**. Ijuí: Ed. Unijuí. 2005, p. 369-387.

DERATHÉ, Robert. **Rousseau e a ciência política de seu tempo**. Tradução: Natalia Maruyama. São Paulo: Editora Barcarolla, 2009.

GATTI, Roberto. **Rousseau**. Tradução: Alessandra Siedschlag. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

GUIMARÃES, Ged. Rousseau e a recusa da formação do homem à venda. *In*: BORGES, Bruno Gonçalves; SILVA, Sérgio Pereira da (org.). **Filosofia da educação e formação de professores: contribuições da filosofia para pensar a educação**. 1. ed. Jundiaí – SP: PACO, 2017, p. 311-331.

GUIMARÃES, Ged. **A recusa da sociedade do espetáculo no processo de formação do homem autônomo: um estudo da abordagem de Rousseau**. Belo Horizonte: UFMG/FAE, 2004.

NETO, Manoel Dionizio. Liberdade e educação em Rousseau: da infância à adolescência. *In*: MARQUES, José Oscar de Almeida (org.). **Verdades e mentira: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau**. Ijuí: Ed. Unijuí. 2005, p. 407-432.

PARRY, Geraint. Émile: learning to be men, womwn, and citizens. *In*: RILEY, Patrick (org.). **The Cambridge companion to Rousseau**. New York: Cambridge University Press, 2001, p. 247-271.

PEREIRA, Vilma Alves. A defesa de uma pedagogia da natureza na obra Emílio ou da Educação, de Rousseau. *In*: MARQUES, José Oscar de Almeida (org.). **Verdades e mentira: 30 ensaios em torno de Jean-Jacques Rousseau**. Ijuí: Ed. Unijuí. 2005, p. 433-451.

PISSARA, Maria Constança Peres. A tolerância intolerante do outro. *In*: SILVA, Genildo Ferreira da (org.). **Rousseau e o iluminismo**. Salvador: Arcádia, 2009, p. 155-167.

PLATÃO, 427 – 347 a.c. **A República** / Platão. Tradução: Leonel Vallandro. – [Ed. Especial] – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

PRADO JUNIOR, Bento. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. Organização e apresentação: Franklin de Mattos. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre as ciências e as artes**. Tradução: Lourdes Santos Machado. Introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983a.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução: Lourdes Santos Machado. Introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983b.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Ensaio sobre a origem das línguas**. Tradução: Lourdes Santos Machado. Introdução e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural. 1983c.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Do contrato social**. Tradução: Lourdes Santos Machado. Introduções e notas de Paul Arbousse-Bastide e Lourival Gomes Machado. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983d.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a D'Alembert**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio, ou, Da educação**. Tradução: Roberto Leal Ferreira. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Carta a Christophe de Beumont e outros escritos sobre a religião e a moral**. Organização e apresentação: José Oscar de Almeida Marques; tradução de José Oscar de Almeida Marques... [et al.]. - São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Júlia ou A Nova Heloísa**. Tradução: Fúlvia Maria Luiza Moretto. 2. ed. São Paulo. Editora: Hucitec, 2006.

SÊNECA. **Sobre a ira. Sobre a tranquilidade da alma**. Tradução, introdução e notas: José Educado S. Lohner. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2014.

STAROBINSKI, Jean. **A transparência e o obstáculo**; seguidos de Sete ensaios sobre Rousseau. Tradução: Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WRIGHT, Ernest Hunter. Emílio: a educação natural. *In*: BENJAMIN, César (org.). **Estudos sobre Rousseau**. Tradução: César Benjamin; Eliana Aguiar; Vera Ribeiro Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015, p. 67-109.